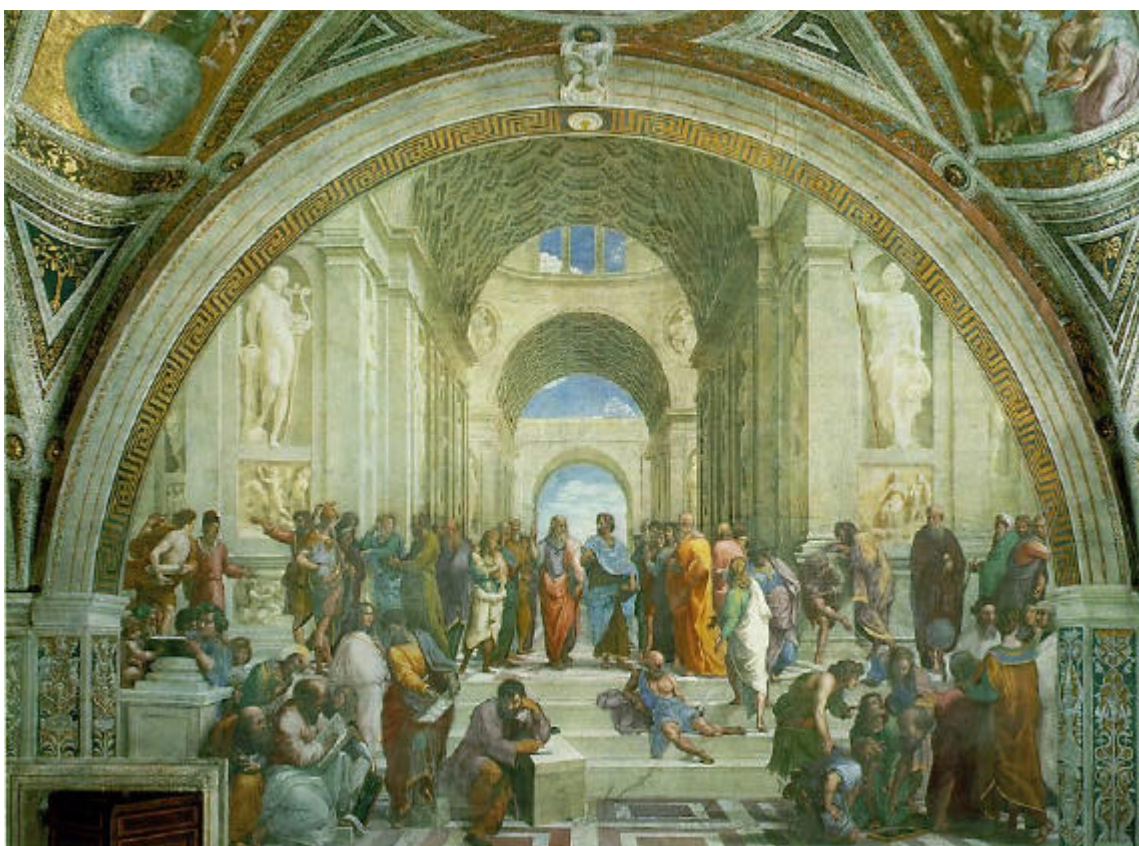


Artigos e Ensaaios



Raphael Sanzio (1483-1520), Escola de Athenas

ANTÓNIO DE MACEDO

INDICE

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA

“OS REINOS MAGICOS ESTAO AQUÍ MESMO” – Entrevista

A PALAVRA E A PEDRA

A MISTERIOSA ESCRITA DE JESUS

CORINNE HELINE (1182-1975)

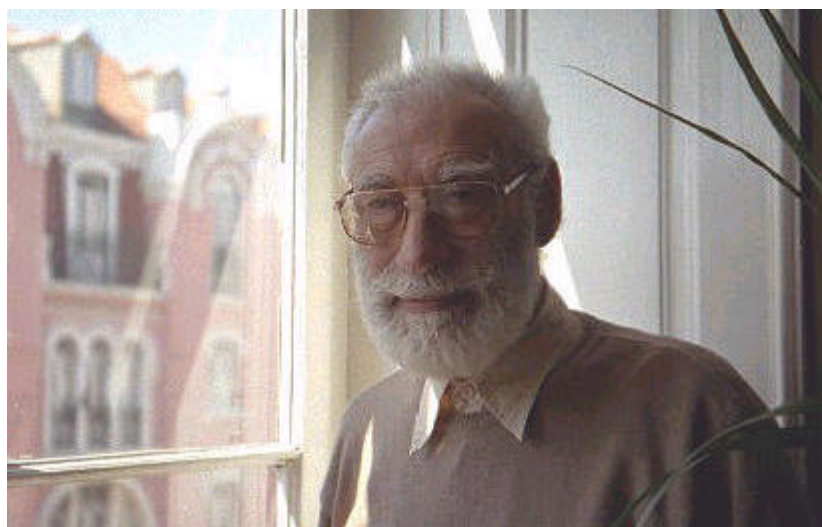
EU E O PAI SOMOS UM: O ETERNO FEMENINO NA NOVA RELIGIOSIDADE

OS SOLSTICIOS E OS EQUINOCIOS

O USO DO PERGAMINHO E O PECADO ORIGINAL

O QUE E O ESOTERISMO

Sobre o Autor e sua Obra



«A inclinação para o maravilhoso, inata a todos os homens em geral, o meu particular apreço pelas impossibilidades, a inquietação do meu cepticismo habitual, o meu desprezo pelo que sabemos e o meu respeito pelo que ignoramos — eis as motivações que me levaram a viajar pelos espaços imaginários.»

Barão de Gleichen (Séc. XVIII)

António de Macedo nasceu, em Lisboa, em 5 de Julho de 1931.

No início da sua carreira, e durante alguns anos, exerceu a profissão de arquitecto que abandonou em 1964 para se dedicar ao cinema, à literatura, à pesquisa de músicas de vanguarda. Especializou-se na investigação das religiões comparadas, das tradições esotéricas, de história da filosofia e da estética audio-visual, da literatura fantástica e da ficção científica, temas que tem abordado em inúmeros colóquios e conferências, e em diversas publicações.

Inclui na sua extensa filmografia dezenas de documentários e programas televisivos, bem como filmes de longa-metragem entre as quais se destacam *Domingo à Tarde* (1965), *Nojo aos Cães* (1970), *A Promessa* (1972), *O Princípio da Sabedoria* (1975), *As Horas de Maria* (1976), *Os Abismos da Meia-Noite* (1982), *Os Emissários de Khalôm* (1987), *A Maldição de Marialva* (1989), *Chá Forte com Limão* (1993), etc.

Entre os seus livros contam-se, no ensaísmo, *A Evolução Estética do Cinema* (1959-1960), *Da Essência da Libertação* (1961), *Instruções Iniciáticas* (1999) e *Laboratório Mágico* (2002), e, na ficção, *O Limite de Rudzky* (1992), *Contos do Androthélyls* (1993), *Sulphira & Lucyphur* (1995), *A Sonata de Cristal* (1996), *Erotosofia* (1998) e *O Cipreste Apaixonado* (2000).

Tem leccionado em diversas instituições de ensino desde 1970: no IADE, na Universidade Lusófona, na Universidade Moderna e na Universidade Nova de Lisboa, regendo cadeiras como Teoria e Prática do Cinema, Análise de Imagem, Arte Narrativa e Esoterismo Bíblico.

Foi um dos promotores dos «Encontros Internacionais de Ficção Científica & Fantástico de Cascais», que se iniciaram em 1996, e de cuja Comissão Coordenadora tem feito parte.

Obras de António de Macedo

1. Principais filmes:

1962 – VERÃO COINCIDENTE, curta-metragem

1963 – NICOTIANA, curta-metragem

1965 – DOMINGO À TARDE, longa-metragem

1967 – SETE BALAS PARA SELMA, longa-metragem

1969 – ALMADA-NEGREIROS VIVO HOJE, curta-metragem

1970 – NOJO AOS CÃES, longa-metragem

1972 – A PROMESSA, longa-metragem

1975 – O PRINCÍPIO DA SABEDORIA, longa-metragem

1975 – FATIMA STORY, telefilme

1976 – AS HORAS DE MARIA, longa-metragem

1976 – O OUTRO TEATRO, telefilme

1978 – O PRÍNCIPE COM ORELHAS DE BURRO, longa-metragem

1983 – OS ABISMOS DA MEIA-NOITE, longa-metragem

1987 – OS EMISSÁRIOS DE KHALÔM, longa-metragem

1988 – FERNANDO LANCHAS - OS 7 ROSTOS, telefilme

1989 – A MALDIÇÃO DE MARIALVA, longa-metragem

1992 – O ALTAR DOS HOLOCAUSTOS, série-TV

1993 – CHÁ FORTE COM LIMÃO, longa-metragem

1996 – SANTO ANTÓNIO DE TODO O MUNDO, telefilme

2. Ensaio:

A EVOLUÇÃO ESTÉTICA DO CINEMA, vol. 1 1959, vol. 2 1960

DA ESSÊNCIA DA LIBERTAÇÃO, 1961, 2.^a ed. 2002

INSTRUÇÕES INICIÁTICAS, 1999, 2.^a ed. 2000, Ed. HUGIN

LABORATÓRIO MÁGICO, 2002, Ed. HUGIN

NEOPROFETISMO E A NOVA GNOSE, 2003, Ed. HUGIN

3. Teatro:

A POMBA, 1983

A NOVA ILUSÃO, 1984

O OSSO DE MAFOMA, 1989

4. Ficção:

O LIMITE DE RUDZKY, contos 1992

CONTOS DO ANDROTHÉLYS, romance 1993

SULPHIRA & LUCYPHUR, romance 1995

A SONATA DE CRISTAL, romance 1996

EROTOSOFIA, romance 1998

O CIPRESTE APAIXONADO, romance 2000

ANTÓNIO DE MACEDO

"OS REINOS MÁGICOS ESTÃO AQUI MESMO"



Entrevista por Estela Guedes

ESTELA - O António de Macedo é uma figura bem conhecida, como cineasta. E também como autor de romances de ficção científica, como um dos fundadores da SIMETRIA, e organizador dos Encontros de Ficção Científica & Fantástico de Cascais, etc.. Tem tido intervenções na rádio e na televisão, e além disso é professor. Porém os nossos leitores, na maioria americanos ou residentes nas duas Américas, no TriploV só o conhecem pelas suas comunicações ao Colóquio Internacional *Discursos e Práticas Alquímicas*, em linha nas Alquimias, e do texto do Paulo Brito e Abreu sobre um dos seus livros esotéricos, **Laboratório Mágico**. Por isso, gostava que nos falasse ao menos de algumas das suas longas metragens, marcos importantes no cinema português.

ANTÓNIO DE MACEDO - Nem sei por onde começar - talvez pelo fim! Como consequência de um sistema corrupto de apoios financeiros do Estado ao cinema português, vulgo "subsídios", com uma legislação armadilhada para favorecer o "clube dos favoritos" do qual estou obviamente e saudavelmente excluído, há quase dez anos que sou sistematicamente ostracizado e impedido de filmar... O meu último filme de longa-metragem, **Chá Forte Com Limão**, de 1992-1993, é dedicado a Karen Blixen, autora dos extraordinários **Sete Contos Góticos**, e na aparência é uma "ghost story" victoriana (passa-se em 1870). No fundo é muito mais do que isso, claro, o macabro e os espectros são só "cenário", o filme vai descrevendo sucessivas etapas de geração-degeneração-regeneração, são etapas iniciáticas de quem foi "ao lado de lá" e ao voltar a este mundo descobre que este mundo é só esquecimento, e que a verdadeira memória é a memória da Casa do Pai, cuja luz ofusca todas as inúteis frivolidades dos grandes-pequenos dramas terráqueos. Antes desse tinha eu feito **A Maldição de Marialva** (1990), cuja acção decorre pouco antes do ano 1000 na Idade Média pré-portuguesa, no burgo de Marialva, na Beira Alta. A Dama Maria Alva apropria-se diabolicamente dum burgo conquistado aos mouros pelo conde Gunefredo, a quem ela consegue fazer matar, e dá o seu próprio nome à vila. Maria Alva veste de branco, e encarna o poder das trevas. Mas não conta com a chegada dum alquimista que vem de longes terras, chamado Hélio e que traja sempre de negro - e encarna o poder da luz... Será que o

inferno um dia acabará, por não ter base divina em que se sustente, não podendo portanto ser eterno? A aposta do alquimista Hélio, mais do que apenas vencer o mal, é conduzi-lo à redenção e à "reintegração do ser". O filme **Os Emissários de Khalôm** (1987) tem uma história curiosa. Em 1984 escrevi um conto, **A Noiva Vestida de Nuvens** (que mais tarde seria publicado na colectânea **O Limite de Rudzky**), onde trabalhei a ideia duma mítica cidade, Khalôm, a "sétima cidade de refúgio", que desce das galáxias como a Nova Jerusalém do Apocalipse e que provoca transcendentais transformações. Esse tema pareceu-me promissor e voltei a trabalhá-lo neste filme, **Os Emissários de Khalôm**, descobrindo-lhe novos desenvolvimentos e novas surpresas; não contente com isso, voltei a aprofundar o tema numa peça de teatro, **O Osso de Mafoma**, onde a mítica cidade de Khalôm se materializa num deserto da Palestina do século X, antes dum terrível combate entre um exército cristão e um exército muçulmano, combate fatal onde morrem todos e só um guerreiro cristão sobrevive. Mais tarde voltei a explorar a ideia dessa prodigiosa cidade com 240 mil anos que tanto surge no passado como no futuro, umas vezes na Terra e outras vezes em impensáveis regiões do Universo, e escrevi um romance de ficção científica, **Sulphira & Lucyphur**, uma espécie de "space opera" onde o tema dos "emissários de Khalôm" ressurgem e se revê em novas facetas... Quem são os misteriosos Emissários de Khalôm? Que pretendem? Por que - uma vez mais - um deles vem vestido de branco e outro de negro? E... serão só dois? Bom, para não me alongar, passo por alto **Os Abismos da Meia-Noite** (1983) onde exploro um tema que depois reelaborei num romance, **Erotosofia**, ou **O Príncipe com Orelhas de Burro** (1979), inspirado num romance místico-mágico de José Régio, ou **As Horas de Maria** (1976), que provocou um dos maiores escândalos em Portugal que envolveu seriamente a Igreja católica quando foi estreado em Lisboa em 1979, ou **A Promessa** (1972), selecção oficial à competição do Festival de Cannes de 73, ou ainda o **Domingo à Tarde** (1965), um dos inauguradores do "Novo Cinema Português" dos anos 60 e que recebeu o Diploma de Mérito do Festival de Veneza desse mesmo ano de 65, para concluir no que eu consideraria talvez o meu filme mais significativo, **O Princípio da Sabedoria** (1975). Este filme - talvez mais inciatício do que os outros! - é tão caleidoscópico que escapa a qualquer forma de descrição e muito menos de classificação; eu diria apenas que nele perpassam dezenas de personagens num jogo de perda-busca-encontro-perda-reencontro, num espaço fantasmagórico constituído por um palacete enigmático rodeado de um enorme e labiríntico jardim mais enigmático ainda. No final todas as vivências se entrecruzam e tudo quanto passou é um perpétuo refazer: o lema do filme é: "a verdade é uma mentira"...

ESTELA - O António de Macedo também é um homem da televisão. Nota muita diferença na televisão para a qual realizou programas e na que se faz agora?

ANTÓNIO DE MACEDO - Uma diferença abissal! Televisão, agora, não faço: só vejo, e pouco; quando comecei a fazer filmes e programas para TV foi nos anos 60 do século XX, ainda era a preto-&-branco e a TV era um mar sem ondas quando comparada com os alucino-psico-frenesins dos dias de hoje. Nos anos 60 limitei-me a executar uma encomenda de dois telefilmes de 12 minutos cada, um sobre o poeta Afonso Lopes Vieira e outro sobre Fernão Mendes Pinto, além de mais uma série de 12 pequenos filmes semi-ficcionados sobre a prevenção dos acidentes no trabalho. A partir de 1974, com a liberalização democrática e a abolição da censura, fiz dezenas e dezenas de telefilmes documentais sobre o que se convencionou chamar, na altura, "filmes de intervenção": documentos com uma duração que variava entre os 25, os 40 e os 50

minutos, abordando tudo o que de escaldante se estava a passar por esse país fora, por exemplo: ocupações de terras e de fábricas pelos trabalhadores, manifestações sócio-políticas, expressões espontâneas de teatro popular em aldeias longínquas, a independência das ex-colónias, velhas profissões em vias de extinção, cooperativas de tudo, inclusive de ópera, aparecimentos de OVNI's em Portugal, séries sobre a protecção à criança, recuperação de deficientes, colecções de bonecas, informação científica, programas sobre teatro profissional, etc. etc. - A partir dos anos 80 as encomendas da RTP foram rareando e fixei-me mais nos filmes de longa-metragem. Quanto à TV de hoje... realmente, não tem nada a ver com a desses saudosos e agitados tempos. Hoje privilegiam-se os "reality shows" e os "big Brothers" numa curiosa inversão do "sentido" do espectáculo: os principais intérpretes e intervenientes já não são actores (excepto em intermináveis telenovelas que estão sempre a serrar o mesmo presunto), mas os próprios espectadores que saltam alegremente para o "lado de dentro" do pequeno ecrã e vão expor as suas mazelas domésticas ou exhibir reais ou supostos dotes histriónicos. Perdeu-se e perverteu-se o lado "sacro" do mistério da "arte do espectáculo" para ficar apenas a vulgaridade e o super-efémero. Ou seja, em vez do "fogo" criativo", que dá calor e luz, só ficou a fumaça, que engasga e cega...

ESTELA - Nos seus livros, quer de ficção científica quer iniciáticos, reparei que por vezes aparece um fantástico fora dos quadros da imaginação. Eu costumo dizer que não vale a pena ao artista entrar em competição com a realidade, porque esta nos brinda com situações muito mais fantásticas do que as dos romances... Será o caso?

ANTÓNIO DE MACEDO - Gosto dessa, uma imaginação fora da imaginação! Tanto nos meus filmes como nos meus romances, perambulo bastante entre a "ficção especulativa" e o "fantástico" - seja o que for que se entenda por isso... desde que se espessurize em obra-acção, como dizem os anglo-americanos: "imagination is image-in-action"! E não só nas minhas obras mais recentes: na verdade sempre naveguei nessas ondas, duma forma ou doutra, desde o princípio: por exemplo no meu filme *Domingo à Tarde* (1965), que citei há pouco, não resisti à provocatória tentação de incluir um pequeno "filme dentro do filme" que se opõe, pelo seu expressionismo visionário e fantástico, à crua nudez da história hospitalar contada no filme propriamente dito - conferindo uma "quinta dimensão" a essa história e iluminando-a com uma outra forma de sabedoria. Concordando com o que a Estela sugere, também costumo dizer que o fantástico - pelo menos na forma de arte que pratico - é um real mais real do que o real, porque aprofunda as invisíveis frinchas desse mesmo real onde os sonhos e a vida se cruzam, se fundem e se indistinguem, ou como explico a páginas tantas dum livro meu (*Instruções Iniciáticas*): "os reinos mágicos estão aqui mesmo, diante dos nossos olhos, umas vezes solidamente, no vasto Império da Imaginação, outras sorrateiramente, por entre os interstícios do chamado mundo real".

ESTELA - A ficção científica esforça-se por ter base científica mesmo. Um romance em que figurasse uma dupla clone/clonado com a mesma idade, por exemplo, corria o risco de ser logo excluído, caso se apresentasse a um concurso... Isto quer dizer que os ficcionistas ou têm formação científica ou andam muito bem informados sobre as novidades da Astrofísica ou da Biologia. E isso leva a desenvolvimentos para a utopia ou contra-utopia. Há algum Homem Novo que a ficção científica nos esteja a propor?

ANTÓNIO DE MACEDO - Bom, o tal Homem Novo que a FC propõe é uma obsessão que já vem da FC clássica dos anos 50 do século XX. Um dos mais

conhecidos é o romance **Childhood's End** (1953) de Arthur C. Clarke, onde uma geração inteira de crianças terrestres sofre uma espécie de apoteose metamórfica que faz com que os seus cérebros se fundam com a "mente cósmica". Outros encaram o futuro da humanidade como uma forma de fusão colectiva numa gigantesca e espantosa "colmeia mental" humana, como por exemplo no livro **Half Past Human** (1971) de T. J. Bass. Aliás as últimas especulações (e realizações...) da engenharia genética para aí apontam, ou seja, a criação dum ser humano, quer do ponto de vista biológico, quer do ponto de vista mental, capaz de responder eficazmente aos mais arrojados desafios da imaginação, tanto nos espaços siderais como no fundo dos oceanos, para não falar na sua simbiose com componentes ciberorgânicos, acoplação a computadores ou, inversamente, a utilização em computadores de ADN humano. Ou ainda a acoplação a animais - por exemplo dotando cães amestrados com mãos humanas, o que lhes permitiria executar determinadas tarefas, libertando o humano dum certo tipo de empregos chatos. Um dos autores de FC que mais tem explorado as infinitas potencialidades de seres humanos mutados por engenharia genética - e não só - é Brian Stableford (além de escritor é cientista e geneticista), do qual recomendo vivamente dois dos seus livros mais fascinantes sobre este inesgotável assunto: **The Third Millennium** (1985) e **Sexual Chemistry: Sardonic Tales of the Genetic Revolution** (1991).

ESTELA - O António de Macedo deve pertencer mais ou menos à geração do Ernesto de Sousa. Eu detesto entrevistas em que ao entrevistado só se pergunta o que não lhe diz respeito, fugindo sempre à pessoa que está na nossa frente, como se afinal estivesse ali só para dar chancela à opinião que o entrevistador formula sobre terceiros... Acontece no entanto que o TriploV é dedicado ao Ernesto e o António de Macedo tem decerto algum testemunho importante sobre ele...

ANTÓNIO DE MACEDO - Sim, fui contemporâneo do José Ernesto de Sousa apesar de ele ser 10 anos mais velho do que eu, e tornámo-nos amigos na passagem dos anos 50 para os anos 60, devido a uma curiosa conjugação de factores: em 1958 fundei com dois colegas (o escultor Carlos Gama e o escritor Manuel de Seabra) uma pequena firma editora, que ostentava o pomposo nome de "Clube Bibliográfico Editex Lda." Instalámos o escritório, com uma empregadita mal paga, na Travessa do Fala-Só, em Lisboa, num 1º andar do número 15, do lado direito. O José Ernesto morava no mesmo andar, mas do lado esquerdo! Fomos portanto vizinhos durante cerca de três anos, que foi o tempo que a Editex durou antes de flir ingloriamente... como é costume nestes luso-juvenis empreendimentos em que o sonho se sobrepõe à realidade. Durante esses três anos a Editex publicou várias coisas, entre as quais uma enxundiosa obra minha, em fascículos mensais, intitulada **A Evolução Estética do Cinema**. A saída de cada fascículo era acompanhada por uma sessão cinematográfica, tipo cineclub (com muitas cautelas, em academias privadas, porque a Censura e a Pide não perdoavam a Cristo quanto mais à cultura...), sessão essa que constava de um filme clássico que tivesse sido abordado no respectivo fascículo, com apresentação e orientação dos debates por uma personalidade dessa época ligada ao cinema ou ao cineclubismo, como por exemplo Vasco Granja, Manuel Ruas, Baptista Bastos, Manuel de Azevedo, Henrique Espírito Santo e... indispensavelmente, Ernesto de Sousa, que animou de maneira magistral - como só ele sabia, era um fabuloso comunicador - uma ou duas dessas sessões. O nosso convívio cimentou-se no cineclubismo e também durante umas tumultuosas reuniões semanais que fazíamos em casa da Maria Teresa Horta com os jovens inconformistas desse tempo, onde o Ernesto de Sousa, mais velho que nós, pontificava, e onde se

discutia política, cinema, política, arte, política, pintura, política, poesia... o que deu azo a que a Pide invadisse um dia a casa da Maria Teresa Horta e eu realizasse o meu primeiro filme profissional, a curta-metragem *Verão Coincidente* (1962-1963) inspirado num revolucionário poema dela que saíra publicado em 1961 com o mesmo título. Praticamente mantive mais ou menos contacto com ele quase até ao fim; lembro-me sobretudo do entusiasmo que nos empolgou, a nós jovens dessa época, a ideia que ele teve de realizar e produzir o filme *Dom Roberto* (1962) financiado com leilões de quadros que pintores amigos lhe punham à disposição (os leilões eram na Sociedade Nacional de Belas-Artes, e sempre muito concorridos e animados), e da criação duma espécie de cooperativa do espectador, em que cada cooperante teria direito a assistir às exhibições do filme, a quando da estreia, consoante a sua participação nas acções da cooperativa! Enfim, tempos...

ESTELA - As *Alquimias* são um dos directórios mais frequentados do TriploV. Já perguntei isto ao José Augusto Mourão e agora pergunto-lhe a si: como interpreta este fenómeno de atracção?

ANTÓNIO DE MACEDO - A ideia da Alquimia sempre exerceu um grande fascínio - o fascínio de tudo quanto nos prometea desvendar, manipulatoriamente, os profundos arcanos da Natureza, sobretudo se no final, para além de se levantar o Véu de Isis, ainda se perfile, como bónus, a mirífica ilusão do ouro-sem-fim e da juventude eterna. De qualquer modo, penso que o interesse actual pela Alquimia é mais sério e mais espiritual (corresponde a uma real e cada vez mais intensa fome do espírito) do que o dos reis, imperadores e nobres da Idade Média e do Renascimento que contratavam alquimistas e astrólogos para lhes fabricarem ouro e predizerem as horas propícias às respectivas operações...

ESTELA - Sabe que tive uma grande surpresa, com o Colóquio de Alquimia, ao descobrir que o último alquimista não foi Fulcanelli... Há muitos alquimistas no activo, e até em Portugal... O António de Macedo é alquimista?

ANTÓNIO DE MACEDO - Não, não sou no sentido convencional do termo. Prefiro auto-classificar-me, mais modestamente, como "alquimístico".

ANTÓNIO DE MACEDO - Bom, eu diria que há mais do que um esoterismo, há vários, ou, talvez melhor, há sucessivos graus de "desvelação" esotérica. Um haddith do profeta Muhammad diz que cada versículo do Alcorão tem um sentido esotérico, e esse sentido esotérico tem um outro, e assim sucessivamente até sete... Uma espécie de pensar o pensar do ultrapensar do ultrapensar! O que me limito a fazer nos meus livros (e nas minhas aulas) sobre esoterismo bíblico é apenas descascar (enfim, tentar descascar...) a primeira camada da cebola. Depois, quem vier a seguir que se esforce por descascar e esquadriñar o resto, de acordo com a controversa e obscura etimologia da palavra, segundo alguns autores: seria uma confluência de dois termos gregos: "eisô" ou "esô", dentro de, e "têrô", observar, espiar; guardar, conservar. Logo, esô+têrô seria qualquer coisa como o resultado multiplicativo de duas ideias: esquadriñar no mais dentro da "coisa" e guardar no interior de "si-mesmo". Acha que serve?

ESTELA - Por agora, vai servindo... Olhe, eu identifico o seu modo de estar espiritual como rosacruciano. Tenho lido autores que entendem a Fraternidade Rosa-Cruz como autónoma, outros que a ligam à maçonaria, alegando que um dos graus desta é o

Cavaleiro Rosa-Cruz. Creio que é Max Heindel quem diz, num dos seus livros, que não era maçom filiado, mas que o era de coração ou pensamento... De que modo se ligam essas duas entidades?

ANTÓNIO DE MACEDO - Sim, de facto Max Heindel tem um estudo muito bem feito, intitulado *Maçonaria e Catolicismo* onde descreve as duas grandes linhagens humanas: - a dos descendentes de Caim, ou seja, os artífices, construtores, fabricantes, cientistas, homens de Estado, etc., em suma, a chamada "linhagem real", associada ao Fogo e ao planeta Marte, - e a linhagem dos descendentes de Seth (terceiro filho de Eva, para "substituir" o falecido Abel), ou seja, os devotos, os místicos, os elementos da Igreja, bispos, cardeais, em suma, a chamada "linhagem sacerdotal", associada à Água e à Lua. A primeira compreende a Ordem Maçónica, iniciática, a dos "construtores", e a segunda compreende a Igreja, a dos devotos, não-iniciática e sacramental. Fernando Pessoa tem razão ao distinguir cuidadosamente entre "Maçonaria" e "Ordem Maçónica". A Ordem Maçónica é ancestral (e não me refiro apenas à lenda de Salomão e de Hiram Abiff), ao passo que a Maçonaria especulativa assumiu a sua forma actual no século XVIII, embora o sistema da "Estrita Observância", por exemplo, se reclame duma origem Templária. Por sua vez a Ordem Rosacruz, de inspiração judaico-cristã, busca o seu ideal na Ordem de Melquisedec, a Ordem da Justiça e da Paz cujo sacrifício é não-sangrento e cujos símbolos são o trigo/pão e a uva/vinho. Cristo, como Sumo-Sacerdote Eterno da Ordem de Melquisedec, veio preparar a gloriosa fusão da linhagem real com a linhagem sacerdotal, da mente e do coração, da cruz e da rosa; no fundo é o ideal dos Reis Magos e da Estrela de Belém: Reis e Sacerdotes, numa humanidade final justa e santa, unida tanto pelo lado mental como pelo lado cordial. O facto de o 18º grau do Rito Escocês Antigo e Aceite da Maçonaria ter a designação de Cavaleiro Rosa-Cruz deve-se sobretudo a considerações historicistas e ritualistas, impregnadas de Alquimia, mais do que a uma necessidade iniciática. Este grau foi criado nos finais do século XVIII e o seu tema é a "palavra perdida".



António de Macedo, fazendo a sua refeição vegetariana no Convento dos Cardaes, no último colóquio "Discursos e Práticas Alquímicas". Lisboa, Setembro de 2002

A PALAVRA E A PEDRA

LOGOS E LITHOS:

**A PALAVRA CRIADORA E A PEDRA
ANGULAR**



A Pedra Filosofal por JAKnaap -Da obra "The Secret Teachings of All Ages", de Manly
P. Hall, The Philosophical Research Society

ANTÓNIO DE MACEDO

Quando, pela **Alquimia Espiritual**, nos tornarmos como Cristo, o Senhor da Vida, seremos imortais, libertar-nos-emos do nosso pai Samael e da nossa mãe Eva e a morte não mais terá poder sobre nós.

MAX HEINDEL, *Freemasonry and Catholicism*, 1919

Li na primeira versão programática deste colóquio que o tema da «Palavra Perdida», sobre o qual gostaria de alinhar aqui alguns alvitres, deveria ser tratado, de preferência, segundo uma óptica específica, nomeadamente literária e apontando para bibliotecas e colecções de textos esotéricos. Vou fazê-lo tendo em vista, sempre que possível, uma das mais antigas e reputadas colecções literárias de textos esotéricos: a Bíblia.

Isto poderá parecer insólito porque a Bíblia é um livro sagrado — ou melhor, uma colecção de livros sagrados —, pelo menos para a nossa civilização ocidental, mas independentemente do facto de menos de um terço da população do planeta Terra assim a considerar, não deixa de ser verdade que a Bíblia contém e inclui uma vasta amostragem de textos e géneros literários, como por exemplo crónicas, listas de provérbios, conselhos e apotegmas, além de hinos, poemas, biografias, códigos jurídicos, cânticos, cartas, profecias, salmos, evangelhos, textos apocalípticos, etc. Por outro lado, afirmar que uma tão extraordinária colecção de textos inclui *também* textos esotéricos (ou que muitos dos atrás citados o são, a uma sétima leitura...) não deve surpreender-nos, pois na verdade uma vasta maioria desses textos, na Bíblia, são Rituais de Iniciação de vetustas Escolas de Mistérios, ou pelo menos fragmentos de antigas Instruções Iniciáticas...

Mas não pretendo alongar-me agora sobre este desvio, que daria para outro colóquio, e entro já na matéria que hoje aqui nos reúne.

Antes de falarmos em *palavras* e em *pedras*, perdidas ou achadas, comecemos pelos *pensamentos*, que estão na origem de tudo.

Diz-nos a antiga sabedoria que se pensarmos *sempre* com rectidão, agiremos *sempre* com rectidão.

Quem tenha pensamentos de amor para com os seus semelhantes, ou pensamentos de ajuda espiritual, mental ou física, não poderá tê-los sem deixar de exprimir na prática esses pensamentos. Se cultivarmos tais pensamentos em breve veremos o Sol radiar à nossa volta, e descobriremos que as pessoas virão ter connosco com o mesmo espírito e as mesmas ondas que lhes enviamos, de acordo com o ditado: «Dá ao mundo o melhor de ti mesmo, e o que o mundo tem de melhor ser-te-á retribuído», ou, segundo uma outra visão menos optimista: «Sorri e o mundo sorri contigo, chora e o mundo volta-te as costas».

Felizmente, como observa Max Heindel (1865-1919) no seu livro *Teachings of an Initiate* (7.^a ed. 1987), «os bons pensamentos são mais poderosos que os maus porque estão em harmonia com o rumo da evolução, e dia virá em que seremos capazes de controlá-los positivamente para ajudar a estabelecer no mundo uma paz estável e duradoura».

Tal como sucede com os *pensamentos*, o mesmo ou mais ainda se aplica às *palavras* :

«Antes de falar sou senhor das palavras, mas depois que as pronuncio torno-me escravo delas».

A palavra é em si mesma um *poder*.

A ideia de «palavra de poder» é muito antiga e encontramos-la em diversas tradições, a começar pela clássica egípcia: o papiro de Nesi-Amsu — talvez 3.000 anos antes de Cristo — relata uma história da Criação em que, antes que o mundo e tudo quanto nele se contém começasse a existir, existia apenas o deus Neb-er-tcher («Senhor de Todas as Coisas») — pois nem os outros deuses existiam —, e no momento apropriado Neb-er-tcher proferiu as seguintes palavras criativas:

«Configurei a minha boca e pronunciei o meu próprio nome como uma Palavra de Poder e expandi-me em quanto evolução de Khepera [“Criador dos Deuses”] e desenvolvi-me a partir da matéria primeva que produzirá multidões de evoluções desde o princípio dos tempos».

Para além dos conteúdos, o poder vibratório da palavra é muito forte e bom seria se tivéssemos disposição e tempo para pesar e medir cada palavra antes de a soltarmos por ares e ventos, sabe-se lá com que fastos ou nefastos resultados — como recomendava Cervantes num colorido diálogo entre D. Quixote e Sancho Pança por entre andanças cavaleirescas, citando um provérbio antigo: «Antes de falares, pensa sete vezes». O que, não sendo fácil na prática, pelo menos acautelaria humanamente os tremendos e muitas vezes incontroláveis poderes desse divino dom.

Pela boca do profeta Isaías, declara Jahvé:

Tal como a chuva e a neve caem do céu
e para lá não voltam sem ter regado a terra,
fertilizando-a e fazendo-a germinar
para dar o grão à sementeira e o pão a comer,
assim é com a Palavra que sai da minha boca:
não me regressará sem ter produzido efeito,
sem ter executado a minha vontade
e cumprido aquilo para que foi enviada. — Isaías 55, 10-11.

Sendo essa uma Palavra de *vida*, é, conseqüentemente, uma Palavra que *cura* — muitos a consideram uma **Palavra perdida** porque os homens não acertam maneira de a (re)encontrar, e na incansável busca desse tesouro, ou da solução desse enigma, se têm consumido durante séculos os mais diversos esquadrihadores do oculto, afadigando-se infelizmente numa busca vã porque se extraviam por descaminhos em vez de buscarem a **Palavra de Vida**, com reverência e pureza de alma, na verdadeira Fonte:

Clamaram a Jahvé na sua tribulação;
Ele salvou-os da aflição em que se encontravam.
Ele enviou a Sua Palavra e curou-os,
E salvou a vida deles da morte. — Salmo 106 [107], 19-20.

Em grego, «palavra» diz-se *logos* — que Jerónimo traduziu na Vulgata Latina por *verbum* —, e a Palavra enviada por Jahvé é, evidentemente, o Cristo-Logos que foi *enviado para nos curar e nos salvar da morte* : tal Palavra portanto nunca esteve perdida, pelo contrário, basta estudarmos os Evangelhos com reverência e maravilhado

amor, e praticá-los, para a conhecermos e dela nos beneficiarmos — se, por nosso sincero e assíduo esforço, de tanto nos revelarmos dignos.

A divina Palavra é poderosa, sem dúvida, basta a simples vibração do *fiat lux* para criar universos:

No princípio era a Palavra [gr. logos],
e a Palavra estava junto de Deus,
ela estava, no princípio, com Deus;
tudo foi feito por ela,
e sem ela nada do que foi feito se fez. — João 1, 1-3.

Mas a palavra humana — reflexo da divina — não deixa de ter um poder considerável, também, à sua própria escala:

Alguma vez o leitor se deteve a considerar o maravilhoso poder da palavra humana? Voando até nós nas insinuantes tonalidades do amor [carnal], pode desviar-nos dos caminhos da rectidão e precipitar-nos na ignomínia ou arruinar-nos a vida com pungentes dores e remorsos, ou pode impulsionar-nos às mais nobres aspirações para alcançarmos honra e glória, aqui ou no além. De acordo com a inflexão da voz, uma palavra pode infundir terror no coração mais intrépido, ou fazer com que uma tímida criancinha se deixe embalar num sono tranquilo. A palavra dum agitador pode atizar as paixões dum multidão e impeli-la a acções sangrentas, como na Revolução Francesa, em que, sob o mandato ditatorial duns quantos, a população matou e exilou a capricho, ou, inversamente, as doces palavras dum canção familiar podem reatar os laços numa família desavinda.

As palavras justas são verdadeiras e, por conseguinte, livres; nunca estão limitadas ou acorrentadas pelo espaço ou pelo tempo; chegam aos mais longínquos recantos da terra, e, mesmo quando os lábios que primeiro as pronunciaram já se desfizeram há muito no pó dos sepulcros, outras vozes espalharão com o mesmo entusiasmo a mesma mensagem de amor e vida, como por exemplo o místico poema *Come unto me*, cantado em inúmeras línguas e que tanto conforto tem proporcionado aos corações doloridos. Palavras de paz alcançaram vitórias onde a guerra teria significado uma derrota, e nenhum talento é mais desejável do que o de saber dizer a

palavra certa no momento oportuno. (MAX HEINDEL, *The Rosicrucian Mysteries*, 1911).

A palavra, mesmo a aparentemente rudimentar e fruste palavra humana, tem uma *força mágica*, é dotada de energia, positiva ou negativa: a boa palavra pode curar, erguer o ânimo, inspirar, fortalecer, confortar, orientar, dissuadir do mal, persuadir ao bem, reconciliar, perdoar, fazer compreender, iluminar... Estas são autênticas palavras de **sabedoria** e **amor**, substância de oração, que *abençoam* não só aqueles a quem se dirigem, mas o próprio que as pronuncia.

«Como maçãs de ouro em bandeja de prata é a palavra dita a seu tempo» (Provérbios 25, 11).

Já a palavra falsa, negativa, injuriosa e desagregante acaba por falhar — ainda que muito estrago faça durante algum tempo — porque não é *substância de oração*, não tem existência em Deus.

Tudo quanto o ser humano investe no mundo repercute no lado invisível da vida, ficando depositado naquilo a que as doutrinas Rosacruz chamam o «Banco Cósmico». É de suma importância **o que** se «envia lá para cima», em pensamentos, palavras e actos, pelo menos por três ordens de razões:

a) O que projectamos e emitimos acaba por nos retornar acrescidamente, como já observava o sábio árabe: «Senhor, fazei que as minhas palavras sejam de mel, porque sei que terei de engoli-las de volta». Do mesmo nos adverte o velho provérbio chinês: «O passado é um tigre que nos ataca pelas costas quando menos o esperamos». Também lemos na Bíblia: «A desgraça não deixará a casa daquele que retribui com o mal o bem que recebeu» (Provérbios 17, 13), ou, pelo prisma oposto: «Quem faz o bem ao pobre empresta a Jahvé, que lhe restituirá com juros» (Provérbios 19, 17);

b) Os nossos pensamentos, palavras, emoções, gestos, intenções, propósitos ou obras — incluso criações artísticas — que lançamos ao mundo e cuja essência «enviamos lá para cima» contribuem para melhorar ou piorar a qualidade vibratória, branca ou negra, da atmosfera psiconoética do planeta, influenciando outras pessoas (para além dos directos destinatários) que, sem se darem conta, dela se impregnam podendo ser impelidos a este ou àquele acto, para o bem ou para o mal;

c) Finalmente, são esses mesmos pensamentos, palavras, gestos, obras que vão *construir* o nosso futuro lar nos reinos invisíveis, após a morte.

Trata-se dum autêntico investimento no Banco Cósmico. Nada se perde do que pensamos, dizemos ou fazemos. O poeta e ensaísta Coleridge (1772-1834) afirmava: «Todos os pensamentos são, em si próprios, imperecíveis».

Ora bem. Já falámos de pensamentos, palavras e actos; passemos finalmente à «pedra».

No seu *Curso de Cristianismo Esotérico*, vol. II, Lição 41, o instrutor rosacruciano Edmundo Teixeira (1922-1994) dá-nos o seguinte simbolismo alquímico:

Pedra é o fundamento espiritual. Moisés, com a vara do poder, feriu a ROCHA e dela tirou a Água da Verdade e da Vivência para orientar o seu povo, ou seja, para dessedentá-lo no deserto da esterilidade interna. Reclinando a cabeça sobre uma PEDRA, Jacob alcança o entendimento espiritual e vê uma escada que vai até aos céus, ou seja, vislumbra o esquema da Evolução. Na qualidade de Rei de Israel, David vê-se à frente de um exército mais numeroso chefiado pelo gigante Golias: é, simbolicamente, a personalidade (David) a defrontar os desafios da existência, aparentemente insuperáveis (Golias). Mas consegue vencer os Filisteus, os Filhos das trevas, que são os «eus» viciosos, os nossos únicos inimigos, quando atira com a funda uma PEDRA à testa do gigante. Golias é prostrado por terra e os adversários de David ficam desmoralizados, ou seja, a ilusão do mal é diluída. Por fim — mas não por último! — Cristo edifica a sua Igreja sobre a ROCHA personificada por Pedro.

Esta associação de «pedra» e de «Pedro» é uma antiga tradição cristã que nem sempre tem sido examinada com a devida atenção. Debrucemo-nos um pouco mais sobre esta curiosa matéria. Aparentemente, aquele trocadilho ancestral (pedra/Pedro) estaria na origem da Igreja, e os seus partidários insistem que tal foi ensinado por Jesus e se encontra nos Evangelhos.

Não é totalmente verdade!

Se lermos os Evangelhos duma ponta à outra veremos que a palavra «Igreja», no sentido que hoje lhe damos, nem sequer neles é mencionada excepto por aproximação e

apenas três vezes em dois versículos no Evangelho de Mateus (Mt 16, 18 e Mt 18, 17), pois a palavra grega original, usada por Mateus, *ekklêsia*, significa simplesmente «assembleia de convocados», neste caso a comunidade dos seguidores da doutrina de Jesus, ou a sua reunião num local, geralmente em casas particulares onde se liam as cartas e as mensagens dos apóstolos. Sabemo-lo pelo testemunho doutros textos do Novo Testamento, já que os Evangelhos a esse respeito são omissos. Veja-se por exemplo a epístola aos Romanos (16, 5) onde Paulo cita o agrupamento (*ekklêsia*) que se reunia na residência dum casal de tecelões, Aquila e Priscila, ou a epístola a Filémon (1, 2) onde o mesmo Paulo saúda a *ekklêsia* que se reunia em casa do dito Filémon; num dos casos, como lemos na epístola de Tiago (2, 2), essa congregação cristã é designada por «sinagoga». Nada disto tem a ver, portanto, com a imponente Igreja católica em quanto instituição formal estruturada e oficializada sobretudo a partir do século IV.

As Bíblias correntes costumam traduzir do seguinte modo o primeiro passo acima invocado de Mateus, em que Jesus diz a Simão Barjona: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja» (Mateus 16, 18).

Na verdade a versão deverá ser: «Tu és um rochedo [gr. *petros*], e sobre esta/essa rocha [gr. *epi tautê tê petra*] edificarei a minha comunidade [gr. *ekklêsia*]», e nesta forma original, mais simples (mas talvez mais misteriosa) do que a versão corriqueira, decorrente de posteriores formulações dogmáticas da Patrística, sobretudo latina, e dos concílios, dificilmente descortinamos a fundação do papado tal como a Igreja pretende. Vejamos porquê [1].

Aquela frase pode ter eventualmente dois significados, dependendo do sentido que se atribuir ao adjectivo demonstrativo *tautê* (dativo de *autê*, «esta» ou «essa»). Comecemos por esclarecer que em português, os pronomes e os adjectivos demonstrativos «este», «esse», «aquele» se correlacionam com os pronomes pessoais (maior ou menor grau de proximidade):

eu tenho *este* livro;

tu tens *esse* livro;

ele tem *aquela* livro.

Outras línguas, como o grego ou o inglês, por exemplo, só apresentam duas formas distanciasais:

<u>Grego</u>	<u>Inglês</u>
<i>oûtos</i> = este, esse	<i>this</i> = este
<i>ekeînos</i> = aquele	<i>that</i> = esse, aquele

Ou seja, *epi tautê tê petra* pode traduzir-se «sobre **essa** rocha (pedra)» ou «sobre **esta** rocha (pedra)». Teremos então duas possíveis interpretações divergentes:

A) «Tu és um rochedo, e sobre **essa** rocha[2], ou sobre *essa* pedra, edificarei a minha comunidade» — que poderá querer dizer, sem grande esforço e «modernizando» um tanto o sentido, algo como: «Tu, Simão, és um penedo, um autêntico calhau, mas como os humanos durante muitas gerações ainda serão tão calhaus como tu, não terei outro remédio senão edificar a minha futura comunidade sobre *essa* pedra, que Eu sei que me vai negar três vezes (na verdade, ao longo dos séculos, a Igreja de Roma saída de ti negar-Me-á muitas vezes mais do que três, com fausto, sede de poder, um papado e uma corte de cardeais atulhados em insultuosas riquezas, inquisições, intolerância, infraternidade, cupidez, perversão, torturas várias, ódios, guerras, repressões, tiranias, enfim, um autêntico rol de tudo quanto é mais contrário ao que Eu preguei)[3]; mas apesar disso, ainda é essa a maneira menos má e mais segura de transmitir *exotericamente* a Boa Nova a gerações e gerações de grandes massas ignorantes»[4].

B) «Tu és um rochedo, e sobre **esta** rocha edificarei a minha comunidade» — seguindo o mesmo raciocínio, pode-se interpretar assim: «Tu, Simão, és um penedo, um autêntico calhau, ainda por cima me vais negar três vezes, e como tal não podes servir de alicerce a uma futura comunidade que siga verdadeiramente os Meus ensinamentos mais puros, ou melhor, *esotéricos*, logo, sobre *esta* rocha, ou seja, sobre Mim mesmo, a *pedra angular* que os maus construtores rejeitaram, é que vou edificar a minha futura comunidade, baseada no Amor, na Verdade e na Vida — e quem melhor do que o Meu Discípulo Muito Amado, João, poderá servir de facho e guia, o discípulo capaz de receber e transmitir o Evangelho do **Amor**, cujos mais finos ensinamentos os

empedernidos como tu, Simão, hão-de perseguir e tentar eliminar ao longo dos séculos?»

Ambas estas alternativas são verdadeiras, exotérica e esotericamente, e correspondem aos factos da História.

A segunda alternativa, por exemplo, é defendida por alguns sérios exegetas que consideram que «*esta* pedra» sobre a qual Jesus construirá a Sua *ekklêsia* é o próprio Jesus, segundo Ele mesmo o diz mais adiante: «Nunca lestes nas Escrituras: *A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se pedra angular; isto aconteceu por obra do Senhor, e é admirável aos nossos olhos?*» (Mateus 21, 42)[5]. O próprio Simão (Pedro) o confirma, já depois da Ressurreição e Ascensão de Cristo, no discurso que proferiu no Sinédrio: «[Jesus Cristo, o Nazoreu] é a pedra rejeitada por vós outros, construtores, que se tornou pedra angular» (Actos 4, 11), e Paulo enuncia claramente que Cristo é a «pedra espiritual» (1 Coríntios 10, 4). Daí a capital importância, para o aspirante à Senda do Espírito, de «imitar Cristo» para que Cristo nasça e se forme nele: «E vós mesmos, como pedras vivas [gr. *lithoi zôntes*], entrai na construção dum edifício espiritual, para um sacerdócio santo» (1 Pedro 2, 5).

Mais ainda: em continuação daquela frase dita a Simão Barjona, Jesus acrescenta: «Dar-te-ei as chaves do Reino dos céus, e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus» (Mateus 16, 19), o que deu azo à estranha doutrina de que Deus obedece ao papa[6].

Mas a verdade é que Jesus não limita apenas a Simão (Pedro) a faculdade de se lhe repercutir «no céu» o que atar ou desatar «na terra», pois alguns dias mais tarde, falando aos Seus discípulos em Cafarnaúm, repetiu, desta vez para todos: «Em verdade vos digo, o que ligardes na terra será ligado nos céus, e o que desligardes na terra será desligado nos céus» (Mateus 18, 18).

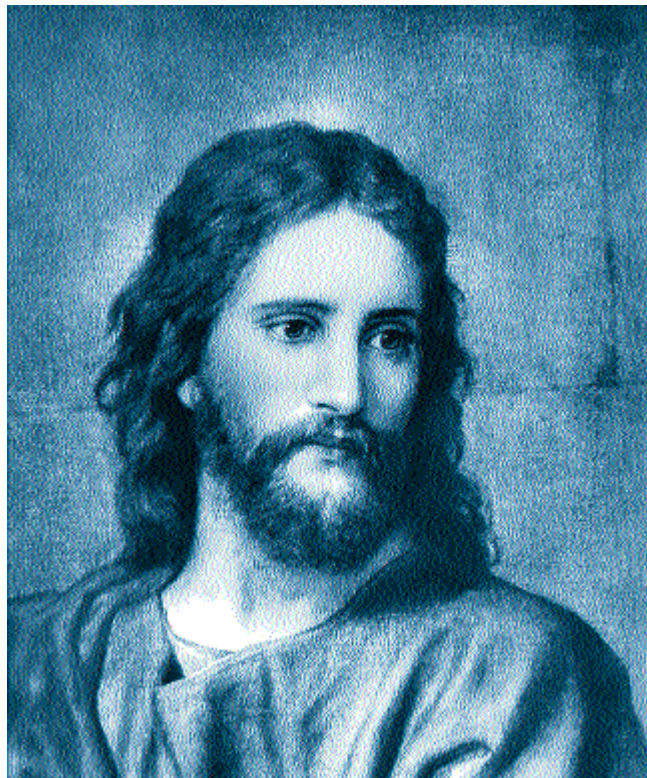
É um ensinamento importante, este de Jesus aos Seus discípulos: tudo quanto se ata ou desata cá em baixo, tudo quanto se tece ou destece — e não só pelas mãos de Pedro, ou do papa! —, *projecta-se para o alto* e tem um efeito análogo nos reinos supra-sensíveis e por conseguinte no Banco Cósmico, além de que vai construindo — ou desfazendo — a nossa futura morada «nos céus».

O rochedo, ou a pedra, da *personalidade material* não-redimida é simbolizada pela fase histórica da *Lei*, que foi dada a Moisés em tábuas de *pedra*, sendo portanto inferior, em mistério, à «pedra angular» ou «pedra espiritual»: a do *segredo crístico*. Tal fase — a da personalidade — só terá acesso ao Reino dos Céus a partir da superior *individualidade espiritual*, ou seja, a partir do «homem interno» de Paulo (2 Coríntios 4, 16), ou do «Cristo em formação» no ser humano (Gálatas 4, 18-19). Mesmo interpretando, como o faz a Igreja, que «sobre essa pedra» se refere a Pedro (símbolo da *persona* mundana) e não ao próprio Jesus, continua a fazer sentido que Cristo tenha descido até nós porque sabia que é neste mundo onde a *pedra da personalidade* impera que a Sua comunidade tem de ser erigida, em sofrimento, para o combate evolutivo indispensável até que nos seja possível atingir a «perfeição do Pai». Por isso ao dizer: «sobre essa pedra construirei a minha comunidade» estaria a referir-se, neste caso, à pedra personalística que O «negou três vezes», tal como a mesma Igreja o tem negado tantas através dos séculos, e provavelmente negará, antes que a divina compreensão unifique todos os homens e mulheres em puro AMOR universal.

Por seu turno, a redenção que se alcança através da *individualidade espiritual* é a autêntica *chave* do Reino dos Céus, que sabemos encontrar-se no NOSSO SER pela revelação que Jesus nos faz por intermédio do místico Evangelho de Lucas: «Olhai que o Reino de Deus está dentro de vós» (Lucas 17, 21). É o diamante oculto no interior da pedra bruta — a Sétima Morada da alma, de Santa Teresa de Jesus, a mais íntima e a mais divina[7] —: o diamante só brilhará em todo o seu esplendor após se aplicar à pétreo crosta, onde se oculta, o esmeril para desbastá-la, o esmeril que faz a «pedra» chiar com a violência do desgaste, ou seja, gemer com as dores e com o sofrimento de andar (andarmos!) no mundo e no aprendizado da vida, até que, pelo exercício da *Gnosis* e pela graça da *Sophia* sejamos dignos de alcançar a redenção e a **paz**, «a paz de Deus que excede todo o entendimento», como nos ensina Paulo (Filipenses 4, 7) e nos confirma um dos seus discípulos:

«... a fim de conhecerem o mistério de Deus, isto é, Cristo, no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria [gr. *sophia*] e do conhecimento [gr. *gnôsis*]» (Colossenses 2, 3)[8].António de Macedo

A MISTERIOSA ESCRITA DE JESUS



Antonio de Macedo

*Os escribas e os fariseus trouxeram uma mulher que fora apanhada em adultério. Puseram-na no meio da multidão e disseram a Jesus: «Mestre, esta mulher foi surpreendida em pleno adultério. Moisés, na Lei, ordena que tais mulheres sejam apedrejadas. Tu que dizes?» Diziam isto a fim de pô-lo à prova, e poderem acusá-lo. Jesus, porém, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo. Como eles insistissem, ergueu-se e disse-lhes: «**Quem de vós for irrepreensível, que lhe atire a primeira pedra**». E inclinando-se de novo escrevia na terra.*

João 8, 3-8.

Este famoso episódio da *mulher adúltera* (dos quatro Evangelhos canónicos só o de João é que o refere) tem inspirado, ao longo dos séculos, distintas senão mesmo contraditórias reflexões aos mais variados exegetas. Para além de todo o simbolismo envolvido na pequena narrativa (matrimónio-adultério; individualidade-personalidade; o poder de julgar; o livre-arbítrio; a rigidez da Lei na Antiga Dispensação *versus* a Nova Dispensação e o Redentor do pecado do mundo; a não-reincidência no mal como condição indispensável para a superação interna; etc.) — uma pergunta comezinha acode-nos imediatamente ao espírito: QUE PALAVRAS OU FRASES ESCREVEU JESUS NA TERRA?

A Bíblia não o diz. (Ou talvez diga, de forma oculta, mas o véu da minha ignorância não me permite decifrá-lo). Na incapacidade de recorrer à clarividência positiva, com investigação directa nos «arquivos» da Memória da Natureza, auscultemos alguns dos que se debruçaram sobre o assunto. Começemos por Jerónimo, doutor da Igreja do século IV, autor da tradução latina da Bíblia conhecida como *Vulgata Latina* ^[1]. Jerónimo, a quem o instrutor rosacruciano Edmundo Teixeira (1922-1994) — meu grande inspirador — chama «imaginoso» no seu magnífico *Curso de Cristianismo Esotérico*, pretende adivinhar que Jesus escrevia na areia os pecados daqueles que se aproximavam para ler, o que, naturalmente, os afugentava (cf. *Patrologia Latina*, vol. 23, 1863, col. 553). Veremos dentro em pouco que o erudito Jerónimo talvez não estivesse a ser tão imaginoso quanto isso.

Mais recentemente, um estudioso muito conhecido, Robert Ambelain, Grão-Mestre de várias Obediências Maçónicas, perfilha a tese bizarra de que Jesus estaria a utilizar um processo mágico divinatório, envolvendo provavelmente um ritual de purificação. No seu livro *Jésus ou le mortel secret des Templiers* (Éditions Robert Laffont, Paris 1970), Ambelain diz que o gesto de Jesus corresponderia a uma interrogação Geomântica (pág. 190). Em todo o Médio Oriente, desde há muito e ainda em tempos actuais, certos adivinhos obtêm respostas por meio dum ritual chamado *Darb el-Remel* — a «arte da areia» —, onde se traçam 16 figuras oraculares com o dedo, no chão arenoso. Também se pode tratar dum «desligamento» psíquico de carácter especial, purificador: traçam-se na areia ou na terra certos diagramas mágicos, faz-se passar o paciente por cima e logo este se encontra liberto, pois o «espírito mau», obsessor, não pode resistir à passagem sobre os caracteres sagrados.

O defeito desta hipótese é óbvio. Jesus NÃO era um «mágico»: Jesus era o **Vaso do Cristo**.

Todas as Suas palavras e acções estavam impregnadas pela **refulgência crística** que não se coadunava com técnicas operacionais de baixa magia. Os Seus «milagres» (a que o Iniciado João, no Quarto Evangelho, prefere chamar «sinais») simplesmente denotavam um avançadíssimo e profundíssimo conhecimento das chamadas «leis da Natureza», que os seres humanos penosamente vão desbravando, ao longo dos séculos, abrindo caminho de descoberta em descoberta, qual delas a mais estonteante, por meio de aturadas investigações científicas, de observações, de experiências — ou seja, através de um trabalho persistente e metodológico de dedução, de indução e de «tentativa e erro». Não esqueçamos, por exemplo, que a energia nuclear **sempre** existiu, mas só nas recentes décadas foi concedido ao homem o ensejo de a conhecer e dela se utilizar!

A autora Corinne Heline (1882-1975), discípula directa de Max Heindel e iniciada nos Mistérios Rosacruz, avança uma explicação que não anda muito longe das intuições de Jerónimo. Na sua obra *New Age Bible Interpretation*, C. Heline conta o seguinte (vol. V, 1935, II Parte, pág. 125):

«O Professor Caspar Rene Gregory da Universidade de Leipzig, após exaustivas comparações entre velhos textos evangélicos e outras escrituras cristãs primitivas, revelou que, segundo descobrira no Monte Athos (Grécia), as misteriosas frases escritas pelo Mestre seriam:

- 1. Eldar assassinou o seu amigo Modor no deserto;*
- 2. Hiram expulsou a viúva de Buvan da própria casa dela;*
- 3. Meoman, com o seu poder, seduziu e subjugou a mulher de Arved.*

Os três fariseus nomeados haviam sido os mais acérrimos em arrastar a mulher adúltera à presença do Cristo. Retiraram-se um a um, à medida que o respectivo nome ia sendo escrito por Ele».

Eis o que nos diz Corinne Heline. Eu, como não sei ler na Memória da Natureza, por aqui me fico. Se algum leitor tiver outras informações, desde já encarecidamente lhe rogamos que nos ilumine.

-----ooOoo-----

CORINNE HELINE

(1882 - 1975)



Retrato de la escritora mística Corinne Heline, discipula de Max Heindel

Author: Bro. +Vicente Velado

Antonio de Macedo

Uma luminosa «teia do destino» desde muito cedo se teceu na vida da rosacruciana **Corinne Heline**, autora de 28 volumes de obras esotéricas.

Antes de prosseguir o alinhavo do breve esboço biográfico que compilei de diversas fontes, sobre esta autora, cumpre-me esclarecer dois pontos que ao leitor de formação Rosacruciana podem parecer de problemática aceitação. São eles:

(1) A utilização, por Corinne Heline, do termo «New Age» — Nova Era —, termo que se divulgou a partir dos anos 70 do século XX como veículo de um conjunto heteróclito de ideologias mais ou menos «esotéricas», sendo que algumas, inclusivamente, se contrariam entre si e em que se mistura um pouco de tudo, desde o tantrismo hindu à iniciação egípcia, passando por técnicas meditacionais de realização pessoal, etc. [NOTA: Não tenho nada contra o tantrismo, a iniciação egípcia ou as diversas formas de meditação; acho apenas que se não devem misturar — cada coisa em seu Raio];

(2) A intensa devoção de Corinne Heline à Virgem Maria, em aparente contradição com a doutrina expendida por Max Heindel nas suas obras, em geral, e em especial em *A Maçonaria e o Catolicismo*.

Quanto ao primeiro ponto, basta esclarecer que a «New Age» citada nas obras de Max Heindel, Theodore Heline e Corinne Heline no primeiro quartel do século XX, ao contrário da «New Age» de segunda vaga dos anos 70, não se refere apenas à iminente Era do Aquário, embora estes três pioneiros a ela façam frequente menção. No espírito da Filosofia Rosacruciana a verdadeira Nova Era é a **Sexta Época**, ou **Nova Galileia**, também designada, ocultamente, por «Reino de Deus»^{III} e «Nova Jerusalém». Actualmente encontramos-nos na Quinta Época, Ariana. Ouçamos Max Heindel:

«Nas primeiras duas Épocas [Polar e Hiperbórea] o ser humano evolucionou um *corpo* e *vitalizou-o* ; na Terceira Época, Lemúrica, desenvolveu o *desejo* ; na Quarta Época, Atlante, produziu a *astúcia* ; e na Época actual, Ariana, incrementou a *razão*. Na Nova Galileia a humanidade terá corpos mais finos e etéreos do que actualmente, a Terra será transparente, e os corpos serão mais facilmente responsivos aos impulsos espirituais. [...] A Nova Galileia será formada por Éter Luminoso permeado de luz solar, nela não haverá noite e será uma terra de Paz (*Yeru-Shalem*) onde se realizará a Irmandade Universal de todos os seres, unidos pelo Amor» (*The Rosicrucian Christianity Lectures*, Lecture 14: «Lucifer: Tempter or Benefactor?», p. 240).

No *Conceito Rosacruz do Cosmos*, Max Heindel acrescenta: «Os cristãos esotéricos e os estudantes de todas as escolas ocultas estão esforçando-se por atingir o grau mais elevado, que será alcançado, genericamente, na Sexta Época, ou Nova Galileia, quando a unificante Religião Cristã abrir os *corações* dos seres humanos, tal como o seu *entendimento* está sendo aberto agora» (Cap. XII - Evolução da Terra), e também: «Na Nova Galileia, que é a vindoura Sexta Época, o Amor tornar-se-á inegoísta e a Razão aprovará os seus ditames. A Irmandade Universal realizar-se-á porque cada um trabalhará para o bem de todos, e as propensões egocêntricas serão coisa do passado» (Cap. XIII - Em Direcção à Bíblia).

É a Nova Jerusalém descrita no Apocalipse:

«E vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra haviam desaparecido; e o mar já não existia. E vi a cidade santa, a **Nova Jerusalém**,

que descia do céu, de junto de Deus, ornamentada como uma noiva que se ataviou para o seu esposo» (Apocalipse 21, 1-2).

Esta Nova Jerusalém, construída no Primeiro Céu (região superior do Mundo do Desejo, ou do Mundo Astral como lhe chamava Paracelso) pelos *crístãos devotos*, tornar-se-á visível durante a Sexta Época ou Nova Galileia, estando por conseguinte muitíssimo distanciada, no futuro, da Era do Aquário. Por isso Max Heindel tanto insiste no *serviço amoroso e desinteressado* aos demais: «O serviço constrói o **corpo anímico** [*soul body*], o glorioso Trajo de Núpcias sem o qual ninguém pode entrar no Reino de Deus, designado ocultamente como «Nova Galileia», e não importa o grau de consciência que o candidato tenha ou não do percurso, desde que cumpra o seu dever. Além do mais, como o luminoso corpo anímico se desenvolve por dentro e em torno da própria pessoa, a sua luz ensinar-lhe-á os Mistérios sem necessidade de livros, e quem tenha sido assim instruído por Deus conhece mais do que tudo quanto esteja contido em todos os livros do mundo» (Max Heindel, *Gleanings of a Mystic*, pp. 135-136).

Uma vez que a Nova Idade, ou Nova Galileia, se cumprirá nos tempos apocalípticos como «Nova Jerusalém», tal significa que ocorrerá então o Segundo Advento, do Cristo Glorioso — tempos esses em que «seremos arrebatados às nuvens ao encontro do Senhor, nos ares», tal como nos diz o Iniciado Paulo na sua primeira epístola aos Tessalonicenses (4, 17), significando «nos ares», aqui, «em corpo etérico», ou melhor, no subtil «corpo anímico» formado pelos dois éteres superiores: Luminoso e Reflector; então, cantaremos ao Senhor (Cristo) «um Cântico novo, dizendo: Digno és de tomar o livro e de lhe abrir o selos, pois foste degolado e com o teu sangue resgataste para Deus gente de toda a tribo, língua, povo e nação; fizeste deles *reis e sacerdotes* para o nosso Deus» (Apocalipse 5, 9-10).

Trata-se duma profecia, sem dúvida, mas sobretudo duma promessa, em que a condição conjunta de **rei** e **sacerdote** se verificará como recompensa desejável para essa vindoura Nova Era — «New Age» —, de santidade e de paz.

É esta condição conjunta, de rei e sacerdote, que nos vai esclarecer em seguida o segundo ponto referido acima, acerca da (aparentemente) contraditória devoção da rosacruciana Corinne Heline à Virgem Maria.

No seu livro *A Maçonaria e o Catolicismo*, Max Heindel põe em paralelo as duas grandes linhagens da espécie humana, segundo uma interessante lenda maçónica que diverge nalguns pontos da tradicional génese bíblica: antes de conhecer Adão, Eva conheceu o anjo luciferino Samael, e dele teve Caim. Como entretanto Samael se revoltou contra Jahvé, foi expulso por este, e o filho de ambos, Caim, foi chamado «o filho da Viúva». Jahvé criou Adão, que se uniu a Eva e nasceu Abel. Mas Abel foi morto por Caim e Adão e Eva tiveram um novo filho, Seth, para substituir Abel.

O anjo Samael representa as forças marcianas de Lúcifer, que fizeram a sua morada no planeta Marte, são as «Hierarquias do Fogo» e deram origem à Ordem Maçónica e à «luz interna», aprisionada, que permite *ver e conhecer*. É a linhagem do **intelecto**, ou «linhagem *mental*» (Ocultismo — Escolas de Mistérios). Caim e seus descendentes são os seus representantes humanos.

Por sua vez o anjo Gabriel, anunciador dos nascimentos, representa as Hierarquias Lunares presididas por Jahvé, ou seja, as «Hierarquias da Água» que deram origem à Igreja católica e à «fé devocional», e se opõem à Gnose; é a linhagem do **coração**, ou «linhagem *cordial*» (Misticismo — Igrejas). Seth e seus descendentes são os seus representantes humanos.

Desde tempos imemoriais que existe antagonismo entre ambas as linhagens:

(a) A do *homo faber* que trabalha o **fogo**: — o aparelho de Estado e os reis, os artífices, a indústria, descendentes de Caim e associados ao luciferino planeta **Marte**, deus do ferro, do fogo e da guerra, cuja Organização Iniciática, a Ordem Maçónica, tem como ideal Hiram Abiff, descendente de Caim e construtor do Templo de Salomão, modelo da «linhagem *mental*», também chamada «linhagem real»;

(b) A do *homo pius* submetido à **água** benta: — os clérigos, os devotos, os sacerdotes, descendentes de Seth e associados à húmida **Lua**, planeta da alma, da fecundação, das emoções, cuja Organização Sacramental é a Igreja; o seu ideal feminino é a Virgem Maria, modelo da «linhagem *cordial*», também chamada «linhagem sacerdotal».

Houve porém um tempo, recuadíssimo, em que aquele antagonismo não existia, simbolizado pelo mito de Melquisedec, misteriosa personagem bíblica que, sendo **Rei** e **Sacerdote** (união das duas linhagens) fez um sacrifício de **pão** e **vinho** (Génesis 14, 18-20), prefigurando a vindoura Dispensação Crística, que eliminou os sacrifícios de *carne* e *sangue*.

A desunião deu-se na quarta Idade, onde começa o terceiro capítulo do Génesis, e tem-se mantido até aos nossos dias — e manter-se-á ainda por toda a Época Ariana.

A Idade Vindoura, ou Nova Galileia, promoverá a *re-união* em Cristo, também Ele **Rei** e **Sacerdote**, «proclamado por Deus Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedec» (Hebreus 5, 10). Esta Ordem de Melquisedec, regida por **Cristo**, Rei e Sacerdote, justo e santo, reinará portanto na Sexta Época, a Nova Jerusalém do Apocalipse, em que todos os seres se reunirão em perfeito AMOR.

Por conseguinte, ambas as vias são indispensáveis, na fase actual, para se chegar a uma desejável, ainda que futura, plena convergência, e para que os seres humanos atinjam a perfeição de *sentir* com a mente e *pensar* com o coração.

Está assim explicada a perplexidade de certos estudiosos de Max Heindel que encontram, nos seus escritos, ora desenvolvimentos místicos (cordiais), ora desenvolvimentos ocultos (mentais); é que Heindel já se encontrava num grau de avanço em que a convergência começava a fazer-se sentir de forma marcante, ao longo de ambas as linhas. O mesmo sucede com Corinne Heline: sendo uma Iniciada numa Escola de Mistérios (Ocultismo), o seu avanço exige igualmente o desenvolvimento *devocional feminino*. Assim, a sua devoção à Virgem Maria, ou à Divina Mãe, é a indispensável via *cordial* (mística) paralela e complementar à via *mental* (oculta), sendo esta proporcionada não só pelo intelectualismo imperante na nossa Época (razão científica e filosófica) mas também pelas Escolas de Mistérios, como por exemplo a actual Escola de Mistérios Rosacruz.

Após esta ressalva prévia, esboçemos em breves linhas o percurso espiritual de Corinne Heline.

Desde menina, já evidenciava uma mente brilhante e inquisitiva, a par duma consciência muito avançada; passava horas a visitar e a contemplar uma belíssima escultura da Virgem Maria na igreja católica que ficava do outro lado da rua onde se situava a Escola Dominical Metodista, onde estudava. Mais tarde, lembrar-se-ia que foi este primeiro e inspirador contacto com a Divina Mãe que haveria de constituir uma

presença permanente, amorosa e protectora, para tudo quanto veio a escrever. Toda a sua dedicação, ao longo da vida, centrar-se-ia na Virgem Divina.

Corinne teve a consciência da sua missão desde a mais tenra idade. Tinha ela quatro anos e costumava reclinar a cabecita sobre a Bíblia aberta, que a mãe lia, e explicava: «Há uma coisa maravilhosa e muito bonita neste Santo Livro, e um dia hei-se saber o que é». Era ela uma alma que devido à sua preparação anterior, pôde facilmente imprimir na mente consciente, desde a infância, a importância do trabalho que lhe estava cometido na presente encarnação.

Na adolescência, descobriu o fascínio da literatura oculta na vasta biblioteca particular duma vizinha que a recebia carinhosamente, e que se interessava por Teosofia e Rosacruçianismo. Leitora ávida da Bíblia, Corinne verificou que a podia entender melhor com o auxílio dos livros de filosofia oculta que a vizinha lhe emprestava. Os livros sobre reencarnação, sobretudo, desvendaram-lhe um novo mundo, dando-lhe resposta a muitas questões. Um dia a vizinha ofereceu-lhe um exemplar do *Conceito Rosacruz do Cosmo*, de Max Heindel, e toda a sua vida mudou a partir de então.

Corinne nascera em Atlanta, na Geórgia, em 13 de Agosto de 1882, no seio duma família abastada. A mãe morreu-lhe quando ela tinha 16 anos, deixando-lhe uma confortável herança que Corinne mais tarde utilizou para editar livros. A jovem sofreu profundamente com a morte da mãe, até que uma noite a mãe lhe apareceu dizendo que se encontrava feliz nos Mundos Superiores, e lhe pediu que deixasse de chorar e procurasse alegrar o pai, minorando-lhe o desgosto. Disse-lhe mais, que fosse a um velho baú onde estava guardado o dinheiro do Natal, e que comprasse uma Bíblia nova. Foi esta Bíblia que Corinne usou durante todo o tempo que levou a escrever a sua monumental obra *New Age Bible Interpretation*.

Após a morte da mãe, Corinne mudou-se para a Califórnia onde foi discípula durante cinco anos de Max Heindel, que a encorajou e auxiliou no seu desenvolvimento espiritual, tendo-lhe pedido, antes de morrer em 1919, que não deixasse de levar por diante o trabalho de divulgar certos aspectos dos ensinamentos Rosacruzes.

Foi cerca de três anos após a morte de Max Heindel, na véspera do Natal de 1922, que Corinne teve a súbita **inspiração mística** de que era chegado o momento de dar início ao trabalho que lhe estava superiormente destinado, ou seja, interpretar a Bíblia à luz da Tradição esotérica. Foi a seguinte, a visão que teve: viu-se presente na Última Ceia, onde decorriam duas celebrações: uma, com Jesus e os Seus discípulos, numa sala; e outra, numa sala só com mulheres, onde Maria sentada à cabeceira da mesa dava instruções para o futuro disseminar da Doutrina. Corinne ficou muito chocada quando Maria a encarregou de escrever uma interpretação da Bíblia, e escusou-se: «Porquê eu? Não tenho qualificações». Mas Maria aproximou-se dela, beijou-a numa face e disse: «Ajudar-te-ei».

Foi uma tarefa monumental aquela a que Corinne se dedicou nesta encarnação, e pela qual gerações de estudantes lhe ficarão eternamente em dívida. As suas obras constituem uma exposição exaustiva do plano de evolução e de Iniciação para as Eras de Peixes e de Aquário, tal como vem apresentado na Bíblia.

Logo após a morte de Max Heindel, Corinne entabulou uma relação duradoura com Theodore Heline, actor shakespeariano, escritor e editor da revista esotérica *Rays from the Rose Cross*. Mais tarde ele tornou-se editor e fundador duma outra revista esotérica, *New Age Interpreter*, tendo fundado igualmente uma casa editorial, a New

Age Press. Corinne e Theodore viajaram largamente pelos Estados Unidos, dando conferências que esgotavam lotações, nomeadamente no Santuário do Centro New Age de Filosofia e Estudos Bíblicos, de Santa Mónica, onde foram ordenados ministerialmente. Foi nessa época que casaram, tendo Theodore por fim abandonado a sua carreira de escritor e conferencista para se dedicar a apoiar Corinne e divulgar a obra dela por todo o mundo. Tal como Corinne e Max Heindel, ele foi um pioneiro da Era do Aquário, não se poupando a esforços para utilizar as suas experiências de vida numa tarefa tão exaltante como desafiadora.

Após a morte do pai de Corinne, o casal Heline comprou uma casa numa colina da Califórnia, à qual chamaram Madonna Crest («Outeiro de Nossa Senhora»), em homenagem à Virgem Maria. Era um local muito apazível, um santuário de paz e tranquilidade, rodeado por um belo jardim cheio de árvores e flores. Foi aí que ela escreveu a maior parte da sua magnífica obra, e onde dava conferências e cursos, sempre muito concorridos.

Para além dos sete volumes de *New Age Bible Interpretation*, Corinne Heline escreveu muitos e inspirados livros, como por exemplo *Magic Gardens* e *Star Gates*, onde faz referência às quatro Sagradas Celebrações Sazonais — os Solstícios e Equinócios —, que eram sempre celebrados em Madonna Crest com rituais apropriados. Tanto nestes como em outros livros que escreveu, Corinne sempre procurou ajudar os investigadores espirituais a manifestarem no plano físico os Templos de Música e de Cura que formarão parte da nova expansão de consciência de Aquário, e respectivos métodos naturais de cura. Corinne tinha a capacidade de visitar estes antigos Templos fazendo uso da sua clarividência e da sua consciência expandida, que lhe permitiam aceder aos mundos invisíveis donde trazia os princípios espirituais com que enriquecia os seus livros.

Concluiu os sete volumes de *New Age Bible Interpretation* em 1954, quando já contava 72 anos. Theodore Heline transitou subitamente aos Mundos Superiores em 1971; Corinne poucos anos lhe sobreviveu, tendo transitado em 1975 com a bonita idade de 93 anos. O serviço fúnebre foi celebrado pelo reverendo Gene Sand, amigo do casal e que ensinou durante mais de 50 anos no Centro New Age de Santa Mónica. O serviço foi muito belo, segundo relatam testemunhas, e os possuidores de visão espiritual puderam contemplar um maravilhoso agrupamento que veio dar as boas-vindas a Corinne, entre os quais Max Heindel e outros que se haviam devotado a participar na construção do ciclo que agora se encerra. Actualmente, Corinne continua a sua obra nos planos superiores como discípula Maior da Hierarquia, para benefício de todos os estudantes e aspirantes que desejam ser instrumentos conscientes no alvorecer da Nova Era.

-----ooOoo-----



EU E O PAI SOMOS UM:

**O Eterno Feminino na Nova
Religiosidade**



The Winged Self *

Antonio de Macedo

I — Entreabrir o portal...

Num certo Inverno, em Jerusalém, durante a festa judaica da Reconsagração do Templo, passeava-se Jesus diante do pórtico de Salomão quando os judeus, aproximando-se, lhe perguntaram: «Até quando nos manténs em suspenso? Se és o Cristo (o Messias), diz-nos abertamente». Jesus respondeu-lhes: «Já vos disse, e não me acreditastes».

Este episódio vem relatado no capítulo 10 do Evangelho de João, Ritual de Mistérios Maiores, onde se dá conta do pequeno discurso — mas substancial e iluminante — que Jesus proferiu em continuidade, até que chegou à famosa frase: «Eu e o Pai somos um» (João 10, 30). Os judeus, escandalizados, pegaram em pedras para apedrejá-lo, ao que Ele contrapôs: «Fiz muitas obras boas a vosso favor; por qual delas me apedrejais?» Replicaram eles: «Não te apedrejam pelas tuas boas obras, mas porque, sendo homem, te fazes Deus». O episódio prossegue com a resposta de Jesus e a conclusão da Sua prédica, mas, para o que nos importa apurar, quedemo-nos por aqui.

Duas notas se salientam: primeiro, o nível iniciático da «instrução» de Jesus não foi apreendido pelos ouvintes, que somente captaram o significado físico, ou literal; e segundo, a frase «Eu e o Pai somos um», central no conjunto da prédica, contém a chave que nos permite entreabrir o Portal da Nova Religiosidade, se soubermos atinar com o Espírito que vivifica o sentido da frase.

II — As três «leituras»

Penetrar no sentido dum texto pressupõe um certo tipo de «interpretação» desse texto, ou, mais simplesmente — um certo tipo de «leitura». Tratando-se neste caso dum texto bíblico, eu diria, numa forma breve e simplificada, que podemos considerar três «leituras» possíveis da Bíblia:

- Laica;
- Teológica;
- Esotérica.

Esta classificação simplificada corre o risco de parecer demasiadamente redutora, por isso me apresso a esclarecer que:

a) Incluo na «leitura laica» toda e qualquer leitura que considere os textos bíblicos apenas pelo seu lado textual-documental — e de preferência partindo dum princípio racional-agnóstico, de que pode servir de exemplo mais óbvio o divertido *Dictionnaire Philosophique* (1764), do iluminista Voltaire. Essa leitura, numa forma genérica e sobretudo nos tempos mais recentes, serve-se de toda uma aparelhagem de análise e de crítica de textos idêntica à que se pode aplicar a qualquer texto profano, antigo ou moderno, sem levar excessivamente em conta — ou mesmo nada — o lado «espiritual» dos conteúdos;

b) Designo por «leitura teológica» a que se opera na crença de que os textos bíblicos são a «palavra de Deus», e socorre-se de técnicas interpretacionais quer da tradição religiosa judaica (para o Antigo Testamento), quer da tradição das Igrejas cristãs (a Católica romana, as Protestantes e as Ortodoxas, para o Antigo Testamento e o Novo Testamento), sem excluir, mais modernamente, os mesmos instrumentos hermenêuticos, exegéticos, semióticos, etc. da «leitura laica», embora adaptando-os ao pressuposto de um «conteúdo revelacional» de origem divina;

c) Finalmente a «leitura esotérica». Que se poderá entender por uma «leitura esotérica da Bíblia»? Provavelmente haverá mais do que uma, tal como se deduz do facto de haver diversos «esoterismos». No entanto, procurando simplificar mais uma vez, embora correndo o risco duma certa imprecisão, podemos dizer, em primeira aproximação, que uma «leitura esotérica» da Bíblia tem de partir dum quantas «regras do jogo» — por exemplo, convencionar que o ser humano não esgota a sua totalidade no corpo físico, mas tem uma parte espiritual que é a sua verdadeira essência consciente, eterna, e que subsiste nos mundos invisíveis após a morte; que existe um Deus, ou uma Grande Inteligência Cósmica, com quem o espírito do ser humano pode relacionar-se, harmonizar-se e até identificar-se; que a sucessão dos tempos quer históricos quer iniciáticos é coordenada por um plano geral do Espírito; que a Natureza e a Escritura se correlacionam não só como uma grande rede alegórica, susceptível de hermenêutica, mas também como geradoras de símbolos que tornam «transparente» uma realidade que fica além de qualquer expressão ou comunicação; etc. Por outro lado, admite que o texto examinado não esgota a totalidade dos seus significados numa «leitura literal», mas contém significados «ocultos» (sejam simbólicos ou iniciáticos) que carecem de ser devidamente decodificados.

III — Natural e sobrenatural

Em resumo: o *teológico* faz apelo ao «sobrenatural», ao passo que o *esotérico* considera que o chamado «sobrenatural» se inclui no «natural», isto é, o «sobrenatural» não é mais do que uma expressão (infeliz?) das Igrejas para caucionar, *exotericamente*, o

inexplicável em termos físico-rationais. A *Suma Teológica* (1265-1273) de Tomás de Aquino é a expressão acabada desse mentalismo: no fundo, ao pretender captar Deus nos limites da razão humana, relega para a esfera do «mistério» — no sentido eclesiástico do termo, e não no sentido iniciático, *mystêrion*, como deveria ser — tudo aquilo que Deus é e decide para além do que à razão humana lhe é possível escrutinar e entender.

Assim, o «pecado original» cometido por Eva e Adão e que se perpetua na sua descendência, o «plano de salvação» decidido por Deus ao longo da história da humanidade, o nascimento virginal de Jesus por obra e graça do Espírito Santo, a identificação de Jesus com Deus, as «Três Pessoas» distintas da Santíssima Trindade em uma só natureza, a ressurreição corporal de Cristo e Sua ascensão corporal ao céu, a «ressurreição dos mortos» no último dia, etc. são processos que correspondem a factos esotericamente explicáveis em termos «naturais» — a matéria é espírito cristalizado! — e não ocorrências «miraculosas» e «sobrenaturais» deliberadas por um Deus caprichoso que transgride, quando assim o entende, as imutáveis leis universais que Ele mesmo criou, com a agravante de não querer que os humanos entendam «certas coisas» com a sua razão que o mesmo Deus lhes deu.

Retornando ao exemplo donde partimos, vejamos aonde nos conduziria a tripla leitura da frase de Cristo Jesus «**Eu e o Pai somos um**».

IV — Tríplice Deus, tríplice Espírito

1. Leitura laica — Parte do conhecimento crítico de que a língua falada na Palestina e na Síria no tempo de Jesus era o aramaico, língua semítica estreitamente aparentada com o hebraico, o siríaco e o fenício. Língua popular por excelência durante vários séculos, manteve-se durante a ocupação romana porque a potência ocupante não conseguiu, nessa área do Médio Oriente, popularizar o latim, somente falado pelos soldados e funcionários romanos e pelos judeus ligados à corte do Procurador da Roma imperial. Por sua vez o grego, muito espalhado no império, era sobretudo falado e entendido pelas classes cultas, pelos viajantes, pelos homens de negócios e pelos mercadores. Os textos do Novo Testamento — Evangelhos, Actos, Epístolas, Apocalipse — chegaram até nós redigidos em grego; as eventuais versões primitivas, aramaicas — se é que as houve! — perderam-se. Compreende-se a preferência pelo grego, a língua franca da época, tal como o inglês, hoje, na Internet: maior facilidade de divulgação. Ora acontece que os especialistas conseguem detectar, nos textos gregos desse tempo, certas construções idiomáticas típicas do aramaico que lhe estaria subjacente — os chamados «aramaísmos» —, como por exemplo: «Corta a tua mão direita» (Mateus 5, 30), que significa apenas «deixa de roubar»; ou «Permite-me que vá enterrar o meu pai» (Mateus 8, 21), que significa «Deixa-me ir tomar conta do meu velho pai até que morra»; ou ainda «Quem não tiver espada, venda o seu manto e compre uma» (Lucas 22, 36) que significa «Há um perigo iminente». Do mesmo modo,

a frase «Eu e o Pai somos um» (João 10, 30) é um vulgar aramaismo em que apenas se afirma uma concordância de pontos de vista entre duas pessoas, ou seja: Eu e o Pai estamos de acordo. Não se pode deduzir daqui que Jesus se identifica com Deus como Segunda Pessoa da Trindade. Pode muito bem ser apenas um simples humano que concorda e se identifica com as prescrições e os mandamentos divinos.

2. Leitura teológica — Os teólogos, pelo contrário, vêm nesta frase uma clara afirmação da identidade absoluta entre a «substância» do Pai e a «substância» do Filho, ou seja, a confirmação de que Jesus de Nazaré é igual a Deus. Trazem em abono desta interpretação outros passos da Bíblia em que os feitos e os ditos de Jesus se equiparam a actuações que, no Antigo Testamento, são atribuíveis a Jahvé. Por exemplo: Jahvé dá o pão (ou maná) como alimento (Êxodo 16, 8.15; Deuterónimo 8, 3), e Jesus dá o verdadeiro pão da vida (João 6, 11.32-35.51); Jahvé, por intermédio de Moisés, faz brotar água da rocha (Êxodo 17, 6), e Jesus dá a «água viva» que leva à «vida eterna» (João 4, 10-14); Jahvé dá mandamentos (Êxodo 31, 18; 34, 28; Deuterónimo 4, 13; 5, 22; 10, 4), e Jesus dá um «mandamento novo» (João 13, 34); etc. Ou seja: ao conceder dons e dádivas que no Antigo Testamento são exclusivos de Jahvé — pão, água, mandamentos, vida eterna, etc. —, Jesus parece estar a atribuir-se a mesma condição divina do próprio Deus.

3. Leitura esotérica — Toma em consideração duas vertentes: uma externa e outra interna. Do ponto de vista externo leva em conta as eventuais deturpações que os textos escriturísticos sofreram nas sucessivas cópias que chegaram até nós, e não desdenha os estudos que têm sido feitos com o fim de descortinar o texto-base anterior às alterações introduzidas; do ponto de vista interno articula os conteúdos doutros passos da Escritura com o *conhecimento* e a *sabedoria* (Gnôsis e Sophia) transmitidos pela tradição iniciática e pelas correntes esotéricas do Ocidente heleno-judaico-cristão. Segundo esta perspectiva, se conjugarmos a frase «Eu e o Pai somos um» com um outro dito de Jesus no mesmo Evangelho de João, mas desta vez no Sermão da Ceia, onde Jesus afirma: «O Pai é maior do que eu» (João 14, 28), constatamos que ambas as frases, longe de se contradizerem, se esclarecem mutuamente à luz duma leitura esotérica, não-sobrenatural. A última afirmação, feita para Iniciados, assevera a inequívoca diferença entre Jesus e Deus, mas, ao mesmo tempo, ao conjugar-se com a frase anterior da *real identidade* ou melhor, *unidade*, de Cristo e do Pai, alumia-nos com a seguinte «leitura»: Jesus, não sendo idêntico a Deus-Pai, mas conhecendo-O por contacto directo pela *infusão Crística* que recebeu no Baptismo (Cristo-Jesus tornou-se o único ser com um leque de veículos físico-anímico-espirituais que vão desde o mundo material até ao Mundo de Deus), tem autoridade e conhecimento para afirmar que «o Eu» — o Eu Superior, o eterno Espírito de todo o ser humano — é «uno com o Pai», ou seja, idêntico à essência divina: o tríplice Espírito dos seres humanos, que é uma *criação perfeita*, é uma réplica do tríplice aspecto da Divindade: Pai, Filho e Espírito Santo. O que é confirmado por Paulo, o Iniciado: «Não sabeis que sois templo de Deus, e o Espírito de Deus habita em vós?» (1 Coríntios 3, 16).

V — Corrupções «ortodoxas» da Escritura

Esclareça-se que esta tradição esotérica não é tão fantasiosa como pode parecer à primeira vista. É um facto bem conhecido dos especialistas modernos, conhecedores da enorme quantidade de documentos escriturísticos existentes, desde os mais antigos papiros manuscritos até à profusão de cópias e versões em diferentes linguas antigas, que a Escritura — e, neste caso concreto, o Novo Testamento — sofreu adulterações e corrupções introduzidas pelos copistas duma certa facção das comunidades jesuânicas para se conformar à Cristologia do que se convencionou chamar a «ortodoxia» que finalmente deu origem à Igreja de Roma. A maior parte das passagens do Novo Testamento em que parece afirmar-se que Jesus de Nazaré é Deus, foi obra de «ajeitamentos teológicos», tal como as passagens que de início inequivocamente explicitavam que Jesus, nascido naturalmente de José e de Maria, só se tornou «especial» no momento do Baptismo.

Esta última distinção é importante. Há provas documentais, desde muito cedo, de que certas comunidades cristãs do primeiro e do segundo séculos sabiam que Jesus não se identificava com Deus (por exemplo, Theodotus, os Ebionitas, Cerinthus, etc.), mas que o Espírito Divino — o Espírito Santo — o havia infundido no momento do Baptismo com uma qualidade elevadíssima que o tornou «Filho de Deus», «Salvador do Mundo», em suma: «Cristo». Em contrapartida, as comunidades pré-ortodoxas e ortodoxas defenderam por razões mais políticas e de força, que religiosas, que Jesus sempre foi «Deus» desde o Seu nascimento, e até antes, procedendo os seus copistas às alterações apropriadas dos textos para fazerem vingar essa Cristologia. (Anotese que uso aqui o termo «ortodoxia» não no sentido de rectidão de conteúdos, mas no de dominância da facção que «venceu» as polémicas dos três primeiros séculos e se tornou na Igreja de Roma).

Veamos o seguinte exemplo flagrante. O texto do Evangelho de Lucas, na versão oficial da Igreja, refere o Baptismo de Jesus do seguinte modo: após ter sido Jesus baptizado no Jordão, por João o Baptista, e estando em oração, abriu-se o céu e desceu o **Espírito Santo** sob a forma duma **pomba** e ouviu-se uma voz do céu: «Tu és o meu filho amado; em ti me agradei» (segundo o texto da Vulgata Latina oficializado pelo Concílio de Trento: «Tu es filius meus dilectus, in te complacui mihi» — Lucas 3, 22). Os especialistas laicos, porém, estudando as variantes do texto grego que chegaram até nós, concluíram que a versão primitiva, original, seria: «Tu és meu filho, hoje te dei à luz [gr. *sêmeron gegennêka se*]». Ou seja, a versão oficial, adulterada, escamoteia que Jesus se tornou «Filho de Deus» **apenas** no momento do Baptismo, e por conseguinte não havia nascido «divino». O tempo verbal *gegennêka* é o perfeito do verbo *gennaô*, gerar, parir, dar a luz, e aquela frase remete para o Salmo 2, que contém a fórmula consagratória com que os reis de Israel eram «ungidos» por Jahvé: «Ungi o meu rei na montanha sagrada de Sião [...] Tu és meu filho, hoje te engendrei» (Salmo 2, 6-7). O «ungido» era dito em hebraico *mashiah* (transliterado Messias), e traduz-se em grego pelo adjectivo *christos* (do verbo *chriô*, ungir).

Portanto, na versão original, Jesus só se tornou «Cristo» quando, no Baptismo, recebeu a infusão do divino **Espírito Santo**. O que é confirmado em outros lugares do Novo Testamento, que também sofreram alguns «retoques»: um deles é o trecho no qual se refere «como, depois do baptismo que João pregou, Deus ungiu [gr. *echrisen*] Jesus de Nazaré com Espírito Santo e poder» (Actos 10, 37-38), o que Lhe permitiu espalhar o bem, fazer curas e expulsar demónios. A forma *echrisen* é o tempo aoristo do mesmo verbo *chriô*, ungiu, que deu origem a *christos*, como vimos atrás.

Já agora vejamos mais um outro caso, em dois passos paralelos de Marcos e Mateus que têm causado engulhos à ortodoxia dogmática. O Evangelho de Mateus, durante o Cristianismo primitivo, teve uma divulgação muitíssimo maior que o de Marcos, uma vez que este era acentuadamente iniciático e de circulação mais restrita. Não surpreende portanto que os escribas pré-ortodoxos e ortodoxos se tivessem empenhado em «corrigir» o de Mateus, mais do que o de Marcos, nas passagens onde os «hereses» pudessem ir buscar argumentos para apoiar a ideia de que Jesus de Nazaré não era Deus. A propósito do «fim dos tempos», lemos em Mateus: «Quanto àquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho [gr. *oude* 'o 'Uios], mas apenas o Pai» (Mateus 24, 36). Ora, se o próprio Filho não sabe, é porque não é divino nem está dentro dos segredos do Pai... A expressão **nem o Filho** [gr. *oude* 'o 'Uios] acha-se suprimida em muitos dos manuscritos existentes, sobretudo os da tradição bizantina, e foi essa versão «expurgada» que Jerónimo utilizou para a sua tradução em latim (Vulgata Latina), texto oficial da Igreja católica: «De die autem ille et hora nemo scit, neque angeli caelorum, nisi solus Pater». Pelas razões apontadas o passo paralelo de Marcos (13, 32), praticamente idêntico, não foi tão expurgado pelos copistas ortodoxos — Marcos foi de longe o Evangelho menos copiado e divulgado, logo menos susceptível de causar «danos» —, e Jerónimo traduziu o versículo tal e qual, incluindo a expressão melindrosa «neque Filius» («nem o Filho»), que os teólogos *mainstream* reinterpretem de forma curiosa, para não dizer sofisticada: «Jesus, enquanto homem, sabia tudo o que era necessário para realizar a Sua missão messiânica; isso não inclui, porém, que conhecesse todos os planos de Deus» (Frei Alcindo Costa, formado pelo Instituto Bíblico de Roma, em nota ao *Novo Testamento*, Difusora Bíblica, p. 51 n.).

Com efeito, já as primitivas comunidades iniciáticas cristãs tinham realçado o facto de que Jesus só começou a fazer «milagres» depois do Baptismo, ou seja, a partir do momento em que foi infundido pelo **Espírito Santo** e se tornou «Cristo-Jesus».

VI — Em Água e em Espírito

Esta infusão do Espírito Santo é fulcral para se compreender como o Baptismo «em Espírito Santo», indispensável para além do simples Baptismo em Água, é determinante na Nova Religiosidade, que se distingue sobretudo — ainda que não só — por duas características fundamentais: uma *espiritualidade individual positiva*, que

contacta imediatamente o Divino prescindindo dos «funcionários de Deus» como intermediários institucionalizados, e o papel transcendental da *Eterna Complementaridade Feminina da Divindade*. O carácter unitivo dos dois Baptismos (Água e Espírito, ou Água e Fogo: o Espírito Santo revelou-se como línguas de Fogo no Pentecostes: Actos 2, 3-4), é atestado em alguns passos do Novo Testamento. Por exemplo, João o Baptista diz aos seus seguidores: «Eu baptizo-vos em **Água**, para o arrependimento [gr. *metanoia*, mudança de mente]; aquele que há-de vir depois de mim [...] baptizar-vos-á em **Espírito Santo** e em **Fogo**» (Mateus 3, 11). Jesus confirma-o por outras palavras, nas «instruções iniciáticas» que, uma noite e em segredo, transmitiu ao candidato aos Novos Mistérios Cristãos, o velho Nicodemos. Entre essas «instruções» destaca-se a seguinte: «Em verdade, em verdade te digo, quem não nascer de **Água** e de **Espírito** não pode entrar no Reino de Deus» (João 3, 5).

A Água e o Espírito [Santo] associam-se assim num dos simbolismos do pólo **Feminino** da Divindade.

VII — A Tripla Deusa: tradição helénica

Duas tradições concorrem para a instauração e aceitação da dupla polaridade masculina/feminina do Ser Supremo: a helénica e a judaica, devedoras por sua vez das influências babilónica e egípcia. Esta última, desde os mais remotos testemunhos papiráceos que nos chegaram, refere a existência duma Tripla Deusa complementar do grande deus Nu, o deus do céu, o fecundador, o aspensor das águas celestes.

Essa Tripla Deusa é a manifestação do triplo aspecto feminino: Neith, virgem caçadora e tecedeira, como mais tarde Ártemis (virgem caçadora) e Atena (virgem guerreira e tecedeira) entre os Gregos; Nut, o princípio feminino de Nu, a massa aquosa donde se formaram os deuses e ao mesmo tempo a deusa dos céus por onde veleja o barco do deus-Sol; e finalmente Ísis, esposa e mãe. Este triplo princípio feminino, Neith/Nut/Ísis, consolidou-se nas tradições do Médio Oriente desde tempos imemoriais até ser destronado pelo patriarcalismo tardio de Amon-Râ, Zeus-Dyews e Jahvé.

O ramo helénico e o ramo judaico «resolveram» de modos diferentes o problema da recuperação da divinal polaridade feminina após a «masculinização dos céus».

O panteão feminino grego absorveu, sobretudo a partir da Frígia, da Síria e da Babilónia, o lado simultaneamente «terreno» e «lunar/aquoso» da «Grande Deusa Mãe» e da «divina Virgem». Hesíodo, na sua *Teogonia*, associa a Tripla Deusa às três gerações de deuses: Gaia (com Ouranos) deu origem à primeira geração de deuses; Nyx (com Erebos) deu origem à segunda geração de deuses; Tethys (com Okeanos) deu origem à terceira geração de deuses. Por fim esse «triplo Eterno Feminino» conglobou-se, nos Mistérios, em deusas como Cibele, cujo nome se associa à Montanha Sagrada (a

que estabelece a ligação da *terra* e do céu), Deméter, a deusa maternal da *terra*, dos cereais e das colheitas, ou ainda da sua filha Perséfone, a jovem deusa renovadamente virgem que faz irromper a luxuriante vegetação e passa seis meses de cada ano (durante a estação invernal) no mundo *subterrâneo* do Hades.

É um culto acentuadamente **ctónico** (do gr. *chthôn*, *chthônos*, terra, solo, região) com efeitos *práticos* no mundo *visível*, desde oráculos a curas, em que a feminina Água, associada à feminina Terra, também desempenha o seu papel. Assim, no santuário de Delfos, a Pítia e os sacerdotes que a assessoravam banhavam-se primeiro na Fonte Castália, em seguida ela bebia água da Fonte Sagrada de Cassotis e só depois entrava no templo. Um vez lá dentro descia a uma cela na cave (o elemento ctónico: o mergulhar no seio da Terra-Mãe), sentava-se numa trípode e mascava folhas de loureiro. Os sacerdotes então interpretavam as suas palavras, em geral ininteligíveis, como uma mensagem divina. Acreditava-se que estes oráculos detinham «poderes ctónicos», ou seja, poderes que emanavam das próprias energias telúricas. No templo de Asclépio, em Epidauro, os doentes adormeciam em contacto com a *terra*, a fim de serem curados durante os sonhos, e no santuário de Trofónio, em Lebadeia, os consulentes adormeciam num *buraco escavado no chão* para obterem respostas às suas perguntas ou alívio aos seus males.

VIII — A Tripla Deusa: tradição judaica

Portanto, a tripla polaridade feminina da divindade, no ramo helénico e áreas afins, mediterrânicas, onde abundam nascentes e fontes, correlaciona-se com a **Terra** e com o elemento **Água**; por sua vez no ramo judaico, cuja história se processou nas cálidas e secas regiões do Médio Oriente — e povos limítrofes —, o pólo feminino da divindade tende a correlacionar-se com o **Céu** e com o elemento **Ar**.

1. Ru'ah — A primeira manifestação da divina polaridade feminina, judaica, está nas implicações envolvidas na própria palavra «espírito» que em hebraico, *ru'ah*, é do género feminino. *Ru'ah* também se pode traduzir por sopro, vento (elemento Ar), e a primeira vez que aparece na Bíblia hebraica é logo no princípio:

«*Ve ru'ah-Elohim merahephet al pnei-hamaim*» (Génese 1, 2).

Ru'ah-Elohim pode traduzir-se por «Espírito de Deus» (ou dos Elohim) ou por «Sopro de Deus» (ou dos Elohim); a tradução corrente deste versículo costuma ser: «E o Espírito de Deus planava sobre as águas» («*Et Spiritus Dei ferebatur super aquas*», segundo a Vulgata Latina), mas também se pode traduzir: «E o vento dos Elohim deslizava (ou: agitava-se) sobre a face das águas».

Vento ou espírito, o elemento Ar e o género feminino estão indissolúvelmente ligados à Divindade da tradição hebraica no seu aspecto *ru'ah*. Essa vertente especificamente divina é acentuada na expressão compósita *Ru'ah ha-Kodesh*, «o Espírito Santo», como vemos por exemplo em Isaías: «Mas revoltaram-se, ofenderam o Espírito Santo [hebr. Ru'ah ha-Kodesh] [de Jahvé]; desde então tornou-se inimigo deles e fez-lhes guerra» (Isaías 63, 10). É o feminino Espírito de inspiração e profecia, como lemos num tratado talmúdico: «Quando os últimos dos profetas, Ageu, Zacarias e Malaquias morreram, o Espírito Santo [hebr. *Ru'ah ha-Kodesh*] ausentou-se de Israel» (Yoma 9b). Embora o rígido monoteísmo judaico sempre visse com desconfiança — e mesmo rejeitasse — a aceção da *Ru'ah ha-Kodesh* como uma «hipóstase» ou uma entidade separada de Deus, essa tendência individuante porém, na literatura talmúdica e rabínica, pós-bíblica, manifestou-se em vários tratados, como por exemplo quando a *Ru'ah ha-Kodesh* se exprime por palavras (Pesahim 117a), ou actua como conselheira de defesa em nome de Israel (Leviticus Rabbah 6, 1), ou ainda quando abandona Israel para regressar a Deus (Ecclesiastes Rabbah 12, 7).

Já agora esclareça-se, parenteticamente, que em teoria das religiões o termo «hipóstase» designa a personificação duma propriedade ou dum aspecto da Divindade suprema; em Teologia cristã a «hipóstase» é a «pessoa» por oposição à «essência», por isso se diz que Deus tem três hipóstases distintas (Pai, Filho e Espírito Santo) e uma só Natureza; em Teologia judaica o termo «hipóstase» designa a individuação das propriedades e formas operativas de Jahvé, de modo que o Deus inacessível possa manifestar-se aos humanos duma forma sensível, enquanto Ele permanece invisível e inalcançável nos céus.

2. Shekhinah — Essa manifestação do inacessível em forma sensível é a *Shekhinah*, a segunda polaridade feminina de Deus, a que estabelece a ligação entre o puro mundo Espiritual-Divinal e o mundo material, sendo portanto a que mais directamente se manifesta aos humanos. Esta palavra vem duma raiz hebraica que significa «habitar», «permanecer», «estar presente», portanto a *Shekhinah* é o que a literatura rabínica designa por «imanência numinosa» de Deus no mundo, ou seja, é a «Divina Presença» em termos espaço-temporais. Por exemplo, quando Moisés diz aos Israelitas «Jahvé vosso Deus é o único atrás de quem deveis caminhar» (Deuterónimo 13, 5), lemos o seguinte comentário num tratado talmúdico: «Como é possível para um homem caminhar atrás da *Shekhinah*? [...] Antes se deve entender que devemos seguir [imitar] as virtudes do Santíssimo, abençoado seja» (Sotah 14a), ou ainda: «Não podeis ver a minha face, disse Jahvé, porque nenhum humano me pode ver e sobreviver» (Êxodo 33, 20), que o Targum aramaico interpreta do seguinte modo: «Não podeis ver a face da minha *Shekhinah*...». Esta «presença» irradiante assimila-se à **luz**, como se fosse um ser de luz criado por Deus. Por isso se diz que quando os profetas tinham a visão de Deus, na realidade o que viam não era Deus, mas a sua *Shekhinah*.

Num certo número de tratados talmúdicos (por exemplo Pesahim, Shabbat, Sukkah, Sotah, Sanhedrin, etc.) as duas entidades femininas *Ru'ah ha-Kodesh* e *Shekhinah*, apesar de conceptualmente distintas, são frequentemente tomadas como sinónimos. No primeiro tratado cabalístico conhecido, o *Sepher ha-Bahir* [«Livro do Resplendor»], da segunda metade do século XII mas incorporando materiais místicos e

ocultos muito mais antigos, o seu anónimo autor classifica pela primeira vez as «10 emanções divinas», que a Cabala judaica deu depois a conhecer, amplamente, sob o nome de Sefiroth. No *Sepher ha-Bahir* a *Shekhinah* identifica-se com a última Sefirah, a décima, *Malkhuth*, «o Reino» ou «a Realeza», e é descrita como a «Filha», ou a «Princesa», o divino princípio feminino no mundo. Certos cabalistas consideram que as quatro letras do tetragrama sagrado, YHWH (*yod-he-vau-he*), têm as seguintes conotações:

Yod - corresponde ao **Pai**

He - corresponde à **Mãe**

Vau - corresponde ao **Filho**

He - corresponde à **Filha**.

Ou seja, a letra *he*, nas suas duas posições no tetragrama sagrado, reúne em si o duplo aspecto Maternal/Filial (ou Maternal/Virginal) do Princípio Feminino da Divindade, o mesmo que na tradição grega era representado pela Deusa Mãe Deméter e por sua Filha Perséfone.

3. Hochmah — Finalmente, o terceiro aspecto feminino da Divindade é *Hochmah*, «Sabedoria», também considerada um reflexo da Luz Eterna. A *Hochmah* é uma entidade de primordial importância no pensamento teológico e filosófico judaico, e, no *Livro dos Provérbios*, onde intervém não poucas vezes, é apresentada como a primeira das criações de Jahvé, e a Sua favorita (Provérbios 8, 22). Todo o capítulo 28 do Livro de Job é um «Hino de Louvor à Sabedoria», considerada superior ao ouro, ao coral, às mais finas pérolas. Na Cabala judaica, pertence ao Triângulo Superior da Árvore Sefirótica (Suprema Transcendência da Divindade); é inseparável de Deus mas actua no mundo quase como uma personalidade distinta, prefigurando, de certo modo, o conceito neotestamentário da relação entre o «Filho» (Cristo-Jesus) e o «Pai».

IX — A Tripla Deusa: tradição cristã

A saudosa Natália Correia, com a exuberância que lhe era peculiar, e como boa açoriana e simultaneamente sacerdotisa do ancestral-renovado culto feminino, não poucas vezes dissertou — pelo menos no «Botequim», tanto quanto me recordo, e lhe ouvi —, sobre a transcendência Paraclética do *Espírito de Verdade* de Deus, que ela insistia em designar por *Espírita Santa*!

Está certo: a *Espírita Santa* é a POMBA — que em hebraico se diz *yonah* e que a tradição hermética, fazendo tábua rasa das rigorosas pesquisas etimológico-científicas da Linguística, considera relacionada com a *yin* chinesa (princípio feminino, complementar do princípio masculino *yang*) e a *yoní* indiana (orgão sexual feminino, complementar do órgão sexual masculino *linga*). Trata-se duma «Cabala fonética» de que Fulcanelli foi um dos principais impulsionadores, e que, não obstante a sua rejeição por parte da linguística histórica, revela e torna «transparentes» os mais subtis e inesperados aspectos do REAL.

Vimos como a *tradição helénica* associava o pólo feminino da Divindade à **Terra** e ao elemento **Água**, e como a *tradição judaica* associava o pólo feminino da Divindade ao **Céu** e ao elemento **Ar**.

Por sua vez a *tradição cristã*, epítome e sequência das duas, congloba no pólo feminino da Divindade os elementos **Ar** e **Água**, juntamente com o **Céu** e a **Terra**, do seguinte modo:

- *Pomba* — Espírito Santo/Inspiração Paracletica: **Ar** (Mente Superior), e **Céu**; *Virgem-Mãe* — Associação complementar e indissolúvel entre o Pai Celestial e a Mãe Terrenal: **Céu**, e **Terra**;
- *Sophia* — **Água** (Coração, Desejos Sublimados), e **Terra**.

1. Pomba — O primeiro aspecto — POMBA — surge pela primeira vez, no Novo Testamento, no exacto momento do Baptismo de Jesus, e simboliza o divino Espírito Santo, que João designa por «Paraclete». O simbolismo da pomba associado ao princípio feminino da Divindade já vem de longe, e perdurou: tanto o encontramos na antiga Mesopotâmia e na Ásia Menor, em que o Princípio Feminino visível e invisível, substância e essência, era reverenciado nos templos sob a forma duma pomba, tal como continua a figurar, muito mais tarde, como por exemplo num tratado gnóstico do século III d. C., *Pistis Sophia*, onde vemos logo nas primeiras linhas do capítulo 1 que «o Mistério anterior a todos os Mistérios é o Pai sob a forma duma Pomba». Lemos no capítulo 8 do Génesis como Noé enviou um corvo (símbolo da negra natureza de desejos) e uma pomba (símbolo do luminoso «corpo anímico») para saber se as terras já tinham secado após o dilúvio. O corvo limitou-se a voar para cá e para lá até que as águas secaram, mas a pomba, à segunda tentativa, trouxe um raminho de oliveira (Génesis 8, 6-11). A oliveira, de tradição sagrada muito antiga — a oliveira e o azeite, atributos da deusa Atena, foram as suas dádivas sagradas à Ática —, associa-se ao ministério de Cristo e ao bálsamo da cura pelo espírito. Um dos motivos decorativos das colunas da catedral de S. Pedro, em Roma, é uma pomba com um raminho de oliveira: — o **Espírito Santo** com uma oferta de **regeneração e cura**. Este Espírito — *ru'ah* —, manifestação do pólo feminino da Divindade, conduz-nos ao segundo aspecto aludido acima:

2. Virgem/Mãe — Esse segundo aspecto — VIRGEM/MÃE —, recuperado desde muito cedo pela Igreja na sua Teologia Mariânica, é uma tónica recorrente num curioso manuscrito que o estudioso Edmond Bordeaux Székely diz ter encontrado nos Arquivos secretos do Vaticano e que traduziu do original aramaico para francês (1928). A respectiva edição policopiada deu origem à versão inglesa que foi publicada em 1937, em Londres, com o título *The Essene Gospel of Peace*. A ideia de Virgem/Mãe surge nesse apócrifo naturalmente associada à Terra, alternadamente Virgem e Mãe, e embora o texto — que é um longo discurso de Jesus em resposta a algumas questões que lhe são apresentadas pelo discípulo — não deixe de se referir, com frequência, ao «Heavenly Father» (Pai Celestial), insiste muito mais na reverência, amor, fidelidade e veneração que se deve à «Earthly Mother» (Mãe Terrenal), que nos doou

amorosamente tudo de quanto o nosso corpo é feito e tudo o que possui. Em dado passo diz Jesus:

«O vosso Pai Celestial é **amor**.

A vossa Mãe Terrenal é **amor**.

O Filho do Homem é **amor**.

É pelo amor que o Pai Celestial e a Mãe Terrenal e o Filho do Homem se tornam um. Porque o espírito do Filho do Homem foi criado do espírito do Pai Celestial, e o seu corpo, do corpo da Mãe Terrenal. Tornai-vos, pois, perfeitos, como são perfeitos o espírito do vosso Pai Celestial e o corpo da vossa Mãe Terrenal».

Registe-se a relevância atribuída ao AMOR que «torna UM» não só o Pai e o Filho («**Eu e o Pai somos um**»!) mas também a Mãe.

Não é só neste Evangelho essénio que o pólo feminino da Divindade se identifica com a Mãe, incluso a própria Mãe misteriosa de Jesus: outros manuscritos antigos também o atestam. Por exemplo, há um curioso indício transmitido pelo Evangelho dito dos Hebreus, usado por algumas comunidades iniciáticas cristãs como os Nazarenos e os Ebionitas, e do qual só restam fragmentos que nos foram conservados em citações feitas pelos Padres da Igreja. Supõe-se que tenha tido a sua origem nos princípios do século II d. C. Segundo o testemunho de Jerónimo (*Dial. adversus pelagianos*, III, 2) teria sido originalmente escrito em aramaico, e nele se afirma que o Espírito Santo, além de ser feminino — *ru'ah* em hebraico é **feminino** —, é, ainda por cima, a **Mãe de Jesus!**

«Há pouco a minha mãe, o Espírito Santo [gr. *'agion pneuma*] tomou-me por um dos cabelos e levou-me ao monte sublime do Tabor...» (É um paralelo de Mateus 4, 1 e vem citado no Comentário ao Evangelho de João, de Orígenes: *In Io.* 2, 6).

Ou, noutra versão, que nos foi transmitida por Jerónimo no seu II Comentário sobre Miquéias (*Comm. II in Mich.* 7, 6):

«Há pouco tomou-me a minha mãe, o Espírito Santo [lat. *Sanctus Spiritus*], por um dos meus cabelos...».

Jerónimo surpreende-se, pois a ser assim, «a alma, que é esposa do Verbo, tem por sogra o Espírito Santo»! («*Et animam, quae sponsa sermonis est, habere socrum Sanctum Spiritum, qui apud Hebraeos genere dicitur feminino, ru'ah*» — *id., ibid.*).

No Evangelho da Paz dos Essénios esta *ru'ah* corresponde ao Espírito da Terra, perfeita e imaculada por todo o Amor que tem para doar.

No final do Livro Primeiro de *The Essene Gospel of Peace*, Jesus ensina duas orações: uma, muito semelhante ao «Pai Nosso» que conhecemos, em veneração ao Pai Celestial; e outra em veneração à Mãe Terrenal e que é a seguinte:

«Mãe nossa que estás na Terra, santificado seja o teu nome. Venha a nós o teu reino e faça-se em nós a tua vontade, tal como em ti se faz. Tal como envias os teus anjos diariamente, envia-no-los a nós também. Perdoa os nossos pecados, tal como expiamos os pecados que cometemos contra ti. Não nos deixes cair na doença, mas liberta-nos de todo o mal, porque teus são a Terra, o corpo e a saúde. Amen».

Eis-nos perante o mistério do Eterno Feminino corporizado na *Terra Lucida*, a Terra de Luz que um dia o ser humano reconstruirá (redescobrirá), redimido em Cristo, mediante o vínculo de fé na sagrada e irresistível união do Cristo e da Sophia.

Daqui passamos naturalmente ao terceiro aspecto referido acima:

3. Sophia — O terceiro aspecto do pólo feminino da Divindade na tradição mística cristã — SOPHIA — surge não só na continuidade do Antigo Testamento, sobretudo no Livro dos Provérbios e no Livro de Job, como vimos acima a propósito da *Hochmah* («Sabedoria»), mas também num livro veterotestamentário que a tradição judaica considera apócrifo e que a tradição da Igreja aceitou como «deuterocanónico», redigido em grego cerca do ano 50 a. C.: o Livro da Sabedoria. Neste livro a Sabedoria personificada (Sophia) é tida como o agente da actividade divina no mundo, participando de certo modo da própria natureza divina. O livro foi composto como se o seu autor tivesse sido Salomão, que em dado passo diz:

«Rezei, e o entendimento foi-me dado; supliquei, e o Espírito da **Sabedoria** veio até mim. [...] Amei-a mais do que à saúde ou à beleza, preferi-a à própria luz, porque o seu resplendor nunca fenece. Em sua companhia todos os bens vieram até mim, e as suas mãos trouxeram-me incalculáveis riquezas. De todas estas coisas me alegrei, porque foi a **Sabedoria** que as trouxe; mas eu ignorava ainda que ela fosse sua **Mãe**» (Sabedoria 7, 7.10-12).

No tratado gnóstico a que fiz referência acima, *Pistis Sophia*, e que se supõe ter sido composto no século III d. C., Jesus ressuscitado faz revelações aos Seus discípulos sobre a queda e a redenção duma das emanções da Divindade, a **Sophia** (ou *Pistis Sophia* : «Fé-Sabedoria»). Aqui a principal preocupação é saber quem finalmente será salvo. Os que se salvarem devem renunciar ao mundo e seguir a ética pura do amor e da compaixão, a fim de se identificarem com Jesus e se transformarem em raios da Luz Divina.

No Judaísmo — sobretudo intertestamentário — abundaram especulações filosófico-teológicas sobre a **Sabedoria** celestial (*Hochmah*, *Sophia*) uma entidade celeste ao lado de Deus que se apresenta à humanidade não só como mediadora da obra de criação mas também como mediadora do conhecimento de Deus. Ireneu Lugdunense, ou de Lião, apologeta e feroz anti-herético que floresceu na segunda metade do século II, resume o ponto de vista duma seita gnóstica do seu tempo observando que o homem-Jesus, nascido duma Virgem e o mais sábio, mais puro e

mais justo de todos os seres humanos, foi escolhido para que, no momento do Baptismo, nele descesse o Espírito Crístico (o Cristo, o Ungido) acompanhado pela **Sophia** («Sabedoria»), dando origem a Jesus-Cristo que a partir desse momento passou a fazer milagres, a curar, etc. (*Adversus Haereses*, I, 30, 12-13).

No Novo Testamento, essa «Sabedoria de Deus» (*Theoû Sophia*) é-nos apresentada por Paulo do seguinte modo: «Sabedoria [gr. *Sophia*], com efeito, falamos entre os iniciados [gr. *teleiois*]; não a sabedoria deste ciclo [gr. *aiôn*] nem dos príncipes deste ciclo condenados a perecer. Mas falamos antes da Sabedoria de Deus em mistério [gr. *Theoû Sophia en mystêriô*], a oculta, que Deus predestinou antes dos ciclos para glória nossa» (1 Coríntios 2, 6-7). A associação do princípio feminino — Sophia — ao Mistério da Iniciação é aqui acentuado por Paulo: quando ele usa o termo «mistério» não o faz no sentido eclesiástico e distanciador que a Igreja cunhou mais tarde, como por exemplo o «mistério» da Transubstanciação, mas no sentido de «mistérios iniciáticos» como era corrente no tempo de Paulo.

Por fim, a própria Igreja de Roma acabou por identificar a Virgem Maria, «Mãe de Deus», com a figura da Divina Sabedoria (*Sophia*), e, tal como na Cristologia *mainstream* se descreve Jesus como uma «hipóstase» do Pai (um ente da mesma substância), também na Teologia mariológica acabou por prevalecer o conceito de que Maria tem a Sophia como sua «hipóstase».

X — O pólo feminino da nova religiosidade

A partir do momento em que Cristo nos ensinou que o *Eu-Superior* — o eterno *Espírito de todo o ser humano* — é uno com o Pai, ou seja, idêntico à essência divina («Eu e o Pai somos um» — João 10, 30) abriu várias portas das quais destaco duas, para finalizar:

a) É possível a comunicação directa — ou melhor, comunhão — do Espírito de cada homem e de cada mulher com o Grande Espírito de Deus, de cuja Luz somos centelhas, e, por conseguinte, com O QUAL somos UM, tornando-se pois desnecessários quaisquer agentes intermédios (sacerdotes, liturgias fechadas) que concorram para promover essa comunhão;

b) A bipolaridade masculino/feminino é um fenómeno terrenal e transitório porque EM CRISTO todos somos UM com o Pai, ou Grande Espírito Universal, e portanto a Grande Deusa Virgem-Mãe está também em nós, naturalmente, além do Pai — seja ela designada por Ísis, Deméter, Shekhinah ou Sophia... O que nos é confirmado pelo Iniciado Paulo: «Porque todos sois filhos de Deus, em **Cristo Jesus**, por meio da fé. Pois quantos fostes baptizados em [nome de] Cristo, de Cristo fostes revestidos. Já não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, **não há macho nem fêmea: pois todos vós sois UM em Cristo Jesus**» (Gálatas 3, 26-28).

Vemos assim como diversas correntes — sírio-babilónica, egípcia, judaica, helénica, cristã... —, prolongando-se pelos esoterismos medievais, renascentistas e contemporâneos, confluem para desaguar na neo-religiosidade actual, cujo realce do

Eterno Feminino não é uma novidade nem um arranque dos «movimentos de libertação» da mulher dos séculos XIX e XX, mas um ponto de chegada e uma súpula do que os nossos ancestrais já sabiam, e que o racionalismo patriarcal dos séculos intermédios obnubilou temporariamente.

A Nova Espiritualidade que emergiu mais visivelmente a partir sobretudo do Romantismo — talvez como insurreição-resposta ao racionalismo Iluminista dos séculos XVII e XVIII — diversificou-se por vários tipos de movimentos, nos quais é possível detectar alguns elementos comuns, apesar da sua diversificação: druidismos recuperados a partir do século XVIII, ocultismos dos séculos XIX e XX, paganismos odínicos, seitas pentecostais, religiosidade da «New Age», neopaganismo.... Alguns desses pontos comuns são, por exemplo, a indiferença perante as religiões institucionalizadas e os seus «funcionários», as liturgias abertas (praticadas em locais que vão desde garagens a bosques), o experimentalismo místico directo, além de um duplo sentido holístico (Cosmos/Ser Humano, mulher/homem) que recorre com frequência à expressão hermética «matrimónio alquímico», ou «bodas químicas», seja entre as polaridades masculina e feminina, seja entre o Espírito e a Alma, seja entre a Cosmogénese e a Antropogénese.

Mais modernamente assiste-se a uma transição entre as ideias um tanto vagas da «New Age» para as práticas e os rituais concretos do neopaganismo, como por exemplo na Wicca [do gaélico *Wicca Craeft = Witchcraft = Feitiçaria*], que podemos rotular como um paganismo mais «vanguardista» e de bases mais latas, cujas preocupações ecológicas (já presentes na «New Age») se traduzem numa «batalha pela Terra» em que os valores femininos se corporizam na figura duma Grande Deusa e na Santidade da Terra, devidamente acompanhadas por um Deus-Natureza de masculinidade imaculada.

Portanto, levando à conclusão lógica a simbiose perfeita que nos é revelada pela frase «Eu e o Pai somos um», as nossas mais sagradas invocações, mediadas por nosso Cristo Interno, deverão naturalmente abranger, em paralelo, não só o Pai do Céu, mas igualmente, como nos ensinam os rituais de um recente Manual de Magia, a Grande Mãe, Senhora da Arte, e a Grande Mãe, Senhora da Luz!

CHORUS MYSTICUS:

Tudo o que morre e passa
É símbolo somente;
O que se não atinge,
Aqui temos presente;
O mesmo indescritível
Se realiza aqui;
O feminino eterno
Atraí-nos para si.

(Goethe, Fausto)

Principais textos de apoio:

ANES, José Manuel, *Re-Criações Herméticas*, Hugin Editores, Lisboa 1996.

EHRMAN, Bart D., *The Orthodox Corruption of Scripture: The Effect of Early Christological Controversies on the Text of the New Testament* (1993), Oxford University Press, reed. New York 1996.

Encyclopaedia Judaica, eds. Cecil Roth & Geoffrey Wigoder, Keter Publishing House, Jerusalem 1972.

GINZBURG, Carlo, *História Nocturna: Uma Decifração do Sabat* [*Storia Notturna: Una Decifrazione del Sabba*, 1989], trad. Nilson Moulin Lousada, rev. Manuel Alberto, Relógio D'Água, Lisboa 1995.

GOETHE, Johann W., *Fausto*, Trad. Agostinho d'Ornellas (I Parte: 1867; II Parte: 1873), reed. Relógio d'Água, Lisboa 1987.

GRANT, Robert M. & TRACY, David, *A Short History of the Interpretation of the Bible*, 2nd. ed. revised and enlarged, Fortress Press, USA 1984.

HANEGRAAFF, Wouter J., «La fin de l'ésotérisme? Le mouvement du Nouvel Age et la question du symbolisme religieux», in *Symboles et Mythes dans les mouvements initiatiques et ésotériques (XVIIe-XXe siècles): Filiations et emprunts*, obra colectiva, Archè-La Table d'Émeraude, Neuilly-Seine 1999.

HEINDEL, Max, *The Rosicrucian Cosmo-Conception* (1909), The Rosicrucian Fellowship, reed. Oceanside (CA) 1977.

HELINE, Corinne, *New Age Bible Interpretation*, 7 vols., New Age Bible & Philosophy Center, Santa Monica 1938-1961.

JONES, Prudence, & PENNICK, Nigel, *História da Europa Pagã* [*A History of Pagan Europe*, 1995], Pub. Europa-América, Mem Martins 1999.

LAMSA, George M., *Idioms in the Bible Explained and A Key to the Original Gospels*, Harper & Row, San Francisco (CA) 1985.

MACK, Burton L., *Who Wrote the New Testament? - The Making of the Christian Myth*, HarperCollins, San Francisco (CA) 1995.

McLEAN, Adam, *The Triple Goddess: An Exploration of the Archetypal Feminine*, Phanes Press, Grand Rapids (Michigan) 1989.

MEDEIROS, José, *Rituais Antigos para um Mundo Novo: Manual de Magia*, Pergaminho, Alcabideche 2002.

MONTERO, Santiago, *Diosas y Adivinas: Mujer y Adivinación en la Roma Antigua*, Editorial Trotta, Madrid 1994.

MORUJÃO, Geraldo, «Exemplos de desenvolvimento deráxico no IV Evangelho em torno dos dons de Jesus», in *Didaskalia - Revista da Faculdade de Teologia de Lisboa*, vol. XX, fasc. 1, UCP, Lisboa 1990.

Pistis Sophia - Ouvrage gnostique traduit du copte en français (1895), trad. e introd. E. Amélineau, Archè, Milano 1975.

SANTO, Moisés Espírito, *Origens do Cristianismo Português - Precedido de "A Deusa Síria" de Luciano*, ISER, UNL, Lisboa 1993.

SANTO, Moisés Espírito, *A Religião na Mudança: A Nova Era*, ISER, UNL, Lisboa 2002.

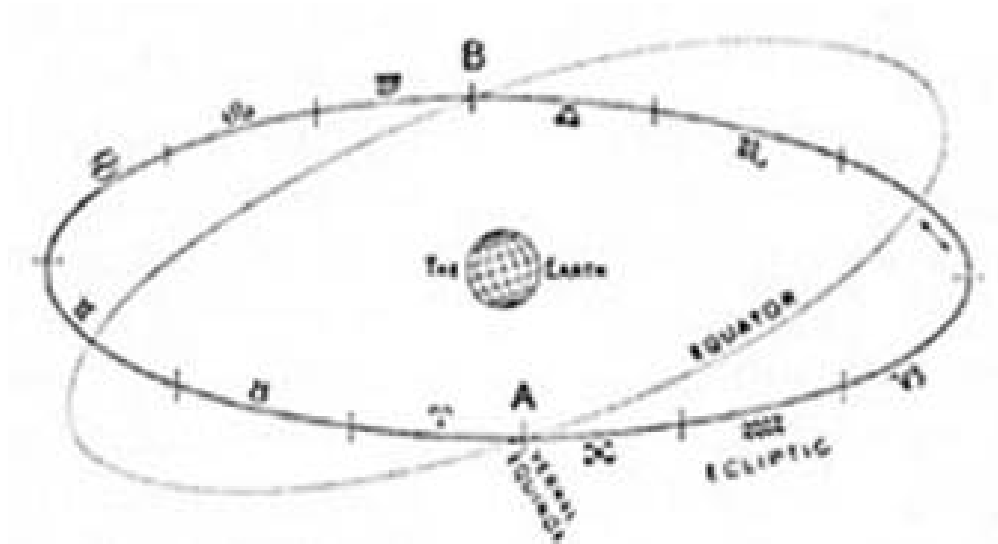
SZÉKELY, Edmond Bordeaux, *The Essene Gospel of Peace* (1937), Academy Books, San Diego (CA) 1981.

The Text of the New Testament in Contemporary Research: Essays on the Status Quaestionis, eds. Bart D. Ehrman & Michael W. Holmes, Wipf and Stock, Eugene (OR) 2001.

Western Esotericism and the Science of Religion, eds. Antoine Faivre & Wouter J. Hanegraaff, Peeters, Leuven 1998.

Trabalho apresentado por António de Macedo no V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE DISCURSOS E PRÁTICAS ALQUÍMICAS promovido pelo TRIPLOV e o INSTITUTO S.TOMÁS DE AQUINO.

Os Solstícios e os Equinócios



Antônio de Macedo

«A redenção da Terra, o seu estatuto e a sua função no futuro fazem parte da Obra [alquímica] que compete ao 9.º grau dos Mistérios Menores [9.ª Iniciação Menor]. Este grau é celebrado nas noites de Solstício de Inverno e de Solstício de Verão [meia-noite], pois este ritual não pode ser realizado em nenhum outro tempo. Os solstícios marcam o momento em que a vibração terrestre é mais elevada, e em que os Raios Cósmicos da Vida Crística estão a entrar profundamente (Solstício de Inverno) ou a sair definitivamente (Solstício de Verão)» (Corinne Heline, *New Age Bible Interpretation*, vol. V, 5th ed. revised, New Age Press, 1984., pp. 87-88).

Esta tradição esotérica é confirmada pelos antigos rituais dos Mistérios pagãos, que os Novos Mistérios Cristãos vieram substituir e elevar de grau vibratório. Os historiadores costumam invocar um velho almanaque romano chamado *Cronógrafo*, do ano 354 d. C., da autoria de Philocalus (autor incerto), também conhecido como *Calendário Philocaliano*, e que cita o ano 336 como o primeiro em que a Igreja festejou a celebração do Natal em 25 de Dezembro. Na Igreja arménia o dia 25 de Dezembro nunca foi aceite para data do Natal, mantendo-se a antiga tradição Iniciática de celebrar o dia 6 de Janeiro (Dia de Reis), considerado o «12.º Dia sagrado» da tradição mística cristã. De acordo com a autora rosacruciana Corinne Heline, o período de 12 dias que decorre após a festividade solsticial do Natal, entre o dia 26 de Dezembro e o dia 6 de Janeiro é um período de profundo significado esotérico e constitui o «coração espiritual» do ano que vai seguir-se: é o lugar-tempo mais sagrado de cada ano que entra, designa-se por «Os Doze Dias Sagrados» e está sob a influência directa das Doze Hierarquias Zodiacais, que projectam sobre o planeta Terra, sucessivamente e durante cada um desses 12 dias, um modelo de perfeição tal como o mundo será quando a obra conjugada das Doze Hierarquias por fim se completar (Corinne Heline, *New Age Bible Interpretation*, vol. VII: «Mystery of the Christos», 6th printing., New Age Press, 1988., pp. 8-19).

Segundo alguns historiadores, estaria na associação de Cristo com o «Sol de Justiça» a escolha do Solstício de Inverno para celebrar o «nascimento do Sol invencível», *Natalis Solis Invicti*, um ritual pagão (*Saturnalia*) que festejava, com ritos de alegria e troca de prendas, desde o dia 17 de Dezembro e até ao dia 25, o momento em que o Sol «cresce», ou renasce, após o dia ter atingido a sua duração mais curta (21-22 de Dezembro). Com efeito, nessa data o Sol atinge a sua declinação-Sul máxima, cerca de 23º 26', estacionando nela durante três dias e retomando o «caminho do Norte» a partir do dia 24 ou 25.

A data de 25 de Dezembro era igualmente o data do nascimento do deus Mithra, dos Mistérios Iranianos. Mithra era designado por «Sol de Justiça» — ou melhor. «Sol de Justiça» —, provavelmente por alguma influência do antigo Egipto. Reza uma antiga lenda que Moisés foi instruído e iniciado na grande Escola de Mistérios de Heliópolis, a cidade sagrada perto de Mênfis a que os Egípcios chamavam On ou Annu. Não surpreende, portanto, que o símbolo solar de Râ, o Esplendor Alado, se tenha mantido na tradição hebraica e nas áreas afins do Médio Oriente, como nos testemunha o profeta Malaquias, ao afirmar que «o Sol de Justiça se erguerá com a salvação nas suas asas [ou: nos seus raios]» (Malaquias 3, 20 [4, 2]).

Assim, o percurso solar ao longo do ano marca os «passos iniciáticos» do percurso de Cristo e, ao mesmo tempo, marca os pontos fulcrais da liturgia ao longo do ano, em referência às «provas» cíclicas por que tem de passar todo o ser humano na sua *via evolutiva* :

Quando o Sol em 21 de Dezembro entra em Capricórnio (signo regido por Saturno, daí os *Saturnalia*), os poderes das trevas de certo modo tomam conta do «Dador da Vida», mas dá-se o renascimento após os três dias de «paragem» (*sol-stitium* = *sol* + *sistere*, suster, parar), ou seja, o dia 25 marca o termo do «ciclo solsticial». A partir do dia 26 de Dezembro inicia-se um segundo ciclo de especial significado iniciático: entre o dia 26 de Dezembro (1.º Dia Sagrado) e o dia 6 de Janeiro (12.º Dia Sagrado) ocorria a preparação ritual dos catecúmenos que eram batizados no Dia de Reis (Primeira Iniciação). Estes «Doze Dias Sagrados», que acompanham a fase inicial do renascimento do «Sol Invencível», eram como que um resumo do ano zodiacal seguinte, e, tal como já se referiu, estavam sob a protecção das Hierarquias Celestes que tradicionalmente regem os 12 Signos do Zodíaco.

Aproveitemos para mencionar, antes de prosseguirmos, a razão cosmográfica por que fica o Sol «parado» aparentemente, durante três dias por ocasião dos Solstícios. Tem a ver com as *declinações*, e não com as *longitudes* celestes.

Se consultarmos as Efemérides planetárias verificaremos que de uma forma geral e com pequenas variações de ano para ano, o Sol atinge a sua declinação-Norte, máxima (cerca de 23° 26'-Norte) no mês de Junho entre os dias 20-24, e a sua declinação-Sul, máxima (cerca de 23° 26'-Sul) no mês de Dezembro entre os dias 20-24. Como sabemos, a Astrologia funciona em projecção geocêntrica, e a declinação dá-nos a maior ou menor angulação que o astro considerado faz com o Equador, tal como visto da Terra. Assim, à medida que os dias se vão aproximando de Junho, a declinação do Sol vai aumentando: passa de 0° em 21-22 de Março até atingir um máximo de 23° 26' em 20-21 de Junho: então parece que fica «parado» cerca de três dias nos 23° 26' (daí o verbo *sistere*, que compõe «solstício»), uma vez que estamos a vê-lo em projecção geocêntrica contra o fundo da Esfera Celeste, e a partir do dia 24-25 volta «para trás» e os dias começam a diminuir. Em Agosto, por exemplo, já está nos 17° e depois decresce para 16°, 15°, etc, até que chega novamente aos 0°, ou seja, o momento em que «cruza» o Equador para passar do norte para o sul. Nesta «descida», os 0° ocorrem por volta de 22-23 de Setembro, e neste caso o dia é igual à noite (Equinócio). Em Dezembro ocorre o mesmo fenómeno mas em sentido inverso: quando chegamos ao dia 21 o Sol atinge a declinação-Sul máxima, e fica cerca de três dias «parado» nos 23° 26', até que depois começa a «subir» e os dias vão aumentando a pouco e pouco. Ou seja, no momento do Solstício atinge-se o máximo de «nocturnidade», que dura (em projecção aparente) três dias, iniciando-se o renascimento da Luz a partir de 24-25 de Dezembro.

Em seguida o Sol passa por Aquário, ou Aguadeiro (chuvas; saturnino mas também urânico). Quando chega a Peixes (regido por Júpiter), por altura sensivelmente do Carnaval, é o «adeus à carne» (*caro, carnis, vale!*), a Quaresma, o jejum, a alimentação a peixe: é um período jupiteriano, ou jovial, mas também neptuniano ou de

elevação espiritual, pois, segundo a Astrologia clássica Neptuno, regente do signo Peixes, é o planeta da Divindade, da consciência cósmica, das influências de entidades suprafísicas; é a oitava superior de Mercúrio e o seu raio espiritual é o Azoth (termo técnico designativo do 4.º princípio alquímico, o Espírito Todo-Abrangente), e representa todos os Seres Superiores que ajudam a humanidade desde os planos invisíveis.

A passagem do Sol por Carneiro (regido por Marte) simboliza o cordeiro Pascal, marcial, morte na cruz, o ferro da lança de Longinus, é o momento do Equinócio da Primavera (21-22 de Março: declinação de 0º) quando o Sol *cruza* o Equador celeste de Sul para Norte, voltando a alumiar os céus setentrionais, dando-se assim a passagem para Touro (regido por Vénus), símbolo do amor e da subida ao Reino dos Céus, ou regresso à «Casa do Pai». Toda esta «liturgia» culmina em pleno no Ritual do Solstício de Verão (21-22 de Junho), que já era celebrado nos antigos Mistérios como festa das messes e das colheitas, e cujo exemplo literário mais conhecido é o clássico de Shakespeare, *A Midsummer Night's Dream*, um grande festival esotérico das fadas e dos silfos, em que intervêm o rei das fadas, Oberon, e a rainha das fadas, Titania. A liturgia cristã associa este tempo ao festejo de S. João o Baptista, o Precursor (24 de Junho), que antecede e anuncia o Solstício seguinte, o de Inverno, ou o Natal do Cristo: daí as palavras de João o Baptista: «Fui enviado adiante d'Ele» (João 3, 28) e «Ele há-de crescer, e eu diminuir» (João 3, 30).

Por sua vez a Páscoa cristã acabou por ficar definida, pela Igreja, de acordo com a data adoptada pelas primitivas comunidades iniciáticas cristãs, e que envolve uma relação Soli-Lunar: celebra-se no **primeiro Domingo após a primeira Lua cheia após o Equinócio da Primavera**. Esta relação, de um ponto de vista esotérico, era importante para simbolizar o significado cósmico desse evento: o Sol e a Lua são igualmente indispensáveis, pois não se trata apenas dum festival solar. O Sol tem de «cruzar» o Equador (Crucificação), como o faz no Equinócio Vernal, mas a sua luz tem de se reflectir na terra através da Lua cheia, antes que a Ressurreição (iniciática) possa ocorrer. Isto significa que a humanidade ainda não atingiu o grau de evolução suficiente para receber em pleno a «Religião do Sol», do Cristo-Logos (Cristo Cósmico), ou seja, da «Irmandade Universal», e que ainda precisa das Leis dadas pelas Religiões Lunares, diversificadas consoante as raças, nações, etc.

Outras comunidades, que haviam perdido o simbolismo oculto deste facto, adoptaram outras datas, como por exemplo o regresso à «verdadeira» Páscoa histórica ou Páscoa judaica, *Pesach*, no dia 14 do mês de Nisan^{1[1]2}. Isto gerou controvérsias que chegaram a durar até ao século VIII. A Igreja Ortodoxa oriental adoptou uma data

1[1]1 *Esta data celebrava o facto de os Judeus, ao tempo em que estavam no Egipto, terem sido poupados às forças da destruição do «Anjo Exterminador» que matou todos os primogénitos egípcios, incluindo o filho do faraó. O Anjo disse ao Judeus que fizessem nas suas portas uma marca com o «sangue do cordeiro», para significar que eram filhos de Deus, e a devastação sobre o Egipto passou pelas casas deles sem os afectar (Êxodo 12, 15-51).*

diferente da das Igrejas ocidentais, de modo que a Páscoa ortodoxa pode umas vezes coincidir com a Páscoa católica e protestante e outras vez ocorrer uma e até quatro ou cinco semanas depois.

Antes de concluir, talvez valha a pena reflectir um pouco sobre alguma dúvidas que podem assaltar as pessoas que vivem no hemisfério sul do planeta Terra, sobre se os influxos ensinados por Max Heindel para o hemisfério norte também se lhes aplicam, ou não, e em que medida. Aparentemente, o hemisfério sul do planeta Terra não é «contemplado» nas alegorias associadas ao Rosacruzismo e à Astrologia — e não só: o Hermetismo e a Cabala também estão vocacionados, praticamente, para os céus do hemisfério norte.

Dois aspectos têm de ser considerados: o aspecto **diacrónico**, ou o que se passou *historicamente*, e o aspecto **sincrónico**, ou o que se passa na *actualidade*.

(1) **Historicamente**: — Os diversos esoterismos que surgiram e se desenvolveram ao longo da história, assentam nos seguintes «corpos disciplinares»: Astrologia, Alquimia (Hermetismo), Magia e Cabala. O Sol e a Lua, os sete planetas e as 12 signos zodiacais constituem, naturalmente, uma antiquíssima matriz sobre a qual se construiu todo um sistema vital para os seres humanos, atendendo à importância que tinha (e ainda tem!) o conhecimento das estações, das chuvas, dos degelos, dos calores estivais, dos eclipses, das hibernações, etc. etc., enfim, todos os fenómenos que se repetem ao longo do ano e que afectam o «calendário», que importa conhecer para controlar a continuidade de vida, quer vegetal quer animal. Ora as grandes civilizações da história da humanidade desenvolveram-se no hemisfério norte: China, Índia, Japão, Pérsia, Suméria, Assíria, Babilónia, Egipto, Frígia, Grécia, Roma, Islão, etc., e até, além-Atlântico, os Maias, os Quichés, os Aztecas, etc. (A única excepção é o império Inca, a sul do equador, destruído no século XVI pelos Espanhóis).

As Astrologias daqueles povos eram naturalmente muito semelhantes, e acabaram por ser unificadas, de certo modo, depois das conquistas de Alexandre Magno (menos, claro, as do continente americano que ainda não era conhecido...), passando para o Ocidente por obra do famoso livro de Ptolomeu intitulado *Tetrabiblos* (séc. II d.C.). Não surpreende, portanto, que tenha surgido toda uma ritualização dos fenómenos celestes associada à religião e ao esoterismo: o Natal / Solstício de Inverno, Páscoa / Equinócio de Primavera, etc, bem como os festivais de fertilidade, das sementeiras, das colheitas, etc. associados aos fenómenos celestes, soli-lunares, zodiacais, etc. A associação do Cristo ao «Sol de Glória», ainda hoje corrente na Igreja católica, como vimos atrás, continua a ser um testemunho disso, para além de muitas outras ocorrências que se encontram tanto nas religiões de Mistérios como nos actuais esoterismos — rosacruzistas ou outros.

(2) **Actualmente**: — Antes da saga dos Descobrimentos (séculos XV e XVI), as regiões do hemisfério sul, constituídas por pouco mais do que uma parte da América do Sul, a metade inferior da África, e a Oceânia, eram habitadas por povos proto-históricos com pouco ou nenhum impacto civilizacional nas nossas culturas. Com a

«colonização» dessas regiões pelos povos do Norte, os mitos civilizacionais destes povos foram naturalmente implantados no Sul, incluindo os ritos e as festividades associados não só à religião, mas também aos mitos e aos ciclos astrológicos correlativos. Entretanto, as regiões do Sul que de início eram apenas «extensões» civilizacionais do Norte, foram assumindo progressivamente uma grande importância, com as sucessivas independências e autonomização cultural de países como a Argentina, o Brasil, o Chile, a África do Sul, Angola, Moçambique, Austrália, etc. etc. — Como as estações se apresentam invertidas em ambos os hemisférios — quando no Norte é Verão no Sul é Inverno, quando no Norte é Primavera no Sul é Outono — cria-se uma situação relativamente estranha nesses novos países do Sul, que naturalmente importaram os «mitos» do Norte donde provieram, mantendo as datas, mas com aspectos contrários: o Natal, por exemplo, é igualmente festejado no Norte e no Sul na mesma data, mas as estações são diferentes.

Há no entanto uma coisa que se mantém idêntica no Norte e no Sul, independentemente da inversão das estações: é a DISTÂNCIA, maior ou menor, a que o Sol se encontra da Terra. A Terra percorre uma elipse em torno do Sol, ao longo do ano, e não uma circunferência perfeita, e ocupa um dos focos dessa elipse. Por altura do Solstício de Dezembro, o foco em que a Terra se encontra está mais PRÓXIMO do Sol, fazendo portanto com que a Terra seja permeada mais fortemente pela aura do Sol Espiritual, com o correlativo aumento do *Fogo Sagrado* inspirador de crescimento anímico nos seres humanos. Inversamente, no Solstício de Junho, a Terra está no máximo AFASTAMENTO do Sol, o que provoca uma diminuição de espiritualidade com o correlativa intensificação e pujança de vitalidade física. Portanto, é perfeitamente natural que a partir do Equinócio de Setembro, quando a *espiritualidade áurica do Sol* começa a aproximar-se e a vitalidade física começa a esbater-se, as pessoas sintam, tanto no hemisfério norte como no hemisfério sul, um certo afrouxamento do ponto de vista físico, e, em contrapartida, uma maior propensão para o recolhimento interno, para a introvisão e atracção pelo estudo dos mais profundos mistérios da vida.

Em resumo, tanto no Norte como no Sul, ainda que as estações sejam opostas, os *influxos* quer físicos quer espirituais, decorrentes da *distâncial focal* da Terra ao Sol, são idênticos.

O USO DO PERGAMINHO E O PECADO ORIGINAL

Antonio de Macedo

I – Introdução

Para nós, cristãos, os 27 livros do Novo Testamento constituem o fundamento e a chave da nossa Escritura Sagrada. Durante o primeiro século, no tempo em que Jesus exerceu o Seu ministério – e mesmo bastante depois –, o **papiro** era o material de escrita mais correntemente utilizado em todo o Médio Oriente, Egípto, Ásia Menor, etc. A partir dos séculos III-IV começou a generalizar-se o uso do **pergaminho**. Que alterações é que esta mudança acarretou?

Ouçamos o que nos dizem dois especialistas neotestamentários altamente reputados a nível internacional, Kurt Aland e Barbara Aland:

«Um manuscrito [em pergaminho] que contivesse um conjunto de escritos do Novo Testamento em formato médio, com cerca de 200-250 fólios de aproximadamente 25x19cm, exigia, pelo menos, as peles de cinquenta a sessenta carneiros ou caprinos» (Aland & Aland 1989, 77).

Ou seja, cada exemplar – e um só – do Novo Testamento, em pergaminho, exigia o sacrifício sangrento de um rebanho completo de animais... As cópias circulavam às centenas – uma autêntica matança açougueira, que durou séculos. Que significado podemos extrair desta constatação aterradora?

II – Cristo e a Escritura judaica

Recapitulemos um pouco a história da transmissão neotestamentária.

No tempo de Cristo ainda não havia Novo Testamento, como facilmente se compreende: quando Ele faz referência à Escritura, trata-se evidentemente da Escritura judaica, que os cristãos mais tarde começaram a designar por «Antigo Testamento» a fim de a distinguir da nova Escritura, exclusivamente cristã, que aliás só começou a

ganhar forma como um todo autoritativo bastante tarde: por exemplo o *corpus* dos quatro Evangelhos só ficou estabelecido nos finais do século II, embora o *corpus* paulino (as epístolas de Paulo, das quais sete não são autênticas) tivesse sido reconhecido mais cedo; as chamadas «Epístolas Católicas» (a de Tiago, as duas de Pedro, as três de João e a de Judas) só foram reconhecidas no seu conjunto no século IV, e o Apocalipse permaneceu num limbo duvidoso durante vários séculos (Aland & Aland 1989, 167).

A Escritura judaica é constituída por três grupos de livros: a **Torah** (a «Lei», que compreendia os cinco livros do Pentateuco: Génesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuterónimo), os **Nevi'im** (os «Profetas», ou «Livros Proféticos», como p. ex. Isaías, Ezequiel, Daniel, etc.) e os **Khetuvim** (os «Escritos», como p. ex. os Salmos, o Cântico dos Cânticos, o Eclesiastes, etc.).

Eram estes venerandos textos – sobretudo os dois primeiros, «a Lei e os Profetas» –, que Jesus lia no Templo e nas sinagogas, e comentava, para ensinar os Seus ouvintes, como vemos por exemplo em Lucas 4, 15-22 e noutros passos do Novo Testamento^{3[1]}.

III – Interpretação oculta da Escritura

Quando, após a morte e a ressurreição de Cristo, os dois discípulos que se dirigiam a Emaús O encontraram na estrada e não O reconheceram, foram comentando com o «desconhecido», durante o caminho, a morte de «Jesus de Nazaré», referindo-se-Lhe como «um profeta poderoso em obra e em palavra». Nesse episódio se relata como Jesus, em vida, «interpretava as Escrituras» (Lucas 24, 27), e como «abria [o sentido] das Escrituras» (Lucas 24, 32). Ou seja, Jesus em diversas ocasiões tomou como ponto de partida, para as Suas prédicas, a «hermenêutica» que fazia desta ou daquela passagem das Escrituras judaicas, o que equivalia de certo modo à actividade do *me-turgem-an*, com a diferença de que este era um «leitor-intérprete» profissional, que, no Templo e nas sinagogas, traduzia para aramaico, e interpretava em voz alta, o texto hebraico lido pelo sacerdote durante as respectivas liturgias.

Convém recordar que a partir do século VI a. C., e coincidindo com as décadas do «exílio na Babilónia», o aramaico substituiu a pouco e pouco o hebraico entre os judeus, na linguagem falada e no uso corrente. O povo deixara de falar e entender o hebraico, que ficou apenas como língua sagrada da Escritura. Daí a necessidade do intérprete: durante a liturgia os textos sagrados eram lidos em hebraico, e ao lado

^{3[1]} Há um passo no Evangelho de João que parece dar a entender que Jesus era um iletrado, ao referir que Jesus, ensinando no Templo, suscitou a admiração dos judeus que se interrogavam: «Como é que este sabe de letras (gr. *grammata oïden*), sem tê-las aprendido?» (João 7, 14-15). O instrutor rosacruciano Edmundo Teixeira (1922-1994), no seu *Curso de Cristianismo Esotérico* (vol. 3, lição n.º 51) esclarece: «Os de Jerusalém (hierosolimitanos) tinham a certeza que Jesus não havia cursado a Escola Rabínica, para assim conhecer as Escrituras. Acontece que os fariseus representavam o ensino predominante, externo e público, mas os Essénios, além do preparo exotérico, tinham a sabedoria esotérica, que a sua tradição conservava em manuscritos secretos». Ora, Jesus fora educado pelos Essénios, conforme lemos no *Conceito Rosacruz do Cosmos*: «Jesus foi educado pelos Essénios e alcançou um elevado grau de desenvolvimento espiritual durante os trinta anos em que usou o seu corpo» (Heindel 1998, 299).

encontrava-se o tal *me-turgem-an* que traduzia em voz alta para aramaico e interpretava o respectivo texto. Esta actividade chamava-se *targum*, palavra aramaica que significa «tradução» ou «interpretação»; o *me-turgem-an* («leitor-intérprete», palavra que tem a mesma raiz de *targum*) não se limitava a traduzir e a dar uma interpretação mais ou menos moral ou mesmo alegórica: o *targum* visava também e sobretudo explicitar o **sentido oculto** da Escritura.

Embora os *targums* escritos começassem a aparecer gradualmente durante os primeiros séculos da era cristã (período talmúdico), só o *targum oral* fazia autoridade. O reconhecimento oficial do «Targum» escrito ocorreu apenas a partir do século V d. C.

IV – A transmissão oral, de Mestre a discípulo

Portanto, a **tradição oral** estava muito enraizada, e isto ocorria não só nas Escolas sacerdotais mas também, e sobretudo, nas Escolas místicas: a transmissão de boca a ouvido, ou de mestre a discípulo, era a regra; em certos casos era mesmo rigorosamente vedada qualquer passagem a escrito dos ensinamentos que o Mestre proferia.

Durante os três anos do ministério de Cristo e durante cerca de vinte anos após a Sua morte e ressurreição essa regra manteve-se: não há notícia de Cristo ter deixado algum texto doutrinário, e nem sequer lhe foi atribuído nenhum por algum discípulo mais zeloso, como era normal acontecer em diversas escolas místicas ou filosóficas desse tempo, em que falsos apógrafos circulavam em nome do mestre ou do fundador sem que ninguém se chocasse com isso – era uma maneira de conferir autoridade ao escrito e ao mesmo tempo de prestar homenagem ao mestre ou fundador. Como aliás aconteceu, por exemplo, com a Escola de Paulo: das 14 epístolas que compõem o *corpus* paulino do Novo Testamento, sete são autênticas, mas as outras sete foram redigidas por discípulos mais ou menos tardios, o que não obstou a que a sua autoria fosse atribuída a Paulo.

Isto significa que até bastante tarde se respeitou o conhecimento de que o Ensino de Jesus era destinado à *transmissão oral*, o que é característico duma Escola iniciática, portanto se aparecesse qualquer escrito «assinado» por Jesus, seria repudiado como espúrio para não dizer blasfemo. Os primeiros escritos cristãos que chegaram até nós, as epístolas de Paulo, apenas começaram a circular a partir do ano 50 d. C., e mesmo esses textos não são «tratados doutrinários» no sentido técnico do termo, mas meras cartas que Paulo ia endereçando às diferentes comunidades cristãs com reflexões sobre a sua experiência pessoal (e a sua interpretação) a respeito do Mistério Crístico, na sequência da Iniciação mística a que fora submetido – a famosa «conversão na estrada de Damasco».

Só na segunda metade do século primeiro é que as Escolas de Mistérios Cristãos sentiram necessidade de fixar por escrito um certo conjunto de *alegorizações ritualísticas*, tomando como base «os actos e os ditos» de Jesus – a chamada «literatura evangélica» que surgiu por essa altura. Daí o facto de Max Heindel (1865-1919) e Rudolf Steiner (1861-1925) referirem que os quatro Evangelhos canónicos são Rituais de Iniciação de quatro diferentes Escolas de Mistérios.

V – Primeira fase dos livros de papiro: os «rolos»

Como se disse há pouco, o papiro era o material de escrita preferencialmente utilizado nessa época e na vasta área geográfica abrangida pelo Império Romano.

Os manuscritos cristãos de que temos notícia, do primeiro e do segundo séculos, redigidos em grego e dos quais – ou dalguns dos quais – chegaram fragmentos até nós, são escritos em papiro.

A planta do papiro era abundantemente cultivada no delta do Nilo, mas também em outras regiões do Médio Oriente. É uma planta herbácea aquática cujos caules, encorpados e de secção rudemente triangular, chegam a ter uma grossura de 6 cm e podem alcançar uma altura de cerca de 5 a 6 metros. Os caules, depois de divididos em secções, eram cortados longitudinalmente, com instrumentos afiados, para produzir tiras que se colocavam lado a lado a fim de formar uma finíssima camada de «papel» com as fibras correndo paralelamente. Sobre essa camada colocava-se outra, cujas fibras ficavam a formar ângulo recto com as da primeira, e ambas eram humedecidas e pressionadas com um peso de modo que a «cola» da própria seiva unia as duas finíssimas folhas, que, depois de secas ao sol, formavam uma única e resistente folha de «papel».

Os livros resultantes, caligrafados pelos escribas, ou copistas, tinham a forma de **rolos**, com uma altura variável (25-30 cm) e um comprimento que podia atingir os 9 metros. O nome deriva dos dois suportes cilíndricos de madeira, em forma de rolo, em cada extremidade da extensa folha, o que permitia enrolar e desenrolar num sentido ou noutro. Depois do livro pronto e enrolado, era facilmente transportável.

Toda a literatura da época, inclusivamente a literatura judaica vulgar, era escrita sobre papiro, *excepto a Escritura sagrada dos judeus*, redigida em hebraico, que a tradição exigia que fosse *escrita sobre pele de vitelo...* (Aland & Aland 1989, 75 e 102). A quem deseje informar-se sobre o retrocesso que isto significa (sacrifício do novilho, ou bezerro), convida-se a leitura atenta dos seguintes trechos do *Conceito Rosacruz do Cosmos*: cap. XIII - «Em Direcção à Bíblia» (Heindel 1998, 246-253), e cap. XIV - «Análise Oculta do Génesis» - «Jahvé e a Sua Missão» (Heindel 1998, 263-265).

Os 96 manuscritos papiráceos dos escritos do Novo Testamento que chegaram até nós são na esmagadora maioria fragmentários, ou, se algum deles abrange algum dos livros neotestamentários do princípio ao fim, não deixa de apresentar lacunas em diversos pontos. Somente o papiro classificado como p⁷², do século III ou IV, contém por inteiro as duas epístolas de Pedro e a epístola de Judas.

Destes 96 papiros o mais antigo é o fragmento p⁵², com duas passagens do capítulo 18 do Evangelho de João, e que os especialistas calculam que pode ser datado entre o ano 100 e o ano 125, ou seja, trata-se duma cópia valiosa, muito próxima do original, que se supõe ter sido escrito nos anos 90 do primeiro século (Ehrman & Holmes 2001, 3-18).

VI – Segunda fase dos livros de papiro: os «códices»

Uma novidade da literatura cristã é que todos estes manuscritos papiráceos (excepto quatro) não pertencem a **rolos**, mas sim a **códices**, incluindo o fragmento mais antigo, o tal do ano 100-125. Que quer isto dizer? Vimos que o «rolo» era o formato usual do livro desse tempo; os cristãos introduziram a novidade de cortar as folhas de papiro em cadernos de flios rectangulares, encadernando-os em formato de livro protegido por duas capas, tal como os livros de hoje. Além disso introduziram também o hábito de escrever dos dois lados da mesma folha, ao contrário do que sucedia com os «rolos». É a estes *livros de papiro* que se dá o nome de «códices» (Aland & Aland 1989, 75-76).

Durante o primeiro e o segundo século os textos cristãos – incluso a literatura gnóstica de que temos magníficos exemplares nos códices achados em Nag Hammadi – eram exclusivamente escritos em papiro, um elemento vegetal. Esta fase coincide sensivelmente com a *fase esotérica* em que as *comunidades jesuânicas*, ainda próximas das Doutrinas e dos Actos do Mestre, transmitiam um *ensinamento iniciático*.

VII – A «exoterização» dos Ensinamentos Crísticos

A pouco e pouco, porém, foi-se dando aquilo a que um certo número de especialistas bíblicos laicos convencionou chamar a «corrupção ortodoxa», ou seja, certas comunidades adulteraram os Ensinamentos num *sentido exotérico*, a fim de os impor em oposição vantajosa aos «mitos» do paganismo, dando origem à Cristologia perfilhada pela Grande Igreja (por exemplo Jesus de Nazaré igual a Deus, nascimento virginal de Jesus por obra do Espírito Santo, ressurreição de Cristo «em corpo», etc.). Essa Cristologia acabaria por se impor definitivamente no século IV com o apoio de Constantino, tomando conta do poder global religioso e destruindo com uma ferocidade sanguinária tudo quando fosse esotérico, mistérico e/ou iniciático, sob o anátema geral de «heresias» (Ehrman 1996, *passim*).

Esta terrível fase cresceu sensivelmente paralela com a grande expansão do uso do **pergaminho**.

Consideremos o seguinte quadro:

MANUSCRITOS GREGOS DO NOVO TESTAMENTO

(Descobertos até 2001, e devidamente classificados e catalogados)

Data aprox.	Em papiro	Em pergaminho
Século II	2	-
Ano 200	4	-
Séc. III	29	3
Séc. IV	22	16
Séc. V	10	44
Séc. VI	11	61
Séc. VII	13	33
Séc. VIII	5	33
Séc. IX	-	70
Séc. X	-	146
Séc. XI	-	441
Séc. XII	-	588
Etc.		

Este quadro poderia prolongar-se até ao século XVI, com a definitiva ausência do papiro e a crescente quantidade de manuscritos em pergaminho, datáveis até esse século, que foram sendo descobertos e catalogados. Com a invenção da imprensa no século XV e o uso generalizado do papel, o pergaminho caiu em desuso. O papel, que havia sido descoberto pelos chineses no século I d. C., espalhou-se no mundo ocidental através dos árabes e começou a ganhar popularidade sobretudo a partir do século XII, embora se conheça pelo menos um manuscrito do Novo Testamento, em papel, do século IX.

Actualmente os especialistas já conseguiram catalogar cerca de 5.400 manuscritos de textos do Novo Testamento, em papiro, pergaminho e papel: destes 5.400, cerca de 1.300 são em papel.

VIII – O papiro e o pergaminho: primeiras conclusões

Associando estas informações com o exame do quadro anterior (e no que diz respeito apenas ao **Novo Testamento**), podemos extrair, para já, as seguintes conclusões:

(1) – O **papiro**, que foi o grande material de escrita nos primeiros séculos do Cristianismo, deixou de se usar definitivamente no século VIII;

(2) – O **pergaminho**, que começou a ser usado, ainda que esporadicamente, no século III, impôs-se definitivamente a partir do século IV, destronando o papiro em poucos séculos e numa forma irreversível;

(3) – O **papiro**, extraído do reino vegetal, serviu de veículo transmissor dos textos sagrados (místicos) durante os dois ou três séculos iniciais do Cristianismo, quando preponderavam ainda as comunidades cristãs *iniciáticas*; por sua vez o **papel**, igualmente extraído do casto reino vegetal, passou a ser utilizado a partir do arranque dos grandes movimentos espirituais, o templarismo esotérico, os franciscanos *Spirituali*, a *theosophia* de Jacob Böhme e correntes derivadas, o Rosacruzismo do Renascimento – e até aos nossos dias, em que o «esoterismo cristão» ganha cada vez mais força e expansionismo;

(4) – Quando a dogmatologia *exotérica* da Grande Igreja se impôs, a partir do século IV e durante toda a Alta Idade Média («Dark Ages»: séculos V a XI), prosseguindo com as perseguições da Igreja aos Cátaros, a criação da Inquisição no século XIII e todos os criminosos desmandos da História eclesiástica, incluindo a ambição papal de exercer domínio e poderio sobre príncipes e imperadores, dando origem a guerras que ensanguentaram a Europa durante vários séculos, até à Reforma (século XV), o material utilizado para a propagação *exotérica* do Novo Testamento foi o **pergaminho**, extraído das peles de animais (como por exemplo o bode) caracterizados por um corpo de desejos de vibrações baixas e grosseiras.

(5) – Entre os séculos IV e XVII, por conseguinte, em que a intolerância religiosa da Igreja se exteriorizou através de violentas polémicas, aniquilações, guerras, cruzadas sanguinárias, inquisições e campanhas anti-«heréticas» de diversa índole, o *derramamento de sangue humano* resultante dessa conduta foi acompanhado, paralelamente, pelo *derramamento de sangue animal* com a finalidade de se multiplicarem cópias em **pergaminho** das Escrituras cristãs.

IX – A preparação do pergaminho

A efusão de *sangue animal* que a obtenção do pergaminho exige, e, mais ainda, para servir a transmissão dum *texto sagrado*, constitui uma perversiva contradição com o que preceituam os Ensinamentos Esotéricos de quase todas, senão mesmo de todas, as Escolas e correntes Iniciáticas, ocidentais ou orientais, que recusam praticar a magia negra associada ao derramamento do sangue nos seus ritos.

Reza a lenda (pelo menos tal como nos foi transmitida por Plínio o Velho) que o pergaminho foi inventado no tempo de Eumenes II (século II a. C.), rei de Pérgamo, a mais importante cidade da Ásia Menor, onde floresceram artistas e eruditos e se tornou célebre pela sua biblioteca, com mais de 200 mil volumes, só rivalizada pela de Alexandria, no Egipto. Segundo a tradição, o rei Ptolomeu V do Egipto determinou um embargo à exportação de papiro com receio que a biblioteca de Pérgamo viesse a

ultrapassar a «sua» biblioteca de Alexandria. Para obviar esse impedimento o rei Eumenes de Pérgamo determinou que se criasse e passasse a utilizar o pergaminho. (A palavra «pergaminho» deriva do adjectivo latino *pergamenus*, -a, -um, que significa «oriundo de Pérgamo»). Esta é a tradição que desde sempre tem circulado, embora se saiba que o pergaminho já era utilizado, em diversas regiões, bastante tempo antes. Provavelmente a origem da lenda residirá no facto de os pergaminhos de Pérgamo terem a reputação de ser muito finos e de grande qualidade.

Os animais mais correntemente usados para a obtenção do pergaminho eram as ovelhas, os carneiros, as cabras e os bodes, embora também se aproveitasse o vitelo ou o novilho com esse fim. Ora, estes são precisamente os típicos *animais sacrificiais* dos tempos jeovísticos...

Como se fazia a preparação do pergaminho? A pele do animal tem dois lados: o lado do pêlo e o lado sangrento donde foi retirada a carne. Tanto o pêlo como a carne eram raspados com uma solução cáustica de cal, sendo a pele, depois, cortada à medida das dimensões desejadas, polida e alisada com cré e pedra-pomes, a fim de ficar pronta para utilização. Mesmo depois deste preparo, a diferença entre o lado do pêlo e o lado da carne criava dificuldades ao ordenamento de manuscritos em pergaminho, porque um dos lados ficava sempre mais escuro e o outro mais claro.

X – O sacrifício animal

Esfolar um animal para uma utilização profana é chocante, mas enfim, uma grande parte da humanidade ainda necessita do uso de carne, mas fazê-lo para uma *utilização sagrada*, depois da oblação de Cristo «uma vez por todas» (cf. Hebreus 9, 23-28), não é só chocante, é uma abominação que fere a sensibilidade de quem quer que se encontre num nível de espiritualidade mais consciente, por pouco elevado que ainda seja. No seu livro *Cartas aos Estudantes* (Carta n.º 90, Maio de 1918), o iniciado rosacruciano Max Heindel diz o seguinte:

«Decerto que pensar no sofrimento que se causa aos pobres animais, nos comboios a caminho do matadouro, e a agonia que precede o instante em que é desferido o golpe que ceifará as suas vidas e o ferro lhes cortará a garganta, induzirá quem quer que aspire à vida superior a sentir compaixão por essas pobres criaturas sem fala que não podem defender-se. [...] Infelizmente, a complexidade da nossa civilização obriga-nos a usar couro em muitas coisas porque ainda não existem substitutos adequados no mercado, por exemplo em sapatos, cintos, etc.^{4[2]} Seja porém como for, deveríamos fazer todos os possíveis para evitar o uso de qualquer material que provenha do corpo dum animal e que exija a sua morte» (Heindel 1975, 222).

^{4[2]} Apesar de alguns inconvenientes ecológicos que a evolução da tecnologia sem dúvida acabará por resolver, os diversos tipos de plásticos – materiais sintéticos constituídos por macromoléculas poliméricas, formados a partir de celulose, caseína, petróleo, etc. – são já um indício de que a actual civilização deu um passo importante no sentido de substituir as peles e os ossos dos animais num variadíssimo leque de fins (botões, correias, estofos, vestuário, etc. etc.).

Assim sendo, como se devem entender os sacrifícios sangrentos exigidos por Jahvé, no Antigo Testamento bíblico, como lemos por exemplo nas prescrições sacrificiais do Génesis ou do Levítico?

Tecnicamente, esses sacrifícios devem ser entendidos segundo dois níveis de interpretação: *pedagógico* e *iniciático*.

XI – O significado pedagógico da «cerimónia sacrificial»

De um ponto de vista *pedagógico*, é importante compreender que os textos da Bíblia se referem na esmagadora maioria dos casos a realidades simbólicas e parabólicas, e não se limitam a relatar eventos históricos à maneira grega de um Heródoto, por exemplo, embora este tenha servido de modelo para certos textos judaicos, tardios, de carácter histórico-descritivo. A humanidade mencionada nos livros mais antigos da Bíblia reporta-se às Épocas Polar, Hiperbórea, Lemúrica e Atlante, numa fase em que a *humanidade infante* necessitava de *aprender* determinado número de lições para fins evolutivos.

Enquanto o ser humano não atingiu um certo grau de desenvolvimento, não tinha a noção de que a sua *natureza espiritual eterna* era independente da sua *natureza física*, e superior a esta. Para ele o físico era tudo; por isso se diz na Bíblia, nos livros referentes ao chamado «período patriarcal», que as recompensas e os castigos de Jahvé tinham de ser concedidos em vida, porque os judeus dos tempos patriarcais não possuíam nenhuma noção de imortalidade. Uma vez que o *sacrifício* é fundamental para o progresso espiritual, é evidente que a vida que deve ser sacrificada é a que se centra na natureza animal; mas como o homem então pensava que essa natureza inferior era a sua única realidade, não se lhe podia exigir que a sacrificasse porque isso equivalia à sua aniquilação. Assim, a Lei desses tempos exigia-lhe que sacrificasse as suas *posses ou riquezas materiais*, que consistiam quase sempre em *gado e animais*, em expiação vicária do seus pecados. Os animais sacrificados no Altar dos Holocaustos (Tabernáculo no Deserto) simbolizam portanto a *natureza carnal* do ser humano que tem de ser consumida, com o sal da dor, no fogo da aflição e do remorso. A dor é a grande mestra: é ela que limpa os desejos inferiores e prepara o Corpo de Desejos para a vida superior. Ou seja: a *purificação* é a finalidade pedagógica (e oculta) dos sacrifícios no Altar dos Holocaustos (cf. Heline I-1990, 280-281).

XII – O significado iniciático da «cerimónia sacrificial»

O nível *iniciático*, por sua vez, complementa e ilumina o nível pedagógico. Quando Abrão^{5[3]} perguntou a Jahvé como poderia saber que iria possuir, de facto, a terra que

^{5[3]} Este famoso patriarca, filho do patriarca pós-diluviano Terah (Génesis 11, 27), começou por se chamar Abrão (hebr. *Avram*). Mais tarde (Génesis, capítulo 17), num episódio de alto significado esotérico que atesta bem a importância do «poder vibratório

Ihe estava destinada, Jahvé ordenou-Ihe que fizesse um sacrifício: «Toma uma novilha de três anos, uma cabra de três anos, um cordeiro de três anos, uma rola e um pombinho» (Génesis 15, 9).

A iniciada rosacruciana Corinne Heline (1882-1975) ajuda-nos a compreender o contexto iniciático na sua obra-mestra *New Age Bible Interpretation* : Abrão cumpriu o que Jahvé Ihe ordenara, mas não se tratou de nenhuma cerimónia sacrificial sangrenta, pois todo o episódio descrito ocorre num nível suprafísico (Heline I-1990, 88-89). C. Heline recorda-nos que as verdades espirituais mais profundas nunca são passadas a escrito, mas sim transmitidas oralmente, de mestre a discípulo, e sempre de acordo com o grau de entendimento que o discípulo está apto a apreender. É por isso que o relato escrito, necessariamente fragmentário, de certas «experiências anímicas» resulta obscuro e enigmático para quem não tenha atingido o nível de consciência e de desenvolvimento de alma que Ihe permita a confirmação através do «conhecimento directo» ou «em primeira mão» – tal como ensina Max Heindel no Capítulo XVII do *Conceito Rosacruz do Cosmos*.

Com efeito, a agonia e a morte dum ser vivo que acompanham o sacrifício animal não contribuem em nada para formar as asas que a alma desenvolve na sua elevação aos níveis superiores, tal como lemos noutra passagem da Bíblia: «Amor fiel é o que me agrada, não sacrifícios; gnose de Deus, não holocaustos» (Oseias 6, 6). Este preceito da Escritura judaica é parafraseado por Jesus quando os fariseus O criticaram por se encontrar em casa, a comer, acompanhado de publicanos e notórios pecadores: «Ide e aprendei o que significa: Compaixão quero e não o sacrifício; pois não vim a chamar os justos, mas sim os que erram» (Mateus 9, 13).

A epístola aos Hebreus declara peremptoriamente: «Porque é impossível que o sangue de touros e de bodes tire os pecados [*no original*: “apague os erros”]» (Hebreus 10, 4).

A chave astrológica dá-nos, desde logo, um primeiro acesso ao sentido iniciático da acima referida ordenação de Jahvé: – a novilha é o símbolo do signo do Touro, e o seu sacrifício significa a renúncia dos desejos sexuais e dum amor meramente egoísta e personalizado; a cabra é o símbolo do Capricórnio e significa o sacrifício da ambição e do poder mundanos; o cordeiro é o símbolo do signo Carneiro e representa a ressurreição dos poderes vitais mediante a castidade e a transmutação; finalmente a rola e o pombinho são símbolos do signo Balança, e referem-se às experiências subtis que põem à prova a capacidade de discernimento neste estágio de realização espiritual (Heline I-1990, *ibid.*).

XIII – O «sacrifício» e o «pecado original»

Vemos por estes exemplos extraídos da Escritura que coexistem aqui duas componentes entrelaçadas: a necessidade de sublimação dos desejos sexuais (*sacrifício da natureza animal* do ser humano) e a necessidade de se acabar algum dia com a matança dos animais, nossos «irmãos menores» (abolição do *sacrifício* vicário e/ou utilitário dos seres vivos do *reino animal*).

dos nomes», Deus mudou o nome de Abrão para Abraão (hebr. *Avraham*), na sequência da Aliança que fez com ele e da promessa de que seria «pai de muitas nações».

Ambos estes itens – ou cada um deles de per si –, na sua fase primordial (e transgressiva), constituem o que tem sido chamado o «pecado original». Em qualquer dos casos, a consequência do «pecado original» foi, para o ser humano, uma situação de declínio e ruína que se convencionou designar por «**Queda**», e que se pode definir como a passagem dum estado de beatífica harmonização interna/externa para um estado de consciência da dor e da morte.

Este conceito de «pecado original» pode ser apreendido segundo três modelos de cognição:

- Modelo teológico-exotérico;
- Modelo esotérico;
- Modelo laico.

XIV – Acepção teológico-exotérica do «pecado original»

Para os teólogos cristãos, o «pecado original» tem justificação na Bíblia, e constitui a condição moralmente degradada em que cada pessoa se encontra ao nascer, por pertencer a uma espécie «geneticamente» pecadora. Este pecado «genético» é uma consequência herdada do primeiro pecado humano, o de Adão. Não há acordo entre os teólogos quanto à interpretação da narrativa bíblica sobre a «desobediência» de Adão, ao comer o fruto proibido do «conhecimento do bem e do mal», mas, numa forma geral, concordam que o «pecado original» deriva do facto de cada ser humano não vir ao mundo como indivíduo isolado, mas como um membro numa raça que herdou, no seu conjunto, as boas e as más características da sua história passada.

No entanto, em todo o Antigo Testamento não se fala em «transmissão hereditária» numa condição inicial pecaminosa; apenas há referência, no Génesis, às *consequências* naturais daquele acto: a mulher passará a parir em dores e o homem dominá-la-á (predomínio do patriarcalismo), e o homem por sua vez tirará da terra o seu sustento com trabalhos penosos e suor do rosto, e a terra produzirá-lhe-á espinhos e abrolhos (Génesis 3, 16-19).

No Novo Testamento tão-pouco há referência a uma condição pecaminosa hereditária; o eminente teólogo jesuíta Karl Rahner (1904-1984), um dos mais conceituados teólogos do século XX, acentua categoricamente que não se encontra em nenhum dos Evangelhos a ideia de que o estado actual da humanidade seja devido ao «primeiro pecado». Já no século XVIII o Iluminista Voltaire dizia o mesmo, com a veia satírica que o caracteriza: «Em suma, os judeus conheceram o **pecado original** tanto quanto conheceram as cerimónias chinesas; e, embora os teólogos costumem encontrar tudo o que querem na Escritura, ou *totidem verbis*, ou *totidem litteris*, podemos garantir que um teólogo razoável jamais encontrará aí esse mistério surpreendente» (Voltaire 1964, 310-311).

Os teólogos mais renitentes e conservadores, porém, não deixam de citar uma passagem – de interpretação, aliás, difícil – da epístola de Paulo aos Romanos (5, 12-19), em que se estabelece um paralelismo entre Adão e Jesus Cristo: pela *desobediência* de Adão entrou a morte no mundo e muitos foram constituídos pecadores; pela obediência e pela justiça de Cristo muitos serão constituídos justos. Para a Igreja católica, só no Concílio de Trento e durante o primeiro período de trabalhos do Concílio (1545-1547) é que ficaram definidas a natureza e as consequências do «pecado original».

O ritual do Baptismo, que no Cristianismo primitivo, esotérico, era uma Iniciação mística de alto significado, passou a ser, com a exoterização da Igreja e da sua tradição dogmática, um acto purificador para «remissão dos pecados», e as crianças tinham de ser baptizadas a fim de ficarem limpas do «pecado original» que haviam herdado do transgressivo Adão.

Portanto, de um ponto de vista estritamente exotérico, o «pecado original» seria um acto de *desobediência* que a primitiva humanidade (Adão e Eva) teria cometido ao infringir uma ordenação divina. Essa desobediência, instigada pela «serpente» e praticada em primeiro lugar por Eva, que em seguida desencaminhou Adão, explica-se, segundo a exegese rabínica, pelo facto de o nome de Eva [hebr. *hawah*, «vida», Génesis 3, 20] se poder associar ao termo aramaico *hewyâ*, «serpente», donde resulta a interpretação de que a serpente foi a ruína de Eva e Eva por sua vez foi a «serpente» de Adão. Certos autores admitem que este mito possa ter alguma conexão com uma serpente-divindade fenícia, chamada *hwt*.

XV – Acepção esotérica do «pecado original»

De um ponto de vista esotérico – pelo menos segundo as correntes neo-ocultistas perfilhadas por H. P. Blavatsky, Rudolf Steiner, Max Heindel, Corinne Heline, Francisco Marques Rodrigues, Edmundo Teixeira, etc. – o pecado original foi uma transgressão cometida pela humanidade nos seus primórdios, transgressão essa relacionada com a propagação da espécie.

Cingindo-nos ao *Conceito Rosacruz do Cosmos*, de Max Heindel, podemos resumir a evolução da Terra ao longo da «Quarta Revolução» do «Período Terrestre», em que nos encontramos presentemente – e de acordo com a terminologia técnica adoptada –, como um percurso pautado pelas seguintes grandes Épocas: 1.^a - Polar; 2.^a Hiperbórea; 3.^a Lemúrica; 4.^a Atlante; 5.^a - Ariana (actual); 6.^a - Nova Galileia ou Reino de Deus.

Max Heindel refere ainda uma 7.^a Época, a última, mas não lhe atribui nenhum nome (Heindel 1998, 218).

Somente nos finais da 3.^a Época (Lemúrica) é que surgiu a primeira Raça verdadeiramente humana – a chamada Raça Lemúrica; na Época Atlante houve sete Raças, e na Época Ariana sucederam-se, até agora, cinco Raças (pertencemos, cronologicamente, à 5.^a Raça), faltando ainda cumprir-se duas até ao final da Época. Na

próxima 6.^a Época, Nova Galileia, haverá apenas uma Raça, que será a última (Heindel 1998, 218-219; 241).

Nos tempos Lemúricos a propagação da espécie e os nascimentos eram realizados sob a direcção dos Anjos, os quais por sua vez eram guiados por Jahvé, o regente da Lua. A função procriadora exercia-se em determinadas alturas do ano, quando as linhas de força entre os planetas formavam o ângulo apropriado. Como a força criadora não encontrava nenhum obstáculo, o parto realizava-se sem dor. Os futos da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal (Génesis 2, 16-17) fizeram com que o espírito se tornasse consciente da carne (Génesis 3, 6-7), os homens e as mulheres «conheceram-se» e começaram a praticar a fecundação independentemente das forças solares e lunares apropriadas, abusaram da função sexual para gratificar os sentidos, e os seus descendentes continuaram a mesma prática. Donde resultou a dor que passou a acompanhar o processo de gestação e nascimento, bem como as enfermidades e outros sofrimentos (Heindel 1998, 223 e 227).

A «serpente» do Génesis simboliza os Espíritos Lucíferos pertencentes à onda de vida dos Anjos, do Período Lunar (anterior ao actual Período Terrestre), e eram os «atrasados» dessa onda de vida Angélica. Necessitavam dum cérebro humano para aquisição de conhecimento, e penetraram na coluna espinal e no *cérebro* das mulheres, mais aptas a receber essa influência devido à sua inata capacidade *imaginativa* (Heindel 1998, 283). Assim, os Lucíferos despertaram a consciência pictórica dos seres humanos para o fogo serpentino da *kundalini*: foram os instigadores da actividade *mental* e do concomitante *egoísmo*, e inculcaram o *conhecimento* de que para vencer a morte bastaria que os humanos se entregassem à actividade sexual desenfreada a fim de criar e multiplicar novos seres.

A «Queda» resultante deste facto, traduzida em dor e morte, terá de ser redimida com o sacrifício da *natureza animal* do ser humano, como já se assinalou mais atrás; o respectivo simbolismo bíblico, como também já se assinalou, é a expiação através da *carne queimada* pelo fogo e pelo sal no Altar dos Holocaustos. Esta «carne queimada», segundo Max Heindel, é um símbolo espiritual da acção do *fogo da consciência*, que faz de nós um «sacrifício vivo» no altar do nosso Templo Interno, o fogo da *consciência desperta* que nos aflige e queima ao adquirirmos a plena e sincera percepção dos nossos erros.

XVI – Acepção laica do «pecado original» (1)

Os antropólogos, os sociólogos, os psicólogos, os historiadores e os etnólogos têm examinado e estudado sob diversos ângulos o facto de o mito do «pecado original» não ser exclusivo do Cristianismo, mas encontrar-se disseminado através dos tempos nas mais diferentes geografias e culturas.

Neste ponto, naturalmente, as posições dos estudiosos extremam-se: os mais radicais, como por exemplo os neo-darwinistas ateus, negam pura e simplesmente o conceito, como por exemplo o evolucionista G. Richard Bozart: «Qualquer estudante liceal conhece o suficiente sobre a evolução para saber que em nenhuma parte da teoria

evolucionária das nossas origens aparece um Adão ou uma Eva ou um Eden ou um fruto proibido. A evolução significa o desenvolvimento numa forma para a seguinte, a fim de defrontar os desafios sempre em mudança numa natureza sempre em mudança, e poder vencê-los. Não há nem houve nenhuma queda a partir dum estado prévio de sublime perfeição» (G. Richard Bozart, «The Meaning of Evolution», in *American Atheist Magazine*, September 1979, p. 30).

Curiosamente, o cristão heterodoxo Celestius, do século V, discípulo de Pelágio, assume pela primeira vez uma posição que costuma ser invocada por modernos agnósticos para ridicularizar a ideia dum pecado original, posição essa que lhe valeu ser excomungado nada menos de três vezes: uma pelo bispo Aurélio no Concílio de Cartago em 412, outra pelo papa Inocêncio I em 417 e uma terceira pelo papa Celestino I no Concílio de Éfeso, em 431. Celestius rejeitou a ideia dum pecado original, afirmando: «Adão teria de morrer, em qualquer caso, quer tivesse pecado quer não. O pecado de Adão apenas recaiu sobre ele, e não sobre toda a raça humana». Consequentemente, também rejeitou a remissão dos pecados pelo Baptismo.

XVII – Acepção laica do «pecado original» (2)

No entanto, como se disse há pouco, o mito de que um acontecimento terrível, antiquíssimo, se tornou fator da infelicidade humana, tem sido encontrado sob variadas formas em diversas mitologias e religiões. Um dos mais antigos desses mitos é o do divino Zagreu, filho de Zeus e de Perséfone, considerado o «primeiro Diónyssos». Instigados pela deusa Hera, esposa de Zeus e ciumenta de Perséfone, os Titans raptaram o divino Zagreu, que se metamorfoseara em *touro* para lhes escapar, despedaçaram-no e comeram-no, em parte cru, em parte cozinhado. Um mito semelhante foi encontrado no Egipto, na Fenícia e na Frígia.

Os Mistérios Órficos ritualizaram este mito através dum dramatologia que incide na «culpa» e na «purificação», e respectivo ciclo de reencarnações, consequência do «pecado original» da humanidade descendente dos Titans, assassinos (e devoradores) de Zagreu, ou do touro em que se transformara (Rego 1989, 45-46).

Aqui associam-se dois «crimes» primevos: (1) a matança de um deus ancestral e (2) o início da alimentação carnívora, perpetrada numa forma dual: (1) canibalística (o deus é antropomorfo), e (2) utilizando a carne dum mamífero (bovino).

A análise numa situação arcaica deste tipo, e seus efeitos subsequentes, foi exposta pela primeira vez por Freud no seu livro *Totem e Tabu* (1912), e desenvolvida por ele posteriormente (cf. Freud 1990, *passim*), bem como por outros investigadores da mesma linha. Segundo Freud, o arcaico sistema patriarcal teve o seu fim durante uma rebelião dos filhos que se aliaram contra o pai, simultaneamente tirânico, temido e venerado, dominaram-no e devoraram-no. A partir daí a família organizou-se de acordo com o sistema matriarcal, e, em lugar do pai, foi erigido um totem com a figura de um determinado animal representativo, considerado como antecessor colectivo e ao mesmo tempo como génio tutelar. Uma vez por ano a comunidade masculina reunia-se num banquete e o *animal* representado no totem era *despedaçado e comido* em comum.

Ninguém podia abster-se deste banquete, que representava a repetição solene do *parricídio*, origem dos ulteriores tabus e prescrições religiosas que tinham por finalidade redimir, ou pelo menos minorar, as consequências nefastas desse acto. Muitos autores admitem a correspondência entre o «banquete totémico» e a «comunhão cristã» (Freud 1990, 122-132 e 194-196).

XVIII – Acepção laica do «pecado original» (3)

Outros autores, embora não desprezando o significado da *morte do pai*, elevado à dignidade de um *deus* e criando nos seus descendentes uma «crise neurótica» de culpa permanentemente redimida e reactivada, preferem considerar a tradição de um início histórico em que o ser humano começou a *devorar animais*, seus semelhantes na escala dos seres vivos. Um dos primeiros a expor esta teoria foi o investigador, mitólogo e filósofo da história comparada das religiões José Teixeira Rego (1881-1934), no seu livro *Nova Teoria do Sacrifício* (1918). Baseando-se em estudos já então disponíveis nos inícios do século XX, Teixeira Rego refere: «A Pré-História dá-nos o homem caçador, pescador, ao passo que os antropóides são frugívoros, e, factos notáveis, o homem conserva o aparelho digestivo dum frugívoro, nas suas tradições refere-se a um passado de frugívoro, tem uma repugnância instintiva pela carne crua, e, finalmente, grande parte das suas doenças são devidas às toxinas dos alimentos animais. Ainda hoje, apesar das inevitáveis modificações que longos séculos de omnivorismo produziram, existe a possibilidade no homem duma alimentação exclusivamente frugívora, tantos e tantos séculos foram frugívoros os nossos antepassados antropóides!» (Rego 1989, 26-27).

Descontemos o facto de no tempo de Teixeira Rego se utilizar o termo «antropóide» num sentido evolucionário que hoje não tem, embora se perceba a que espécie de «pré-homem» o autor se quer referir: actualmente a ciência admite que os antropóides e o ser humano tiveram uma remota origem comum – o que coincide com a posição defendida no *Conceito Rosacruz do Cosmos* por Max Heindel –, sendo mais correcto afirmar-se que os actuais antropóides descendem duma antiquíssima linhagem humana degenerada. Seja como for, a *mudança de regime*, de vegetariano para carnívoro, acarretou diversas alterações, como a necessidade de caçar a presa, o *desenvolvimento do cérebro*, e consequentes rudimentos de civilização mercê do aperfeiçoamento mental, com os correlativos *excessos sexuais* e quebra da natural periodicidade – as funções sexuais passaram a exercer-se em todo o tempo –, seguindo-se-lhes a fabricação de instrumentos e a guerra com todos os seus horrores. *Foi a origem do bem e do mal* (Rego, *ibid.*).

Entre as modificações causadas pelo uso da carne como novo alimento, ocorreram algumas referidas em vários mitos: a queda do pêlo e as dificuldades e dores do parto, além da proliferação de enfermidades (Rego, *ibid.*). Teixeira Rego e outros autores opinam portanto que a «Queda» se deveu à introdução do alimento animal, derivando dessa causa perturbadora o principal factor da infelicidade humana. O poema iniciático *Metamorfoses*, de Ovídio (43 a. C.-17 d. C.), refere esse factor nos seguintes termos:

«Havia um homem [o Iniciado Pitágoras], nativo de Samos, que fugira de Samos e dos senhores da ilha por detestar a tirania, preferindo viver voluntariamente no exílio. Com a sua mente espiritual aproximou-se dos deuses, embora muito distantes nas regiões do céu, e percebeu com os olhos do intelecto o que a natureza negava aos olhares do homem comum. [...] Foi o primeiro a denunciar o costume de servir carne de animais à mesa, e também o primeiro a pronunciar, com a sua boca sábia, estas palavras: “Abstende-vos, mortais, de contaminar os vossos corpos com alimentos ímpios! Tendes os cereais e as frutas que inclinam os ramos com o seu peso, e os abundantes cachos de uvas nas vinhas, e as verduras saborosas, e nem o leite nem o mel perfumado vos estão vedados. A terra generosa proporciona-vos um sem-fim de fecundos alimentos pacíficos, e oferece-vos banquetes sem necessidade de matança nem de sangue. Só os animais é que saciam a fome com carne, e nem sequer todos. [...] Ah, que grande crime é introduzir vísceras nas próprias vísceras, e engordar o corpo insaciável enchendo-o com outro corpo, e que um ser vivo viva da morte doutro ser vivo. [...] Mas um primeiro instigador funesto, não sei quem, sentiu inveja da comida dos leões e sepultou no seu ventre ávido alimentos corpóreos, abrindo o caminho para o crime”» (Ovídio, *Metamorfoses*, livro XV).

É interessante verificar, ao mesmo tempo, em variados mitos de diversas civilizações, como aparecem interligados o factor alimentar carnívoro e a desregração sexual: esse binómio que compõe o «pecado original» surge-nos por exemplo na epopeia de Gilgamesh bem como noutros textos da literatura cuneiforme, além de, com mais ou menos variantes, em contos populares do antigo Egipto, em lendas do México pré-colombiano, nas tradições maias-quichés, na Índia, na China, etc.

XIX – A carne e o vinho

De acordo com a Bíblia, a humanidade era vegetariana antes da expulsão do paraíso terrestre: «Eis que vos dou toda a erva que dá sementes sobre a terra, e todas as árvores frutíferas que contêm semente; isto vos servirá de alimento» (Génesis 1, 29).

Ainda segundo a Bíblia, a alimentação carnívora começou depois do Dilúvio: quando Noé e sua família, e todos os animais que estavam na arca, aportaram a terra após a retirada das águas, Deus disse a Noé e aos seus filhos:

«Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra. Sede o terror e o medo de todos os animais na terra e de todas as aves nos céus; e tudo o que se move na terra e de todo o peixe no mar; estão entregues nas vossas mãos. Tudo o que vive e se move servirá para vosso alimento; dou-vos tudo isto, tal como vos dei a folhagem das plantas» (Génesis 9, 1-3).

Na sequência deste relato, surge-nos um bisneto de Noé, Nimrod, do qual se diz que «foi o primeiro homem possante sobre a terra; era um poderoso caçador aos olhos de

Jahvé, daí o adágio: “Como Nimrod, poderoso caçador aos olhos de Jahvé”» (Gênesis 10, 8-9).

Max Heindel explica-nos que a alimentação carnívora dos seres humanos e o aparecimento do «caçador» Nimrod estão mal colocados na Bíblia (Heindel 1977, 22), e que a correcta sequência dos acontecimentos – em função das Épocas citadas no cap. XV deste artigo – deverá ser a seguinte (Heindel 1985, 218-225):

– 1 Época Polar – Humanidade semelhante aos minerais – Figura simbólica: **Adão**, formado de «barro»;

– 2 Época Hiperbórea – O Corpo Denso da humanidade foi revestido com o Cospo Etérico ou Vital, e os seres humanos tornaram-se semelhantes às plantas – Figura simbólica: **Caim**, cultivador de cereais;

– 3 Época Lemúrica – O Corpo de Desejos foi acrescentado à humanidade, que se tornou semelhante ao animal – Figura simbólica: **Abel**, pastor que não matava os animais para deles se alimentar, mas que se utilizava do leite;

– 4 Época Atlante – A Mente foi acrescentada ao ser humano para que finalmente se estabelecesse o elo entre o Espírito e o Corpo – Figura simbólica: **Nimrod**, «poderoso caçador», uma vez que se tornara necessário introduzir a carne na alimentação humana: Nimrod simboliza os reis atlantes anteriores ao Dilúvio;

– 5 Época Ariana (actual) – Tempo em que o ser humano teve de atingir o ponto mais baixo da materialidade, indispensável para conquistar e dominar a matéria – Figura simbólica: **Noé**, que introduziu a cultura da vinha e o uso do vinho – Este novo alimento, juntamente com a carne, provocou o transitório obscurecimento das verdades espirituais, permitindo à humanidade alcançar o máximo da sua *evolução material*.

A partir de uma determinada etapa desta 5.^a Época, e depois de ter «batido no fundo», começará para o ser humano a *evolução espiritual* com a substituição do egoísmo pelo amor e pelo altruísmo, ao mesmo tempo que a carne e o vinho serão abolidos da dieta alimentar por já terem cumprido a sua função, tornando-se altamente perniciosa e negativa, desse ponto em diante, a insistência no seu uso.

XX – Voltando ao «sacrifício»...

Em função de tudo quanto se disse até agora, que significado poderemos atribuir à *recaída* na especial forma de *sacrifício animal* correspondente ao uso do **pergaminho** para a *transmissão exotérica* dos textos sagrados cristãos, entre os séculos IV e XVI?

Lançando um olhar sobre a história da civilização ocidental, há a tendência para se considerar que o máximo da materialidade foi atingido nos séculos XIX e XX com o racionalismo materialista e historicista de Karl Marx, o positivismo comteano, a revolução industrial, o capitalismo liberal e neo-liberal, e revolução científica e tecnológica...

Mas há que distinguir entre o *materialismo filosófico* e o *materialismo espiritual*, pese embora a aparente contradição de termos neste último caso. O primeiro é uma atitude do intelecto que afecta sobretudo o comportamento mundano, teórico-prático, do ser humano, ao passo que o último é uma atitude que rebaixa ao nível da *carne* o que é exclusivo do *espírito* – como por exemplo dogmatizar a virgindade *carnal* da Virgem Mãe, a ressurreição *carnal* de Cristo, a transubstanciação em *carne* e *sangue* autênticos, de Cristo, na hóstia consagrada, a ressurreição da *carne* no final dos tempos... É um retrocesso à memória dos antigos tempos do canibalismo e dos sacrifícios sangrentos.

O materialismo filosófico que se desenvolveu nos séculos XIX e XX e que, de certo modo, continuará por algum tempo, é como um adubo fertilizador duma espiritualidade nova – aliás cada vez mais evidente e preponderante –, e mais apta a desvendar e a trazer à Luz o verdadeiro Deus Interno de cada homem e de cada mulher, uma espiritualidade mais responsável, mais consciente e mais propícia a elevar as nossas almas até às luminosas «asas do Sol de Justiça».

Por outro lado, na chamada «Idade das Trevas» e nos séculos que se lhe seguiram até à invenção da imprensa – que fez aumentar em flecha o uso do papel, abolindo por fim o uso do pergaminho –, o derramamento de sangue sacrificial de carneiros e bodes para que nas suas peles se inscrevessem textos sagrados correspondeu a uma fase de obscurecimento, ou de *materialismo espiritual*, em que a Igreja procurou, pela hipocatástase da *carne*, difundir o que não podia realizar pelo *espírito* tal como se exemplificou atrás.

Parafraseando Max Heindel bem como o conhecido passo dos Actos dos Apóstolos: a Igreja desses negros tempos já não podia dizer, como Pedro, «não possuo ouro nem prata», nem ao parafítico «levanta-te e caminha».

No entanto, esta fase transitória, terrível, de retrocesso simbólico ao «bode expiatório» (Levítico 16, 26) que era enviado ao deserto, para a divindade maléfica Azazel, levando sobre si todos os pecados e iniquidades do povo^{6[4]}, foi necessária a fim de preparar e dar origem, por violenta reacção, ao surto científico e ao Iluminismo dos séculos XVII e XVIII, indispensáveis – com todos os seus perigos e riscos – para a conquista da matéria e renovada emergência do espírito. Estes perigos e riscos são precisamente o fermento que fará com que os seres humanos possam enfim tomar *plena consciência* do que é ser senhor da *recta consciência* (intelectual, moral e emocional), e ascender, pela liberdade do Espírito, à Nova Era de Luz que se avizinha.

^{6[4]} No Médio Oriente antigo os demónios eram deuses menores, seres supraterrâneos inferiores, actuando sobre as pessoas para o bem ou para o mal. Segundo o Antigo Testamento bíblico, os demónios nada podiam contra os que estavam sob a protecção de Jahvé (Salmo 91 [90], 5-6), mas actuavam sobre os que se encontravam longe de Deus – por exemplo no deserto (Isaías 13, 21; 34, 14; 50, 39). É o caso de Azazel, demónio do deserto referido no Levítico (16, 8-10.20-26). Supõem os mitólogos que devia tratar-se, inicialmente, de um demónio local, que para ser exorcizado exigia o sacrifício dum bode. Mais tarde aparece associado ao rito da Festa da Expição (Levítico, cap. 16), e o «bode expiatório» (*caper emissarius*, segundo a *Vulgata Latina*) levava para o deserto os pecados de Israel.

XXI – Conclusão

Pode-se ser tentado a contra-argumentar com a óbvia constatação de que o máximo de materialismo e de irreligiosidade, atingidos nos séculos XIX e XX, coincidiu com a total generalização do papel, do «casto» reino vegetal, e que o carnicheiro pergaminho já deixara de ser usado pelo menos há três ou quatro séculos.

Sem dúvida; no entanto, o tema deste artigo não tem a ver com os textos profanos, mas apenas, no caso que nos ocupa, com a *transmissão dos textos sagrados* e, mais especificamente, com a transmissão do Novo Testamento – o grande pólo atrator da Escritura Sagrada Cristã.

O materialismo positivista e neo-positivista dos séculos XIX e XX é uma fase de «prova» que a humanidade profana tem de atravessar – e saber vencer – a fim de evoluir espiritualmente. Em contrapartida, foi precisamente nos séculos XIX e XX, de triunfante «racionalidade instrumental», que a *literatura esotérica* se multiplicou de forma nunca vista – «racionalidade aberta» –, tal como se multiplicaram as edições da Bíblia em *papel* e em traduções num número cada vez maior de *línguas* –

Este facto – tradução do especial texto sagrado que é a Bíblia em milhares de línguas – cria uma aura de entrelaçamento entre as diversíssimas línguas sob a forma de um elo, ou de um «pensamento cordial comum»: o do **Reino de Deus** anunciado por Cristo. Curioso e misterioso estratagema místico, que nos permite abrir as portas duma **Nova Era** vencedora da *maldição de Babel* !

Esta proliferação de edições e traduções da Bíblia, nada casual, coincide com as novas hermenêuticas de carácter esotérico que, a par duma Esoterologia aprofundada, obtiveram finalmente aceitação académica com inclusão nos programas curriculares de diversas e prestigiosas universidades.

Po fim, mas não por último, não deixemos de ponderar o facto assinalável de ser cada vez mais acentuada a tendência para a alimentação vegetariana, sobretudo entre as gerações mais jovens, com a eliminação gradual do consumo de carne. Os restaurantes vegetarianos proliferam, bem como os «pratos vegetarianos» em muitos restaurantes convencionais, além de que proliferam igualmente as indústrias que produzem, manufacturam e transformam alimentos vegetarianos – sinal seguro de que há cada vez mais procura por parte dos consumidores, ou seja: por parte do público em geral.

O próximo passo a dar será a gradual abolição do álcool na alimentação – que também já começa a ser preterido, em não raros casos, por certas camadas da juventude.

Acompanhemos pois, atentamente, as mudanças vindouras, que incidirão sem dúvida na forma como as Escrituras Sagradas vão passar a ser comunicadas e transmitidas.

Gravadas primeiramente em pedra (mineral), depois em papiro (vegetal), seguidamente em pergaminho (animal – ponto mais baixo), a sua transmissão reascendeu ao vegetal (papel), e... o próximo passo será a reutilização do reino mineral (revolução já em curso), através do silício dos computadores e dos CDs, ou, melhor ainda, das ondas etéricas da Internet e do ciberespaço e do que vier a seguir...

Grandes transmutações se avizinham. Saibamos estar preparados, espiritualmente, para elas.

António de Macedo

Agosto de 2003

Principais referências bibliográficas:

ALAND, Kurt, & ALAND, Barbara, *The Text of the New Testament: An Introduction to the Critical Editions and to the Theory and Practice of Modern Textual Criticism* [*Der Text des Neuen Testaments*, 1981], versão revista e aumentada, pelos Autores, para a trad. em língua inglesa; William B. Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids (Michigan) **1989**.

EHRMAN, Bart D., *The Orthodox Corruption of Scripture: The Effect of Early Christological Controversies on the Text of the New Testament* (1993), Oxford University Press, reed. New York **1996**.

EHRMAN, Bart D., & HOLMES, Michael W., eds., *The Text of the New Testament in Contemporary Research: Essays on the Status Quaestionis* (1995), vários autores, reed. Wipf and Stock, Eugene (OR) **2001**.

Encyclopaedia Judaica, eds. Cecil Roth & Geoffrey Wigoder, 16 vols., Keter Publishing House, Jerusalem **1972**.

FREUD, Sigmund, *Moisés e a Religião Monoteísta* [*Der Mann Moses und die Monotheistische Religion*, 1939], trad. Paulo Samuel, Guimarães Editores, Lisboa **1990**.

HEINDEL, Max, *Letters to Students* (1925), The Rosicrucian Fellowship, 4.^a ed. Oceanside (CA) **1975**.

HEINDEL, Max, *Gleanings of a Mystic* (1922), The Rosicrucian Fellowship, 5.^a ed. Oceanside (CA) **1977**.

HEINDEL, Max, *The Rosicrucian Christianity Lectures* (1909), The Rosicrucian Fellowship, 4.^a ed. Oceanside (CA) **1985**.

HEINDEL, Max, *Conceito Rosacruz do Cosmo* [*The Rosicrucian Cosmo-Conception*, 1909], trad. Francisco Marques Rodrigues, Fraternidade Rosacruz de Portugal, 3.^a ed., Lisboa **1998**.

HELINE, Corinne, *New Age Bible Interpretation*, 7 vols., New Age Bible & Philosophy Center, Santa Monica (I vol. 6.^a ed. **1990**; II vol. 4.^a ed. **1984**; III vol. **1986**; IV vol. 5.^a ed. **1985**; V vol. 5.^a ed. **1984**; VI vol. 5.^a ed. **1984**; VII vol. 6.^a ed. **1988**).

REGO, José Teixeira, *Nova Teoria do Sacrifício* (1918), Assírio & Alvim, reed. Lisboa **1989**.

VOLTAIRE, *Dictionnaire Philosophique* (1764), Garnier-Flammarion, reed. Paris **1964**.

Antônio Macedo

Antônio de Macedo nasceu, em Lisboa, em 5 de Julho de 1931.

No início da sua carreira, e durante alguns anos, exerceu a profissão de arquitecto que abandonou em 1964 para se dedicar ao cinema, à literatura, à pesquisa de músicas de vanguarda. Especializou-se na investigação das religiões comparadas, das tradições esotéricas, de história da filosofia e da estética audio-visual, da literatura fantástica e da ficção científica, temas que tem abordado em inúmeros colóquios e conferências, e em diversas publicações.

Inclui na sua extensa filmografia dezenas de documentários e programas televisivos, bem como filmes de longa-metragem entre as quais se destacam *Domingo à Tarde* (1965), *Nojo aos Cães* (1970), *A Promessa* (1972), *O Princípio da Sabedoria* (1975), *As Horas de Maria* (1976), *Os Abismos da Meia-Noite* (1982), *Os Emissários de Khalôm* (1987), *A Maldição de Marialva* (1989), *Chá Forte com Limão* (1993), etc.

Entre os seus livros contam-se, no ensaísmo, *A Evolução Estética do Cinema* (1959-1960), *Da Essência da Libertação* (1961), *Instruções Iniciáticas* (1999) e *Laboratório Mágico* (2002), e, na ficção, *O Limite de Rudzky* (1992), *Contos do Androthéllys* (1993), *Sulphira & Lucyphur* (1995), *A Sonata de Cristal* (1996), *Erotosofia* (1998) e *O Cipreste Apaixonado* (2000).

Tem leccionado em diversas instituições de ensino desde 1970: no IADE, na Universidade Lusófona, na Universidade Moderna e na Universidade Nova de Lisboa, regendo cadeiras como Teoria e Prática do Cinema, Análise de Imagem, Arte Narrativa e Esoterismo Bíblico.

Foi um dos promotores dos «Encontros Internacionais de Ficção Científica & Fantástico de Cascais», que se iniciaram em 1996, e de cuja Comissão Coordenadora tem feito parte.

O que é o Esoterismo?



António de Macedo

O substantivo «esoterismo» é de formação relativamente recente, por comparação com o adjectivo «esotérico», de origem grega, donde deriva.

O adjectivo *eksôterikos*, -ê, -on («exterior, destinado aos leigos, popular, exotérico») já existia em grego clássico, ao passo que o adjectivo *esôterikos*, -ê, -on («no interior, na intimidade, esotérico») surgiu na época helenística sob o Império romano. Diversos autores os utilizaram. Veremos dentro em pouco alguns exemplos.

Têm a sua origem, respectivamente, em *eisô* ou *esô* (como preposição significa «dentro de», como advérbio significa «dentro»), e *eksô* (como prep. significa «fora de», como adv. significa «fora»). Destas partículas gramaticais (preposição, advérbio) os gregos derivaram comparativos e superlativos, tal como no caso dos adjectivos. Em regra, o sufixo grego para o comparativo é *-teros*, e para o superlativo é *-tatos*. Por exemplo, o adjectivo *kouphos*, «leve», tem como comparativo *kouphoteros*, «mais leve», e como superlativo *kouphotatos*, «levíssimo». Do mesmo modo, do adv./prep. *esô* obtém-se o comp. *esôteros*, «mais interior», e o sup. *esôtatos*, «muito interior, interno, íntimo».

O adjectivo *esôterikos* deriva, portanto, do comparativo *esôteros*. Certos autores, porém, talvez mais imaginosos, propõem outra etimologia, baseada no verbo *têrô* que significa «observar, espiar; guardar, conservar». Assim, *esô* + *têrô* significaria qualquer coisa como «espiar por dentro e guardar no interior».

Platão (427-347 a. C.) no seu diálogo *Alcibíades* (aprox. 390 a. C.) utiliza a expressão *ta esô* no sentido de «as coisas interiores», e no diálogo *Teeteto* (aprox. 360 a. C.) utiliza *ta eksô* com o significado de «as coisas exteriores». Por sua vez Aristóteles (384-322 a. C.) utiliza o adjectivo *eksôterikos* na sua *Ética a Nicómaco* (I, 13), cerca do ano 350 a. C., para qualificar o que ele chama os «discursos exotéricos», ou seja, as suas obras de juventude, de fácil acesso a um público mais geral.

O primeiro testemunho do adjectivo *esôterikos* encontramos-lo em Luciano de Samosata (aprox. 120-180 d. C.) na sua obra satírica *O Leilão das Vidas*, § 26 (também chamado *O Leilão das Escolas Filosóficas*), composta cerca do ano 166 d. C.

Mais tarde, os adjectivos *eksôterikos* e *esôterikos* passaram a ser aplicados, por engano, aos ensinamentos de Aristóteles por Clemente de Alexandria (aprox. 150-215 d. C.) na sua obra *Strômateis*, composta cerca do ano 208 d. C.: «As pessoas da escola de Aristóteles diziam que, entre as suas obras, algumas são *esotéricas* e outras destinadas ao público ou *exotéricas*» (*Strômateis*, Livro V, cap. 9, 58). Clemente supunha que Aristóteles era um iniciado, e portanto seriam «esotéricos» os ensinamentos que facultava no seu Liceu a discípulos já instruídos. Na verdade era apenas um ensino oral e Aristóteles qualificava-o como «ensinamento acroamático», que quer dizer «transmitido oralmente», nada tendo de esotérico no sentido iniciático do termo.

O teólogo alexandrino Orígenes (aprox. 185-254 d. C.), discípulo de Clemente, já usa ambos os adjectivos em conotação com o «oculto», ou melhor, o «iniciático»; contestando as críticas do anti-cristão Celso, diz Orígenes: «Chamar *oculta* à nossa doutrina é totalmente absurdo. E de resto, que haja certos pontos, nela, para além do *exotérico* e que portanto não chegam aos ouvidos do vulgo, não é coisa exclusiva do Cristianismo, pois também entre os filósofos era corrente haver umas doutrinas *exotéricas*, e outras *esotéricas*. Assim, havia indivíduos que de Pitágoras só sabiam “o que ele disse” por intermédio de terceiros; ao passo que outros eram secretamente iniciados em doutrinas que não deviam chegar a ouvidos profanos e ainda não purificados» (*Contra Celsum*, Livro I, 7).

O termo «esotérico» começou a ser usado como substantivo a partir de Jâmblico (aprox. 240-330 d. C.), filósofo e místico neoplatónico que se refere aos discípulos da escola pitagórica nos seguintes termos: «Estes, se tivessem sido julgados dignos de participar nos ensinamentos graças ao seu modo de vida e à sua civilidade, após um silêncio de cinco anos, tornavam-se daí em diante *esotéricos*, eram ouvintes de Pitágoras, usavam vestes de linho e tinham direito a vê-lo» (*Vita Pythagorica*, cap. 17, 72).

O conceito de «esoterismo» é de criação muito mais recente. Johann Gottfried Herder (1744-1803), que se opôs ao racionalismo Iluminista da sua época, foi o primeiro autor a utilizar a expressão *esoterische Wissenschaften* («ciências esotéricas»), referenciável no tomo XV das suas *Sämtliche Werke*, e o substantivo *l'ésotérisme* surgiu pela primeira vez na obra *Histoire critique du gnosticisme et de ses influences* (1828), de Jacques Matter. Na sequência, deve-se ao ocultista e cabalista Eliphas Lévi

(1810-1875) a vulgarização dos termos «esoterismo» e «ocultismo» (este último na sua acepção moderna e mais lata de *corpus* de «ciências ocultas», diferente da *Occulta Philosophia*, ou Magia, de Agrippa, por exemplo). A partir de então o termo adquiriu uma voga crescente, sobretudo depois que Helena P. Blavatsky, A. P. Sinnett, Annie Besant, C. W. Leadbeater, etc., da corrente teosofista da Sociedade Teosófica popularizaram o conceito, desde o último quartel do século XIX e ao longo dos inícios do século XX.

Paralelamente, certos autores começaram a encarar o estudo do esoterismo de um ponto de vista mais académico, não se considerando, eles mesmos, «esotéricos», mas investigadores quer da história quer das ideias de determinadas correntes espirituais, místicas ou ocultas. Entre estes contam-se por exemplo, nos finais do século XIX, George R. S. Mead e Arthur Edward Waite, cujos trabalhos, apesar de tudo, ainda se encontram a meio-caminho entre o «discurso esotérico» e a pesquisa universitária. No primeiro quartel do século XX, Max Heindel (1865-1919) estabeleceu a distinção técnica entre «o oculto» e «o místico», e, embora inserido numa específica corrente esotérica, deu forma consistente, nas suas obras, quer à vertente mística quer à vertente oculta do esoterismo. Por sua vez Rudolf Steiner (1861-1925), igualmente inserido numa corrente esotérica bem definida, abordou o esoterismo segundo um duplo enquadramento, ocultista e científico. René Guénon (1886-1951) trabalhou o esoterismo, genericamente, segundo uma perspectiva mais filosófica do que histórico-crítica, tendo o cuidado de distinguir entre o esoterismo cristão, o islâmico e o védico; todavia, o grande impulso para o estudo do esoterismo de um ponto de vista de investigação académica surgiu a partir de 1928, com a tese de Auguste Viatte sobre o Iluminismo, seguindo-se-lhe as pesquisas e os trabalhos de Will-Erich Peuckert sobre a pansofia e o rosacrucianismo, de Lynn Thorndike sobre a história da magia, da Prof.^a Frances A. Yates sobre o Iluminismo rosacruz e o esoterismo renascentista, etc., devendo-se a esta última o principal estímulo para uma pesquisa universitária, rigorosa, incidindo sobre o «território esotérico», o que fez alterar o respectivo panorama investigacional a partir dos anos 60 e 70 do século XX. O prof. Antoine Faivre, mais recentemente, chama a atenção para os estudos de Ernest Lee Tuveson sobre o hermetismo na literatura anglo-saxónica dos séculos XVIII e XIX, e de Massimo Introvigne sobre os movimentos «mágicos» dos séculos XIX e XX, sobretudo pelo facto de proporem abordagens novas, interdisciplinares.

Actualmente, é já bastante vasto o leque de autores que estudam o esoterismo em ambiente de investigação académica, tendo-se tornado consensual a designação de «esoterólogos» para alguns desses investigadores, o que pressupõe uma ciência da **Esoterologia** que está a ter acolhimento nos *curricula* de algumas Universidades. Nem todos coincidem, porém, nas suas posições e definições do campo investigacional do «esoterismo», podendo de certo modo, e sem tentar uma conciliação entre os diferentes autores, dizer-se que existem vários «esoterismos».

Por amor à brevidade, limitar-me-ei a salientar alguns esoterólogos contemporâneos cujos trabalhos são de capital relevância para a compreensão do «objecto temático» do esoterismo:

Prof. Antoine Faivre — Director de Estudos da École Pratique des Hautes Études - Section Sciences Religieuses (Sorbonne, França);

Dr. Wouter J. Hanegraaff — Professor de História da Filosofia Hermética e Correntes Relacionadas - Faculdade de Humanidades da Universidade de Amesterdão (Holanda) e orientador de pesquisas sobre História das Correntes Esotéricas - Departamento de Ciência das Religiões da Universidade de Utrecht (Holanda);

Prof. Pierre A. Riffard — Investigador de Metodologia de Esoterismo e professor Catedrático na Université de Novakchott (Mauritânia);

Prof. Massimo Introvigne — Historiador das Correntes Esotéricas Contemporâneas e Director do Centro Studi sulle Nuove Religioni, Turim (Itália);

Prof. Roland Edighoffer — Professor emérito na Université de Paris III (Sorbonne Nouvelle, França);

Prof. José Manuel Anes — Grão-Mestre da GLRP/LP (Maçonaria Regular de Portugal) e professor de História das Correntes Esotéricas no Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa (Portugal).

Em termos muito simplificados podemos dizer que duas grandes tendências gerais se perfilam entre estes autores: uma, poder-se-á designá-la por «universalismo pró-esotérico», e outra, por «estruturação histórico-crítica». O prof. Wouter J. Hanegraaff ainda considera uma terceira tendência a que chama «formas de anti-esoterismo», que, por não serem indispensáveis neste breve resumo, me abstenho de considerar aqui.

Na linha do «universalismo pró-esotérico» incluem-se os trabalhos e a actividade universitária de professores como Pierre A. Riffard e José M. Anes, por exemplo. Segundo Riffard, o esoterismo tanto existe no Ocidente como no Oriente, desde a pré-história até aos nossos dias, e tem a ver com o mistério da existência tal como é percebido pelos seres humanos; além disso, Riffard critica certos investigadores académicos que procuram estudar o esoterismo «de fora», como se pudesse existir um «fenómeno cultural esotérico» independentemente do esoterismo em si. Segundo Riffard, a essência do esoterismo é, ela mesma, «esotérica»; na sua monumental obra de perto de 400 páginas, *L'esotérisme*, Riffard interroga-se: «Pode alguém ser um esoterólogo sem ser, ao mesmo tempo, um esotérico?» De acordo com este ponto de vista, elabora uma descrição do esoterismo segundo as oito invariáveis que, em sua óptica, o caracterizam:

(1) A impessoalidade do autor; (2) A oposição esotérico/exotérico; (3) A noção de «o subtil» como mediador entre o espírito e a matéria; (4) Analogias e correspondências; (5) A importância dos números; (6) As ciências ocultas; (7) As artes ocultas; (8) A Iniciação.

Uma posição totalmente diferente é assumida pelos profs. Antoine Faivre e Wouter J. Hanegraaff, por exemplo, defensores da linha «histórico-crítica». Segundo Faivre não se deve falar em «esoterismo» mas em «esoterismos», ou melhor, em «correntes esotéricas e místicas», uma vez que ele considera que não há um esoterismo em si, mas apenas correntes, autores, textos, etc. Para que o *esoterismo* constitua uma especialidade académica reconhecida pela comunidade científica, Antoine Faivre define-o do seguinte modo, de acordo com a Direcção de Estudos da «Section des Sciences Religieuses» (Sorbonne), que ele mesmo integra com outros docentes: um *corpus* de textos que constituem a expressão dum certo número de correntes espirituais, na história Ocidental moderna e contemporânea, ligadas entre si por um «ar de família», bem como uma «forma de pensamento» que subjaz a essas correntes. Considerado de forma extensiva, esse *corpus* estende-se da Antiguidade tardia até hoje; considerado de forma limitativa, abarca um período que vai do Renascimento até à época contemporânea.

Isto implica que, ao contrário das teses «universalistas», ficam excluídos do conceito de *esoterismo* alguns significados que Antoine Faivre enumera de modo a deixar bem claro o que, de acordo com o seu critério, o esoterismo «não é»: (a) Um

termo genérico, mais ou menos vago, que serve para os editores e livreiros classificarem coleções de livros ou rotularem prateleiras, e onde cabem o paranormal, as ciências ocultas, as tradições sapienciais exóticas, etc.; (b) Um termo que evoca a ideia de ensinamentos secretos e uma «disciplina do arcano», com diferenciação entre iniciados e profanos; (c) Um termo aplicável a um certo número de processos mais experienciais que racionais, e que se aproxima da ideia de Gnose no sentido universal, propondo-se atingir, mediante certas técnicas experienciais, o «Centro do Ser» (Deus, o Homem, a Natureza, etc.), não se excluindo, desta concepção, uma atitude filosófica que advoga a «unidade transcendente» de todas as religiões e tradições.

Em contrapartida, aquela «forma de pensamento» que Faivre considera como própria do conceito de esoterismo distinguir-se-ia por seis características ou componentes fundamentais, das quais quatro são «intrínsecas», no sentido em que a sua presença simultânea é uma condição necessária e suficiente para que um discurso seja identificado como esotérico, e duas são «secundárias» ou «extrínsecas», e cuja presença pode ou não coexistir ao lado das outras quatro. São elas:

(1) **A ideia de correspondência** («O que é em cima é como o que é em baixo», segundo a *Tábua da Esmeralda*) (2) **A Natureza viva** (o Cosmos não é apenas complexo, plural, hierarquizado, etc.: é sobretudo uma Grande Entidade Cósmica viva); (3) **Imaginação e mediadores** (a imaginação é a faculdade superior de penetrar nos códigos que se ocultam nos mediadores, os quais, por sua vez, são os rituais, as imagens do Tarot, as mandalas, etc., etc., símbolos carregados de polissemia cuja decifração cognitiva permite o acesso ao *mundus imaginalis* definido por Henri Corbin); (4) **A experiência da transmutação** (percurso espiritual simbolizado alquimicamente por três graus: *nigredo*, ou obra em negro, morte, decapitação; *albedo*, ou obra elevada ao branco; e *rubedo*, ou obra elevada ao vermelho, pedra filosofal); (5) **A prática da concordância** (prática que visa descobrir os denominadores comuns a duas ou mais tradições aparentemente distintas, na expectativa de que, mediante esse estudo comparativo, se alcance o «filão escondido» que levaria à «Tradição primordial», da qual todas as tradições e/ou religiões concretas seriam apenas os «galhos» visíveis da grande «árvore» perene e oculta); (6) **A transmissão** (conjunto de «canais de filiação» pelos quais se processa a continuidade de mestre a discípulo, ou de iniciação no interior duma sociedade, no pressuposto de que ninguém se pode iniciar sozinho e que o «segundo nascimento» passa obrigatoriamente por esta disciplina).

Outros autores simplificam a questão considerando que o esoterismo se constituiu no Ocidente como disciplina autónoma, a pouco e pouco, a partir de finais da Idade Média, porque a teologia e a ciência absorveram certos temas que o integravam, eliminando outros que, por serem mais inquietantes ou pertencerem ao imaginário mais perturbador, acabaram, com essa expulsão ou mesmo perseguição, por integrar as correntes esotéricas ocidentais, sobretudo a partir do Renascimento. No Oriente, pelo contrário, a teologia contém os temas esotéricos e por conseguinte o esoterismo não precisa de se constituir como disciplina aparte. Segundo este ponto de vista, pode-se falar em esoterismo associado às várias escolas e tendências que se desenvolveram no Ocidente na linha dos ensinamentos de Marsilio Ficino (1433-1499), de Pico della Mirandola (1463-1494) e de Johannes Reuchlin (1455-1522), esoterismo esse que floresceu, sobretudo, na Europa e nos séculos XVI e XVII. A sua principal característica é a rejeição da linguagem comunicativa como expressão da verdade, e a pretensão de que é nas camadas não-semânticas da linguagem que se oculta a antiga Sabedoria. Em extensão a este conceito, não se pode ignorar a importância do pensamento judaico e dos textos hebreus na Europa, cujo *torat hasod* (conhecimento esotérico) constituiu um corpo específico de tradições secretas na cultura judaica, no centro do qual, e a partir do século XIII, se encontra a Cabala, que teve uma influência de indiscutível relevo no esoterismo cristão.

Algumas referências:

ANES, José Manuel, *Re-Criações Herméticas*, Hugin Editores, Lisboa 1996.

ANES, José Manuel, e COSTA, Paula Cristina, «Os Mistérios do Povo Oculto», in *Portugal Misterioso*, Selecções do Reader's Digest, Lisboa 1998.

ANES, José Manuel, e MENDANHA, Victor, *O Esoterismo da Quinta da Regaleira*, Hugin Editores, Lisboa 1998.

ANES, José Manuel, «A Reabilitação Científica do Esoterismo», entrevista in LOUÇÃO, Paulo A., *A Alma Secreta de Portugal*, Ésquilo Edições e Multimédia, Lisboa 2002.

DAN, Joseph, «Christian Kabbalah: From Mysticism to Esotericism», in *Western Esotericism and the Science of Religion*, eds. Antoine Faivre & Wouter J. Hanegraaff, Peeters, Leuven 1998.

EDIGHOFFER, Roland, «La Rose-Croix: De la fabulation à la “tradition” maçonnique», in *Symboles et Mythes dans les mouvements initiatiques et ésotériques (XVII^e-XX^e siècles): Filiations et emprunts*, obra colectiva, Archè / La Table d'Émeraude, Neuilly-Seine 1999.

FAIVRE, Antoine, *Accès de l'ésotérisme occidental*, 2 vols., nova ed. revista, Éditions Gallimard, Paris 1996.

FAIVRE, Antoine, «Questions of Terminology proper to the Study of Esoteric Currents in Modern and Contemporary Europe», in *Western Esotericism and the Science of Religion*, eds. Antoine Faivre & Wouter J. Hanegraaff, Peeters, Leuven 1998.

FAIVRE, Antoine, «Histoire de la notion moderne de Tradition dans ses rapports avec les courants ésotériques», in *Symboles et Mythes dans les mouvements initiatiques et ésotériques (XVII^e-XX^e siècles): Filiations et emprunts*, obra colectiva, Archè / La Table d'Émeraude, Neuilly-Seine 1999.

HANEGRAAFF, Wouter J., *New Age Religion and Western Culture: Esotericism in the Mirror of Secular Thought*, E.J. Brill, Leiden/New York/Koeln 1996

HANEGRAAFF, Wouter J., «On the Construction of “Esoteric Traditions”», in *Western Esotericism and the Science of Religion*, eds. Antoine Faivre & Wouter J. Hanegraaff, Peeters, Leuven 1998.

HANEGRAAFF, Wouter J., «La fin de l'ésotérisme? Le mouvement du Nouvel Age et la question du symbolisme religieux», in *Symboles et Mythes dans les mouvements initiatiques et ésotériques (XVII^e-XX^e siècles): Filiations et emprunts*, obra colectiva, Archè / La Table d'Émeraude, Neuilly-Seine 1999.

RIFFARD, Pierre A., *L'ésotérisme : Qu'est-ce que l'ésotérisme? Anthologie de l'ésotérisme occidental*, Robert Laffont, Paris 1990.

RIFFARD, Pierre A., *Dicionário de Esoterismo*, Editorial Teorema, Lisboa 1994.

RIFFARD, Pierre A., «The Esoteric Method», in *Western Esotericism and the Science of Religion*, eds. Antoine Faivre & Wouter J. Hanegraaff, Peeters, Leuven 1998.